



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Isabella Cubas da Silva Cruz

**Avaliação afetiva da paisagem urbana para o andar da pessoa idosa: um
estudo em Florianópolis/SC**

Florianópolis

2025

Isabella Cubas da Silva Cruz

**Avaliação afetiva da paisagem urbana para o andar da pessoa idosa: um
estudo em Florianópolis/SC**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador(a): Prof.(a) Vanessa Casarin, Dr.(a)

Florianópolis

2025

Cruz, Isabella Cubas da Silva

Avaliação afetiva da paisagem urbana para o andar da
pessoa idosa : um estudo em Florianópolis/SC / Isabella
Cubas da Silva Cruz ; orientadora, Vanessa Casarin, 2025.
205 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Paisagem Urbana . 3.
Avaliação Afetiva . 4. Idosos. I. Casarin, Vanessa . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

Isabella Cubas da Silva Cruz

**Avaliação afetiva da paisagem urbana para o andar da pessoa idosa: um estudo
em Florianópolis/SC**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado, em 10 de junho de 2025,
pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profª Vanessa Casarin, Dra.

Universidade Federal de Santa Catarina

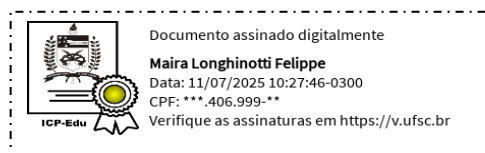
Profª Maíra Longhinotti Felipe, Dra.

Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Vanessa Goulart Dorneles Dr.(a)

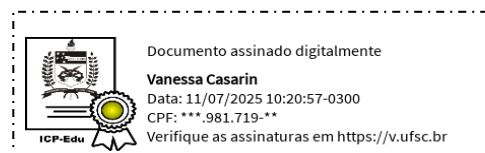
Universidade Federal de Santa Maria

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado
adequado para obtenção do título de Mestra em Arquitetura e Urbanismo.



Profª Maíra Longhinotti Felipe, Dra.

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação



Profª Vanessa Casarin, Dr.(a)

Orientadora

Florianópolis, 2025.

AGRADECIMENTOS

Sem suporte, eu não chegaria aqui sozinha. Começo esses agradecimentos agradecendo à professora Vanessa Casarin, minha orientadora. Vanessa, obrigada por toda paciência com meu processo e por sempre estimular os caminhos da minha pesquisa com muita atenção.

Agradeço à minha família, por todo suporte e parceria de sempre. Ao meu pai, Reinaldo, que, sob muitos km percorridos na estrada, sempre priorizou meus estudos e me deu asas e voo a grandes oportunidades. À minha mãe, Fabiana, por ser meu alicerce e minha casa, és o ser mais luminoso que conheço. À minha irmã Fernanda, por compartilhar a vida comigo, em todos os momentos.

Ao meu companheiro, Crizanto, agradeço pelos momentos de companheirismo, atenção e por ter a melhor comida do mundo, aquela que aquece o coração. Nos momentos de medo e ansiedade, você me lembrava da imensidão da vida além da pesquisa. Muito obrigada por cada momento de atenção que me deu. Sinto que, juntos, podemos dominar o mundo.

Aos meus amigos, agradeço por todo apoio na vida pessoal, profissional e acadêmica. Em especial, à Izabelle Leal e ao Lucas Biléssimo, pela nossa troca diária na arquitetura e na vida. Sem vocês, não seria possível.

Ao NETI – UNAPI por terem me recebido e por terem acreditado na minha pesquisa, em especial, à Barbara e à Ana Maria, obrigada, meninas! Vida longa ao NETI.

Agradeço à minha banca, professora Maíra e Vanessa, pelos encaminhamentos e atenção, para que assim pudesse alcançar resultados ainda melhores.

À Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pelo ensino público de excelência. Ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ), todo o corpo docente, pelas oportunidades proporcionadas, pela dedicação em transmitir e compartilhar conhecimento e pelo ensino de qualidade.

Por fim, agradeço a mim, pela resiliência.

Viva a ciência!

RESUMO

O envelhecimento populacional é um fenômeno crescente e demanda adaptações no ambiente urbano para promover a mobilidade e o bem-estar da pessoa idosa. Esta pesquisa tem como objetivo realizar uma avaliação afetiva da paisagem urbana de Florianópolis a partir da percepção de pessoas idosas durante seus deslocamentos a pé. A pesquisa adotou abordagem quali-quantitativa, dividida em duas etapas: uma revisão de literatura para definição dos critérios de seleção imagética, e a aplicação de foto-questionários a idosos residentes na cidade. Assim, o recorte da pesquisa e os cenários apresentados nas imagens foram selecionados com base em características do espaço urbano desejáveis ao deslocamento a pé da população idosa, como uso misto do solo, qualidade e acessibilidade das calçadas, presença e distribuição da vegetação no espaço urbano a partir do ponto de vista do pedestre. A construção dos questionários foi baseada no Modelo Circumplexo do Afeto de Russell (1980), no qual o autor buscou representar todos os diferentes estados afetivos em relação à avaliação paisagística. As imagens foram avaliadas por idosos com 60 anos ou mais residentes de Florianópolis, e posteriormente por um grupo controle, com o objetivo de validar os resultados com diferentes faixas etárias. Os resultados demonstraram que ambientes com maior permeabilidade visual, presença de vegetação e integração entre o espaço público e privado foram avaliados de forma mais positiva, gerando sensações de liberdade, conforto e bem-estar. Tipologias com ausência de recuos e barreiras visuais contínuas, por outro lado, foram percebidas como pouco convidativas e desestimulantes. A triangulação dos dados permitiu validar o Modelo Circumplexo do Afeto supracitado para o contexto urbano e cultural local, mostrando-se uma ferramenta alternativa para avaliar as emoções dos idosos em relação aos ambientes urbanos. A coerência entre os dados obtidos com o grupo de idosos e com o grupo controle indica a validade dos resultados para diferentes faixas etárias. Os resultados contribuem para a formulação de políticas públicas sob as necessidades da população idosa, incentivando o planejamento de cidades mais caminháveis, seguras, acessíveis e acolhedoras. Por fim, a pesquisa reafirma a importância de considerar a percepção afetiva dos usuários na concepção e qualificação do espaço urbano, especialmente no contexto do envelhecimento ativo.

Palavras-chave: paisagem urbana; avaliação afetiva; idosos.

ABSTRACT

Population aging is a growing phenomenon and requires adaptations in the urban environment to promote mobility and well-being for elderly. This research aims to conduct an affective evaluation of the urban landscape of Florianópolis from the perspective of elderly individuals during their pedestrian journeys. The study adopted a qualitative-quantitative approach, divided into two stages: a systematic literature review to define the image selection criteria, and the application of photo-questionnaires to elderly residents of the city. The urban scenarios presented in the images were selected based on attributes such as mixed land use, sidewalk quality, presence and distribution of vegetation, visual permeability of facades, and the relationship between public space and lot boundaries. The image analysis was also guided by the vertical plane categories proposed by Kohlsdorf (1996), which emphasize the importance of facade perception, setbacks, and intervolumetric relationships within the pedestrian's visual field. The construction of the questionnaires was based on Russell's Circumplex Model of Affect (1980), in which the author sought to represent all the different affective states in relation to landscape evaluation. The images were first evaluated by residents of Florianópolis aged 60 and over, and subsequently by a control group, in order to test the applicability of the methodology across different age groups. The results showed that environments with greater visual permeability, presence of vegetation, and integration between public and private space were evaluated more positively, generating sensations of freedom, comfort, and well-being. In contrast, typologies with no setbacks and continuous visual barriers were perceived as uninviting and discouraging. Data triangulation validated the Circumplex Model for the local urban and cultural context, confirming it as an effective and reliable tool for mapping the emotions of elderly in relation to urban environments. The consistency between results from the elderly group and the control group suggests that the methodology is applicable across diverse contexts and age ranges. The findings support the development of public policies that address the needs of the aging population, encouraging the planning of more walkable, safe, accessible, and welcoming cities. Ultimately, the research reinforces the importance of incorporating users' affective perceptions in the design and enhancement of urban spaces, particularly in the context of active aging.

Keywords: urban landscape; affective evaluation; elderly.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - População Idosa no Brasil (2010 e 2022)	16
Figura 2 - Diferentes plantas baixas	25
Figura 3 - Plantas baixas e paisagens resultantes	25
Figura 4 - Esquema síntese da visão serial	28
Figura 5 - Recintos e pracetas.....	30
Figura 6 - Ponto focal	30
Figura 7 - Perspectivas grandiosas	30
Figura 8 - Animismo.....	30
Figura 9 – Exemplo de estreitamento	32
Figura 10 – Exemplo de alargamento.....	32
Figura 11 - Exemplo de Envolvimento	32
Figura 12 - Exemplo de Amplidão.....	32
Figura 13 - Complexidade definida como uma percentagem ótima no estímulo e na resposta.....	34
Figura 14 - Gráficos de avaliação afetiva em relação à complexidade do espaço urbano.....	35
Figura 15 - Interesse e preferência em relação ao aumento da complexidade	35
Figura 16 - Modelo Circumplexo e seus respectivos estados emocionais....	37
Figura 17 - Uma representação espacial dos descritores da qualidade afetiva de ambientes.....	38
Figura 18 - Os três pilares do Envelhecimento Ativo	44
Figura 19 - Atividades físicas praticadas [estimulada e única, em %]	46
Figura 20 - Mapa de Zoneamento da área central de Florianópolis – SC	70
Figura 21 - Uma representação espacial dos descritores da qualidade afetiva de ambientes.....	72
Figura 22 - Deslocamento previsto e observado na avaliação do estímulo alvo induzido pela exposição prévia à Âncora A.....	73
Figura 23 - Mapa de uso do solo da área central de Florianópolis – SC	77
Figura 24 - Mapa com a localização das imagens selecionadas	79
Figura 25 – Relação respondentes do foto-questionário por idade e sexo...	85
Figura 26 - Matriz síntese da média por imagem	110

Figura 27 - Matriz síntese da média por categoria	111
Figura 28 - Matriz síntese ilustrando a posição das imagens no quadrante na categoria agradável.....	119
Figura 29 - Matriz síntese ilustrando a posição das imagens no quadrante na categoria monótona.....	122
Figura 30 - Matriz síntese ilustrando a posição das imagens no quadrante na categoria desagradável	125

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Mudanças decorrentes do processo de envelhecimento em diferentes aspectos	42
Quadro 2 - Quadro síntese referentes aos atributos de agradabilidade do espaço e da paisagem incentivadores da caminhada entre idosos de acordo com a revisão da literatura	53
Quadro 3 - Quadro síntese referentes aos atributos de desagradabilidade do espaço e da paisagem desencorajadores da caminhada entre idosos de acordo com a revisão da literatura	54
Quadro 4 - Exemplifica a forma como as perguntas relacionadas a uma determinada imagem serão apresentadas no questionário	74
Quadro 5 – Imagens das Categorias I.A e I.B	79
Quadro 6 – Imagens da Categoria II.A e II.B	80
Quadro 7 – Imagens da Categoria III.A e III.B	81
Quadro 8 - Imagens da Categoria IV.A E IV.B	81
Quadro 9 - Imagens da Categoria V.A E V.B	82
Quadro 10 - Imagens da Categoria VI	83
Quadro 11 - Quadro síntese dos resultados	86
Quadro 12 - Imagens da Categoria I.B. por média de agradabilidade	96
Quadro 13 - Imagens da Categoria VI por média de agradabilidade	97
Quadro 14 - Imagens da Categoria I.A. por média de agradabilidade	98
Quadro 15 - Imagens da Categoria II.A. por média de agradabilidade	100
Quadro 16 - Imagens da Categoria II.B. por média de agradabilidade	101
Quadro 17 - Imagens da Categoria V.A. por média de agradabilidade	102
Quadro 18 - Imagens da Categoria III.A. por média de agradabilidade	103
Quadro 19 - Imagens da Categoria III.B. por média de agradabilidade	104
Quadro 20 - Imagens da Categoria IB .B. por média de agradabilidade	105
Quadro 21 - Imagens da Categoria V.B. por média de agradabilidade	106
Quadro 22 - Validação do método de Russell na categoria agradável	114
Quadro 23 - Validação do método de Russell na categoria monótona	120
Quadro 24 - Validação do método de Russell na categoria desagradável .	124

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Percentual de idosos ativos no deslocamento, segundo sexo e idade	48
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NETI	Núcleo de Estudos da Terceira Idade
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PRINT	Programa Institucional de Internacionalização
SciELO On-line)	Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica
SESC	Serviço Social do Comércio
SP	São Paulo
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
1.1	OBJETIVOS	20
1.1.1	Objetivo Geral.....	20
1.1.2	Objetivos Específicos	20
1.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	20
1.3	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	21
2	REFERENCIAL TEÓRICO	22
2.1	A PAISAGEM URBANA.....	22
2.1.1	Elementos estruturadores da paisagem	24
2.1.2	Componentes da avaliação afetiva da paisagem: agradabilidade e estímulo (complexidade).	33
2.1.3	Avaliação afetiva da paisagem: o modelo circumplexo de Russell (1980)	36
2.2	A PESSOA IDOSA.....	40
2.2.1	Os deslocamentos urbanos a pé da pessoa idosa	45
2.3	A AGRADABILIDADE DA PAISAGEM PARA O ANDAR DA PESSOA IDOSA	52
2.3.1	Características do espaço/paisagem agradáveis ao andar do idoso...	55
2.3.2	Características do espaço/paisagem desagradáveis ao andar do idoso	61
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	66
3.1	REVISÃO DE LITERATURA (ETAPA DE GABINETE).....	67
3.2	FOTO-QUESTIONÁRIOS (ETAPA DE CAMPO).....	69
3.2.1	Definição do recorte do estudo	69
3.2.2	Participantes (amostra)	70
3.2.3	A construção do questionário (Modelo Circumplexo do Afeto de Russell)	71
3.3	LIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	83
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	84
4.1	CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES.....	84

4.2.1	CATEGORIA I.B Com vegetação no lote confrontante sem limite físico (área de lazer), sem vegetação no piso do passeio	95
4.2.2	CATEGORIA VI: Diferentes configurações de caminhos no interior de espaços recreativos com ou sem vegetação.....	97
4.2.3	CATEGORIA I.A Com vegetação no lote confrontante sem limite físico (área de lazer), com vegetação no piso do passeio	98
4.2.4	CATEGORIA II.A: Com vegetação no recuo do lote confrontante sem limite físico/ edificação, com vegetação no piso do passeio	99
4.2.5	CATEGORIA II.B: Com vegetação no recuo do lote confrontante sem limite físico/ edificação, sem vegetação no piso do passeio	100
4.2.6	CATEGORIA V.A: Sem recuo no lote confrontante e com vegetação no piso do passeio	101
4.2.7	CATEGORIA III.A: Com vegetação no recuo do lote confrontante com limite físico (em diferentes graus de permeabilidade visual) com vegetação no piso do passeio	102
4.2.8	CATEGORIA III.B: Com vegetação no recuo do lote confrontante com limite físico (em diferentes graus de permeabilidade visual) sem vegetação no piso do passeio	103
4.2.9	CATEGORIA IV.B: Sem vegetação no recuo do lote, sem vegetação no piso do passeio	104
4.2.10	CATEGORIA V.B: Sem recuo no lote confrontante e sem vegetação no piso do passeio	105
4.2.11	Síntese dos resultados e discussão da pesquisa.....	106
4.3	VALIDAÇÃO DO MODELO CIRCUMPLEXO DO AFETO DE RUSSELL .	113
4.3.1	Paisagens agradáveis.....	114
4.3.2	Paisagens monótonas	119
4.3.3	Paisagens desagradáveis	123
4.4	RESULTADOS GRUPO CONTROLE	126
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
	REFERÊNCIAS.....	131
	APÊNDICE A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	142
	APÊNDICE B – FOTO-QUESTIONÁRIO	148

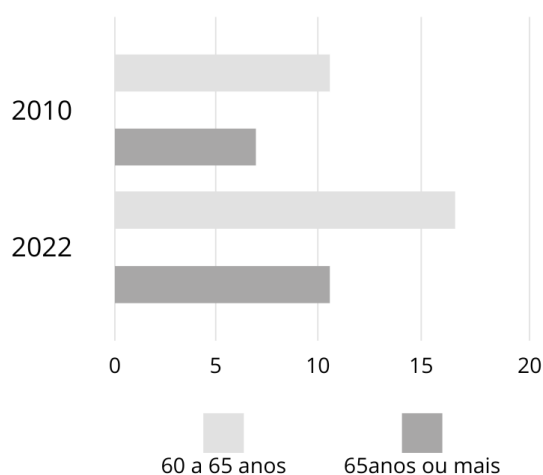
APÊNDICE C – QUADRO SÍNTESE DOS RESULTADOS DO JULGAMENTO DO PÚBLICO IDOSO.....	186
APÊNDICE D – QUADRO SÍNTESE DOS RESULTADOS DO GRUPO CONTROLE	193
APÊNDICE E – QUADRO SÍNTESE DOS RESULTADOS DO GRUPO GERAL (IDOSOS E GRUPO CONTROLE)	199

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é hoje um fenômeno universal, fazendo parte da realidade da maioria das sociedades, característico tanto dos países desenvolvidos como, de modo crescente, em países em desenvolvimento. Estima-se para o ano de 2050 que existam cerca de dois bilhões de pessoas com sessenta anos ou mais no mundo, a maioria delas vivendo em países em desenvolvimento (OMS, 2005).

Em 2022, segundo o IBGE (2022) o total de pessoas com 65 anos ou mais de idade no país, chegou a 10,9% da população, com alta de 57,4% frente a 2010. Já a população idosa de 60 anos ou mais é de (15,6%), um aumento de 56,0% em relação a 2010, quando era de 20.590.597 (10,8%), como ilustrado na figura a seguir.

Figura 1 - População Idosa no Brasil (2010 e 2022)



Fonte: IBGE (2022), elaborado pelo autor.

Os idosos são reconhecidos como uma população antropometricamente distinta, devido às diferenças que existem entre as quatro décadas que formam esse grupo que, cronologicamente, se inicia aos 60 anos e pode terminar depois dos 100 anos (Pfutzenreuter, 2014, p. 11).

À medida que o ser humano envelhece, é comum a diminuição na capacidade de adaptação comportamental e a dificuldades em atividades diárias.

Conforme a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005), o termo “Envelhecimento Ativo” é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas. O envelhecimento ativo permite que as pessoas

percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, e que essas pessoas participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades; ao mesmo tempo, propicia proteção, segurança e cuidados adequados, quando necessários.

O objetivo do envelhecimento ativo é aumentar a expectativa de uma vida saudável e a qualidade de vida para todas as pessoas que estão envelhecendo, inclusive as que são frágeis, fisicamente incapacitadas e que requerem cuidados (OMS, 2005).

O envelhecimento da população e a urbanização representam, ao longo do último século, o ápice do êxito do desenvolvimento humano. Mas representam, também, os principais desafios para este século. O aumento da expectativa de vida é fruto de ganhos fundamentais na saúde pública e nos padrões de vida (OMS, 2008).

Segundo a OMS (2008), especialmente os idosos necessitam de ambientes que os apoiem e capacitem, para lidar com as mudanças físicas e sociais decorrentes do envelhecimento. Adaptar as cidades para serem mais acolhedoras aos idosos é uma resposta crucial e lógica para promover o bem-estar e a participação dos idosos que vivem em áreas urbanas, ao mesmo tempo em que mantém o desenvolvimento próspero das cidades. Considerando que o envelhecimento ativo é um processo ao longo da vida, uma cidade amiga dos idosos se torna uma cidade inclusiva para todas as faixas etárias.

Fatores determinantes para um envelhecimento ativo são, segundo a OMS (2005), àqueles relacionados aos sistemas de saúde e de serviços sociais, ao comportamento, a aspectos pessoais, ao ambiente físico, ao ambiente social e fatores econômicos. Nos fatores relacionados ao ambiente físico, pode-se relacionar à atividade de caminhar da população idosa, seja para deslocamento ou lazer.

Ao se pensar em exercícios físicos realizados pela grande maioria das pessoas idosas, a caminhada pode ser considerada a principal atividade física desempenhada (IBGE, 2015; Bez Batti, 2022). Devido à perda da mobilidade com a idade, é importante trazer soluções que contemplem a acessibilidade de pessoas idosas no perímetro urbano. Para o ir e vir da pessoa idosa, aspectos físicos e psicológicos estão relacionados ao caminhar.

No entanto, o percentual de idosos que desempenham esta atividade pode ser considerado baixo (IBGE, 2015. D'orsi *et al.*, 2020). A caminhada como deslocamento, se refere a forma como os idosos se deslocam de um lugar para outro,

incluindo idas a serviços essenciais, como supermercados ou médicos. Já a caminhada para lazer, se refere às atividades físicas no qual o idoso faz unicamente por recreação, como exercícios ou lazer, considerados pelo menos 10 minutos contínuos e desconsiderando as atividades citadas na caminhada para deslocamento (EPIFLORIPA Idoso, 2009).

Diante a essa temática, é importante entender o comportamento dos idosos e suas limitações e o que deve ser estimulado ou evitado para garantir seu deslocamento com segurança.

Giehl (2014), analisou as associações entre a percepção do ambiente e as variáveis objetivas do ambiente construído com a prática da caminhada no lazer e como forma de deslocamento em idosos de Florianópolis. Os resultados indicam a percepção positiva desses aspectos ambientais, tais como calçadas em boas condições, parques e instalações de lazer no bairro, segurança durante ao dia e em relação ao trânsito e ruas bem iluminadas, associadas à caminhada de deslocamento. Já em caminhadas de lazer, a presença de calçadas, sensação de segurança em relação ao tráfego e ao crime, iluminação adequada nas ruas, existência de parques e áreas de lazer e suporte social.

De acordo com os estudos de Paiva Neto *et al.* (2021), as pessoas idosas apresentam um maior interesse pela caminhada quando percebem a presença de ruas planas e iluminadas, áreas verdes como parques e praças, faixas de segurança, calçadas e ciclovias gerando mais segurança para caminhar durante o dia.

Para Dorneles (2006), a falta de acessibilidade, de segurança, de infraestrutura e manutenção de áreas livres públicas de lazer são problemas que poderiam ser solucionados a partir de decisões projetuais. Ainda, destaca que os problemas encontrados nessas áreas públicas, não são exclusivos para a pessoa idosa, mas, considerando o processo de envelhecimento, esses problemas para um adulto, influencia apenas na paisagem urbana, mas para o idoso, pode causar riscos à saúde, relacionados a acidentes como desequilíbrios e quedas.

Já Souza (2022), em seu estudo de abordagem qualitativa, no qual foram aplicadas entrevistas em profundidade a uma pequena amostra de idosos provenientes da área metropolitana de Florianópolis, percebeu que este grupo gosta de se deslocar por paisagens que apresentam uso misto do solo, vegetação e caminhos acessíveis, dentre outros. No entanto, paisagens com estas características podem se apresentar com as mais diversas configurações espaciais, umas mais,

outras menos aprazíveis para o andar do idoso. Apesar disto, poucos estudos tratam de avaliar as diferentes configurações formais do espaço urbano, ou seja, os diversos cenários paisagísticos, para o andar do idoso.

Assim, esta pesquisa está centrada em desenvolver um estudo baseado em imagens, que possam traduzir em diferentes cenários (configurações espaciais) as características agradáveis e desagradáveis da paisagem para o andar do idoso, sintetizados a partir da literatura.

As características visuais dos espaços possuem impactos significativos no comportamento humano. Conhecida por avaliação afetiva (Nasar, 1988), estudos na área da psicologia têm se dedicado a avaliar e medir essa experiência emocional. Experimentar um ambiente, leva as pessoas a fazerem julgamentos subjetivos sobre ele, como, por exemplo, se o ambiente é agradável ou desagradável. Esses julgamentos são influenciados por suas experiências passadas, como memórias afetivas (Nasar, 1988), afinal o ambiente provoca emoções, e essas emoções interferem no uso do espaço (Detanico *et al.* 2019).

Essa avaliação afetiva é essencialmente a forma como as pessoas interpretam e atribuem qualidades emocionais ao ambiente ao seu redor. A qualidade afetiva atribuída a um ambiente é fundamental para compreendê-lo completamente, e é alcançada através de um processo de análise que envolve tanto aspectos cognitivos quanto afetivos.

Para Russell (1988) uma avaliação afetiva de um ambiente acontece quando o usuário interpreta o ambiente, formando opiniões sobre se ele é agradável, emocionante, prazeroso, entre outros. Para o autor, identificar um lugar como agradável, relaxante, estressante ou similar envolve atribuir a ele uma qualidade emocional, uma capacidade de influenciar o humor.

Nesta pesquisa, a paisagem é compreendida como tudo aquilo que se apresenta à nossa visão, ou seja, aquilo que podemos ver, ou seja, a paisagem é o conjunto do que é percebido através da visão, formando o cenário visível ao observador (Santos, 1991).

A avaliação afetiva proposta neste estudo levará em consideração o Modelo Circumplexo do Afeto de Russell (ver item 2.1.3).

Cabe destacar que esta pesquisa é parte do projeto CAPES-PRINT, Envelhecimento Saudável e Mobilidade Urbana, desenvolvido em parceria entre os

Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Educação Física e Saúde Coletiva, coordenado por este último.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Promover uma avaliação afetiva da paisagem urbana de Florianópolis, sob o olhar da pessoa idosa, para o caminhar urbano neste grupo.

1.1.2 Objetivos Específicos

- i) Sintetizar a partir da literatura atributos de agradabilidade (o que gosta e o que não gosta) da paisagem para o andar da pessoa idosa;
- ii) Levantar diferentes cenários urbanos, representativos em Florianópolis, que traduzam imagetivamente os atributos de agradabilidade da paisagem para o andar da pessoa idosa identificados na literatura;
- iii) Identificar, a partir do olhar da pessoa idosa, os cenários, representados através de imagens, mais e menos agradáveis e estimulantes para seus deslocamentos urbanos;
- iv) Validar o método de pesquisa adotado, Modelo Circumplexo do Afeto de Russell (1980), em Florianópolis.

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta pesquisa, de abordagem quali-quantitativa, envolveu, como técnica de coleta de dados, uma revisão de literatura e a aplicação de foto-questionários construídos a partir do Modelo Circumplexo do Afeto de Russell (1980).

Russell (1980) propôs este modelo baseado na ideia de que todos os diferentes estados afetivos (emoções) pudessem ser representados de modo circular em um plano (um plano cartesiano) composto por dois eixos (horizontal e vertical) com dimensões bipolares em que se avalia a **agradabilidade (pleasant/unpleasant)** do

ambiente, no eixo horizontal, e o nível de **estímulo (arousing/sleepy)** do ambiente, no eixo vertical, em diferentes escalas de valência.

Este modelo circunplexo é dividido espacialemente em quatro quadrantes e oito octantes (nos quais a diversidade de emoções e sentimentos possíveis em relação aos ambientes foi categorizada pelo autor).

Estas dimensões e categorizações representadas no Modelo Circumplexo ajudam a capturar a variedade de respostas emocionais que um ambiente pode provocar nos indivíduos de um modo mais objetivo.

Este modelo de avaliação afetiva é mais bem explicado nos itens 2.1.2 e 2.1.3 desta dissertação.

1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A pesquisa será dividida em cinco capítulos conforme estruturação apresentada a seguir:

Capítulo 01 – INTRODUÇÃO: Neste capítulo, será feita uma contextualização do problema de pesquisa, incluindo os objetivos, bem como a questão norteadora do trabalho, a delimitação e a estrutura do estudo.

Capítulo 02 – REFERENCIAL TEÓRICO: Aqui, será apresentado o embasamento teórico da pesquisa, através de uma revisão bibliográfica e uma análise do estado da arte relacionada ao tema.

Capítulo 03 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: Este capítulo descreverá os procedimentos metodológicos adotados, destacando que a pesquisa é de natureza qualitativa e quantitativa, sendo dividida em duas etapas.

Capítulo 04 – RESULTADOS E DISCUSSÃO: Serão apresentados os resultados obtidos na pesquisa e realizados debates em confronto com a literatura existente, permitindo uma análise crítica das descobertas.

Capítulo 05 – CONSIDERAÇÕES FINAIS: Neste último capítulo, serão expostas as conclusões derivadas do trabalho, bem como recomendações para futuras pesquisas.

Por fim, encontram-se as referências utilizadas, apêndices e anexos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa se debruça sobre o conceito de paisagem, sobretudo a urbana, o modo de avaliação afetiva da paisagem, e a entender a pessoa idosa e suas preferências visuais em relação à paisagem, para seus deslocamentos urbanos.

2.1 A PAISAGEM URBANA

A paisagem, nesta pesquisa, é entendida como, tudo o que se pode ver, segundo o que coloca Santos (1991). Ainda, segundo o autor, a paisagem não é estática ou imutável. À medida que a sociedade passa por mudanças econômicas, sociais e políticas, o espaço físico e a paisagem também se alteram, adaptando-se às novas exigências e demandas da sociedade.

Entende-se que, para esta pesquisa, tanto os elementos que compõem a paisagem quanto a interpretação do conceito de preferência visual urbana, se fazem necessários.

A paisagem surge de um processo contínuo de acumulação, que se estende ao longo do espaço e do tempo, sendo uma unidade sem ser totalitária. Ela é composta por uma mistura de elementos e períodos históricos, formando um mosaico de objetos e momentos datados. Além disso, a paisagem está em constante transformação, refletindo tanto seus aspectos visíveis quanto uma estrutura espacial subjacente, muitas vezes invisível, que é moldada pela interação entre a paisagem e a sociedade (Santos, 1997).

Travassos & Amorim Filho (2001), identificam a definição da paisagem como fundamentada em características visuais, como valores estéticos e elementos cênicos. Contudo, com o passar do tempo e a vivência de diversas experiências, a avaliação da paisagem pode evoluir, incorporando padrões de qualidade ambiental e de vida.

Para Veras (1995), a abordagem da paisagem pode ser realizada de três formas distintas: primeiramente, como um sistema definido pela interconexão de seus elementos concretos, sejam eles naturais ou culturais. Em segundo lugar, pode ser compreendida como expressões metafóricas sensoriais. E, por fim, pode-se entender

a paisagem como resultado da interação entre essas abordagens, isto é, como um produto da interação entre o homem e seu ambiente.

A paisagem é uma representação que emerge da percepção individual, influenciada por uma série de filtros, como fisiológicos, psicológicos, socioculturais, econômicos e memórias recorrentes (Gomes, 2001). Por outro lado, Yázigi (1999) argumenta que a paisagem não está intrinsecamente ligada à noção de espaço, mas é continuamente reconfigurada de acordo com os padrões locais de produção, sejam eles sociais, culturais ou geográficos. A relação entre o ser humano e o mundo físico, conforme Barracho (2001), não apenas reflete seus propósitos, mas também é influenciada pelos processos cognitivos.

Segundo Santos (1991), é fundamental distinguir entre paisagem e espaço. Enquanto a paisagem representa o ambiente físico e suas características visíveis, o espaço transcende essa definição ao incluir a interação da sociedade com a paisagem, incorporando assim a dimensão do movimento. O espaço é resultado da soma entre a paisagem e a vida que nela ocorre, concebendo o espaço como o produto da constante interação entre a configuração territorial e a dinâmica social, englobando tanto elementos fixos, como os instrumentos de trabalho e as forças produtivas, quanto fluxos, que se referem ao movimento e à circulação dentro desse contexto.

Conforme De Oliveira (1999), a paisagem é o resultado da interação entre os processos naturais e as atividades humanas, refletindo-se na escala da percepção humana.

Roberto Boullón (2002) discute que a percepção da paisagem urbana não ocorre de forma instantânea, mas se desenvolve gradualmente à medida que o observador acumula, ao longo de várias experiências, as informações transmitidas pelo espaço físico por meio de uma série de elementos visuais que ele reconhece e armazena em sua memória. Nessa mesma linha, Kevin Lynch (1997) concorda ao afirmar que a percepção da imagem urbana não é holística, mas sim fragmentada, sendo influenciada por diversas condições de natureza sensorial, envolvendo quase todos os sentidos do observador.

Dado que a paisagem urbana é principalmente moldada pelas ações humanas no ambiente, sua compreensão e organização têm sido alvo de diversas pesquisas. Esses estudos buscam novas perspectivas teóricas e metodológicas, com o objetivo

de criar métodos e técnicas que possam aprimorar a qualidade do ambiente nas cidades.

Neste estudo, a ênfase é dada à componente visual da paisagem, ou seja, aquilo que é perceptível à vista. No entanto, é importante reconhecer que, dado o significado característico na paisagem, o que se visualiza dela e o que se experimenta, bem como os valores atribuídos a ela, frequentemente estão interligados e não podem ser separados de forma clara (Ferrara, 1993, 2000). É este significado que molda a avaliação afetiva da paisagem por um dado observador que a visualiza (Nassar, 1998).

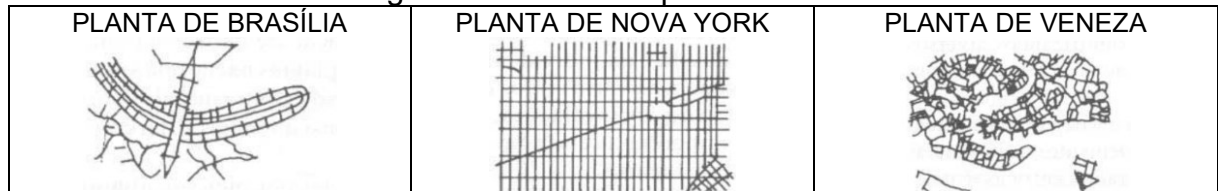
2.1.1 Elementos estruturadores da paisagem

As categorias morfológicas estruturais classificaram os elementos em seis grupos distintos (Kohlsdorf, 1996). A primeira categoria se concentra no sítio físico, investigando como a paisagem natural influencia a formação dos lugares. Ela abrange tanto elementos naturais quanto aqueles moldados pelas intervenções humanas, moldando a estética e a composição dos lugares. Como primeiro exemplo, o solo, categoria morfológica onde observa o papel do relevo na composição geológica. O sistema hídrico examina a configuração de rios, córregos, lagos, entre outros corpos d'água. Quanto à vegetação, considera-se o papel das plantas na formação dos lugares através de suas características morfológicas, como forma e proporção. Por sua vez, o clima é o elemento de definição morfológica dos locais, transmitindo condições de luz, sombra e exposição solar que afetam a percepção das formas (Kohlsdorf, 1996).

A categoria planta baixa, por analogia, significa um corte analítico no espaço considerado, projetado ortogonalmente no plano horizontal. A configuração da planta baixa pode ser compreendida através de três elementos de análise: tipos de malha, tipos de parcelamento e relações entre cheios e vazios. Os tipos de malha referem-se à identificação dos eixos principais de circulação na planta baixa, formando uma rede de linhas principais. Os tipos de parcelamento tratam da forma como o terreno é dividido para diferentes tipos de ocupação, seja para construções ou espaços abertos. Por último, a relação entre áreas ocupadas e vazias examina a composição entre a base, representada pelo terreno livre de construção, e as estruturas construídas,

observadas em sua disposição no plano horizontal (Kohlsdorf, 1996). As configurações estão ilustradas a seguir.

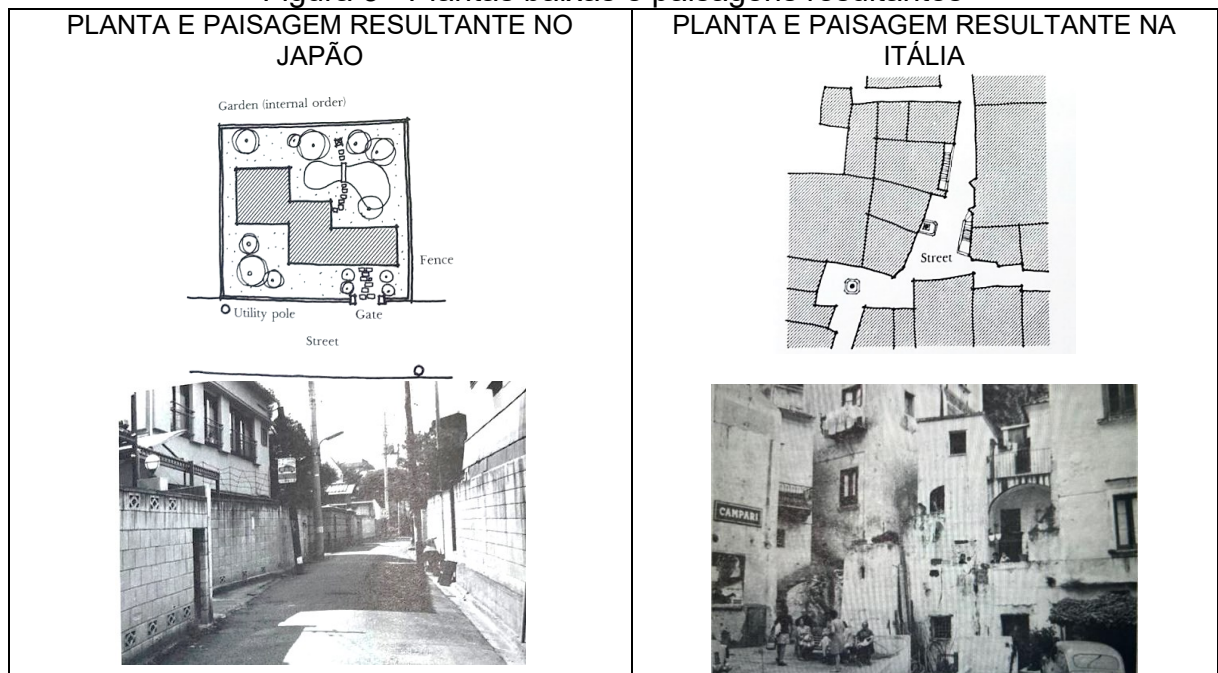
Figura 2 - Diferentes plantas baixas



Fonte: Kohlsdorf, 1996.

Diferentes configurações de plantas baixas, produzem diferentes paisagens, como é possível observar nas imagens de Ashihara (1983), figura 3, e por consequência, diferentes avaliações afetivas no observador.

Figura 3 - Plantas baixas e paisagens resultantes



Fonte: Adaptado de [Ashihara], [The Aesthetic Townscape], p. 40 (planta baixa do Japão) e p. 43 (planta baixa da Itália).

A categoria de análise dos conjuntos de planos verticais se dedica à apreciação estética das projeções ortogonais no plano vertical, que comumente revelam cortes e fachadas. Nesse contexto, as formas dos edifícios são estudadas, destacando-se as linhas de coroamento, o sistema de pontuação e as linhas de força. As linhas de coroamento delineiam as formas superiores, criando um contraste com o

fundo e enfatizando a sua silhueta, enquanto o sistema de pontuação representa as variações de altura na composição das formas. Ademais, esta análise considera os atributos morfológicos dos edifícios em relação à sua localização, incluindo relações inter volumétricas, interações com o lote e espaço público, volumetria, fachadas, dimensões, proporções, zoneamento, coroamento, aberturas, materiais, cores, texturas e elementos decorativos (Kohlsdorf, 1996).

A categoria de elementos complementares contém os demais elementos de configuração do espaço urbano, como construções menores, entre outros. Esta categoria inclui elementos de sinalização e propaganda, como placas informativas e anúncios, além de pequenas estruturas como bancas de jornal e abrigos de transporte público. Além disso, abarca os mobiliários urbanos, como bancos em áreas públicas, lixeiras e postes, que desempenham funções práticas e estéticas na paisagem urbana.

Por fim, a última categoria, é a categoria de estrutura interna do espaço, na qual se refere a constituição plástica das unidades morfológicas, as partes que compõem o todo, as relações configurativas dessas partes com o entorno, e as conexões entre elas. Nesta categoria, é abordada a estrutura interna como as diferentes partes que se relacionam entre si e com o contexto ao redor, formando assim, a configuração espacial.

Para Lynch (1997), o conceito de legibilidade é uma forma facilitada de visualizar e reconhecer uma cidade, atribuída a aspectos visuais da paisagem. Atrelado a isso, o autor definiu cinco elementos visuais que acabam tornando os espaços urbanos mais legíveis, ou seja, uma forma organizada de visualizar os espaços urbanos:

- Caminhos: são variados trajetos que o observador registra na imagem dos lugares. Por serem básicos na formação das representações mentais, é por meio deles que as informações morfológicas são percebidas e memorizadas.

- Bairros: são áreas em estudo ou partes da cidade. Segundo o autor, a principal característica dos bairros é suas temáticas de continuidade, conjunto de formas, atividades significadas específicas, o que torna individual em relação aos demais.

- Limites: são caracterizados como elementos lineares, constituem-se em rupturas entre duas partes do espaço urbano.

- Pontos focais: são elementos de imagem que na versão do autor, caracterizam-se mais pelo uso do que pela forma dos lugares.

- Marcos visuais: pontos de referência exterior ao observador. Suas principais características são a singularidade e o contraste em relação ao entorno, por isso, podem ser analisados pela relação entre figura e fundo.

Portanto, a legibilidade possibilita que os indivíduos identifiquem e organizam mentalmente o ambiente urbano. Assim, é possível registrar informações morfológicas, memorizar a estrutura da cidade, identificar áreas específicas, como bairros, com características próprias que os distinguem dos demais, perceber rupturas e limites entre diferentes partes do espaço urbano (Lynch, 1997).

O conceito de paisagem urbana refere-se à arte de organizar visualmente os diversos elementos que compõem a cidade, como edifícios, ruas, praças e espaços públicos, de forma a criar uma unidade estética e funcional (Kohlsdorf, 1996). De acordo com a autora, esta ligação reflete o elo existencial dos indivíduos com o mundo ao seu redor quando percebem os lugares. Este fenômeno vai para além da simples imagem percebida, abrangendo também as expectativas emocionais e afetivas associadas.

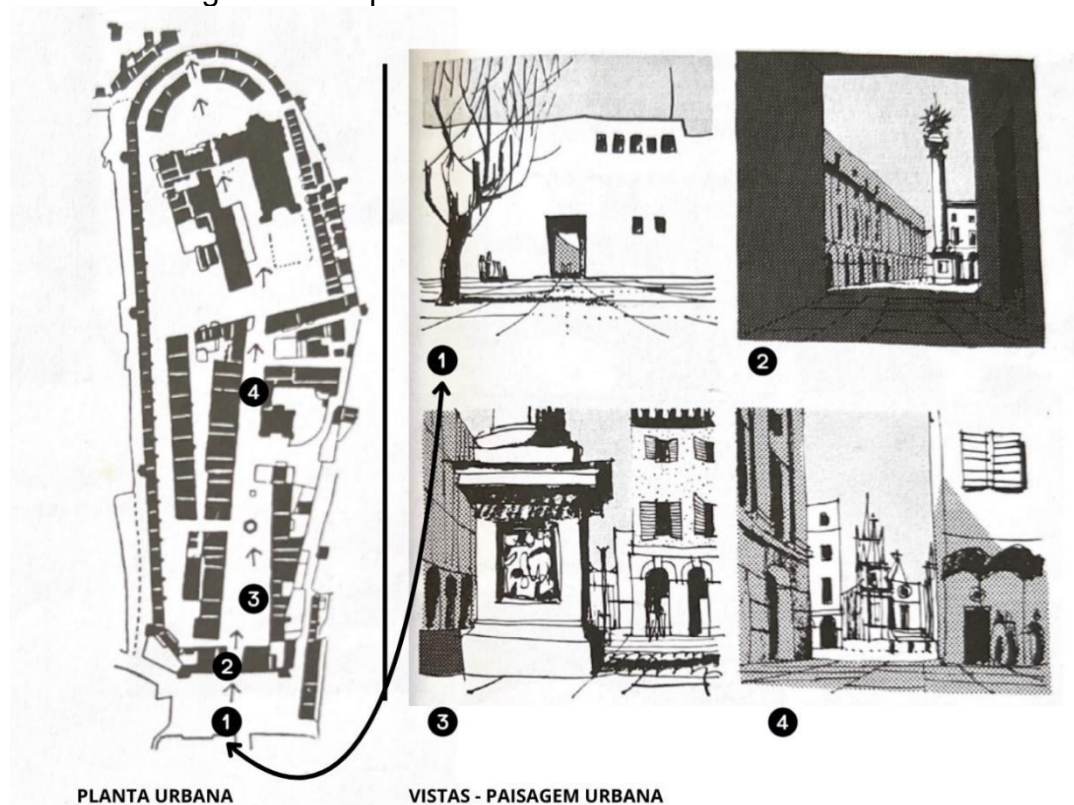
De acordo com Careri (2013), o corpo desempenha um papel fundamental nos espaços urbanos ao adotar uma abordagem nômade através do ato de caminhar, conceituado como "*walkscapes*". Nesse contexto, a "transurbância" representa a leitura da cidade a partir da perspectiva da "errância". Desde os anos 1990, Careri tem promovido o caminhar em diversas cidades europeias como uma forma de interagir com os fenômenos urbanos emergentes, envolvendo grupos de alunos e pesquisadores.

O ato de caminhar é considerado por Careri como um processo cognitivo e criativo com o poder de transformar tanto o espaço natural quanto o humano, tanto simbolicamente quanto fisicamente. Ele narra a história da percepção da paisagem através dessa prática, destacando suas diversas manifestações artísticas, que são vistas como uma forma autônoma de arte e como um meio de conhecer e transformar o espaço que se atravessa.

Careri, assim como com Cullen (1983), promove o percurso como uma expressão estética disponível para a arquitetura e a paisagem, possibilitando a narrativa do espaço percorrido como uma estrutura narrativa que pode ser útil como instrumento tanto cognitivo quanto projetual.

Por sua vez, Cullen (1983), apresenta os eixos visuais com o conceito de “visão serial” (figura 4). A abordagem da visão serial consiste em uma metodologia de análise da paisagem urbana que se fundamenta na percepção visual do espaço e na sequência de experiências visuais. Os eixos visuais representam os trajetos percorridos pelo pedestre, sendo delineados de modo a estabelecer uma conexão visual entre os diversos elementos da paisagem urbana. Os eixos visuais oferecem um meio de organizar e estruturar o ambiente urbano de maneira a proporcionar uma experiência visualmente agradável e emocionalmente cativante para o pedestre.

Figura 4 - Esquema síntese da visão serial



Fonte: Adaptado de Cullen (1983, p. 19).

Assim, para ilustrar os impactos visuais da cidade sobre seus habitantes, Cullen reconstituiu o percurso visual em série que um pedestre poderia experimentar. Ao adentrar um conjunto de edifícios, suas perspectivas revelam o potencial dos ambientes urbanos em evocar um forte apelo visual. Nesse sentido, Lopes & Rocha (2020) comentam que o conceito de paisagem urbana se refere à habilidade de tornar o emaranhado de edifícios, ruas e espaços, coerente e visualmente organizado.

Para explorar como os impactos emocionais se manifestam nos indivíduos, Cullen utiliza três categorias principais: **ótica**, **local** e **conteúdo**. A **ótica** é obtida através da visão serial, compreendendo percepções sequenciais da visão em movimento nos espaços urbanos. A paisagem urbana é apreendida através de descobertas e experiências no ambiente urbano. A categoria **local** diz respeito às emoções e às possíveis apropriações das pessoas em locais específicos, relacionadas às reações individuais conforme o sentido de pertencimento. Por fim, o fator **conteúdo** refere-se à própria extensão da cidade, incluindo seus aspectos como cor, textura, escala, estilo, natureza, personalidade e todos os elementos que a tornam única e distinta (Cullen, 1983, p. 11). Em outras palavras, isso se alinha ao conceito que Lynch (1997) denomina como a identidade do lugar.

Com base no conceito de paisagem como elemento organizador do espaço urbano, Cullen, apresenta elementos que constituem a linguagem visual da paisagem urbana. Tais elementos, caracterizam atributos da paisagem na qual influenciam a percepção dos indivíduos em relação à cidade.

Denominado como **recintos, pátios e pracetas** (figura 5), o autor identifica esses espaços pela escala humana, geralmente estão situados próximo a ruas de circulação, pontuado por árvores e bancos, onde os pedestres podem descansar e ter contato social.

Ponto focal (figura 6) pode ser um elemento físico, como uma edificação ou um monumento, caracterizado como um foco visual na paisagem. Este é um conceito que se refere a um ponto específico no campo visual que chama a atenção do observador.

As **perspectivas grandiosas** (figura 7), como uma perspectiva visual dos eixos monumentais, é uma composição visual que cria a sensação de imensidão, grandiosidade e onipresença na paisagem.

Outro termo abordado pelo autor, é o **animismo** (figura 8), no qual é atribuído a criar um sentido de vida ou espírito aos elementos urbanos, como edifícios ou ruas.

Figura 5 - Recintos e pracetas



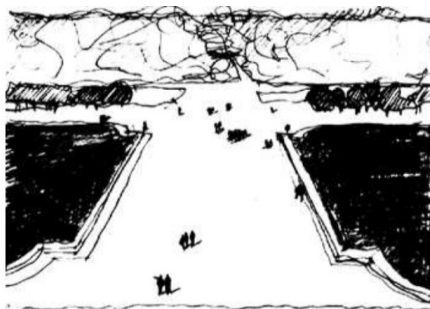
Fonte: Cullen (1983, p. 27).

Figura 6 - Ponto focal



Fonte: Cullen (1983, p. 28).

Figura 7 - Perspectivas grandiosas



Fonte: Cullen (1983, p. 43).

Figura 8 - Animismo



Fonte: Adaptado por Adam (2007) de Stroeter (1986).

Em continuidade, Kohlsdorf (1996) discute que para entender um espaço urbano, é preciso considerar não apenas os edifícios e a configuração da cidade, mas também como as pessoas percebem e interagem com esses espaços. A autora sugere que se deve observar os lugares como composições, ou seja, como um conjunto de elementos que se relacionam entre si para formar um todo significativo.

Essa visão de composição e totalidade se fundamenta na Teoria da Gestalt, também conhecida como "Teoria da Configuração". Segundo essa teoria, a distinção entre um objeto com forma e algo amorfo ocorre pelo contraste entre composição e aglomeração, sendo que apenas no primeiro caso se pode discernir um sentido claro. Existem três vertentes principais que analisam a morfologia dos espaços urbanos em relação a diferentes aspirações e propósitos: estética, psicossocial e informacional.

Na vertente estética, a ênfase recai sobre a forma dos lugares em consonância com as expectativas estéticas dos grupos sociais. Aqui, a arquitetura é concebida como uma expressão de beleza, defendendo a importância da estética nos edifícios, juntamente com conceitos de resistência e funcionalidade. A vertente psicossocial analisa como a forma dos lugares influencia as experiências emocionais

e sociais dos usuários. Considera-se que os lugares têm a capacidade de evocar uma variedade de sentimentos, como hospitalidade, alegria, frieza, monotonia e estímulo, afetando as interações sociais e a segurança emocional dos indivíduos. Por fim, a vertente da informação concentra-se na forma dos lugares em relação às expectativas de informação. Destaca-se a configuração dos lugares como uma fonte de informação que se manifesta por meio de sinais sociais, contribuindo para a formação da imagem social do espaço. Enfatiza-se como o espaço físico se converte em espaço social, transmitindo mensagens e símbolos que refletem aspectos culturais, históricos e sociais (Kohlsdorf, 1996).

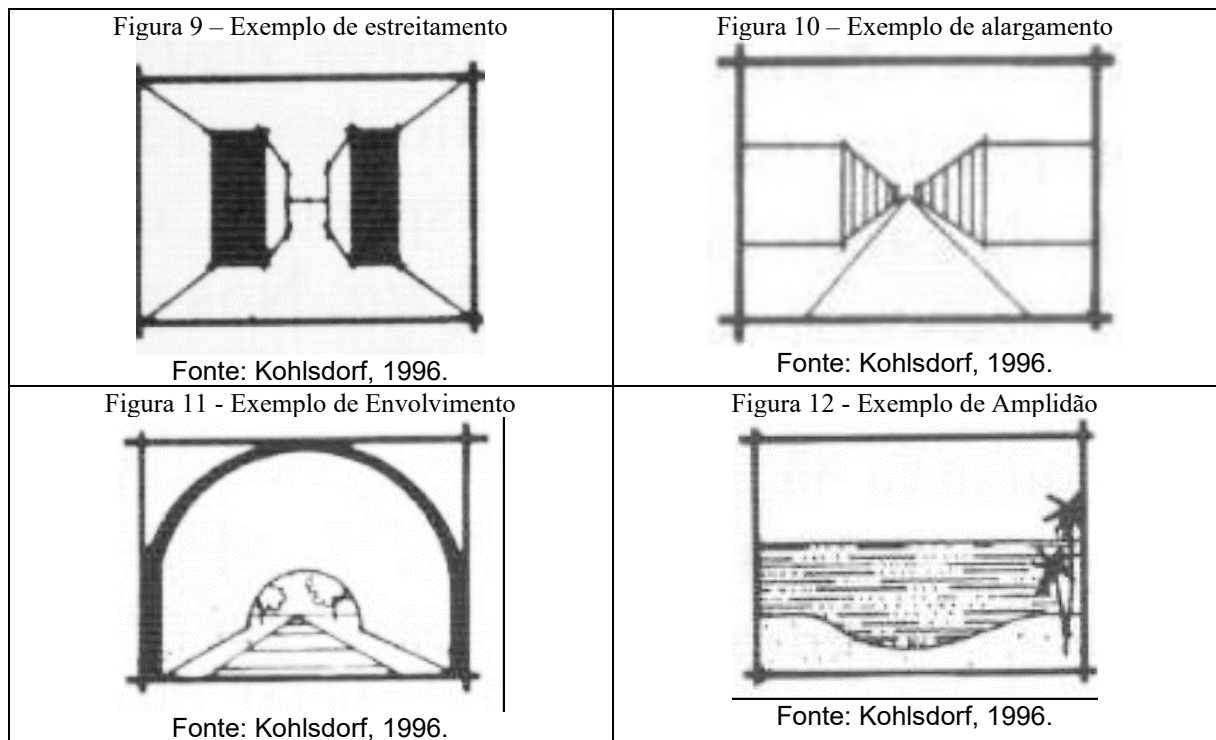
Ainda, segundo a autora, o espaço urbano se configura como uma totalidade complexa, formada por práticas sociais, formas, atividades e significados. Kohlsdorf (1996), traz a sensação e a percepção como definições para entender o espaço. As sensações são responsáveis pelo primeiro contato com os lugares, representando a ligação mais direta da consciência com a realidade e auxilia na orientação dentro do ambiente. Por sua vez, são as sensações que constituem a matéria-prima da percepção, onde é capaz de transformar em uma imagem clara da realidade.

Conforme Kohlsdorf (1996), a compreensão dos lugares é influenciada pelas diferentes formas que eles assumem, o que implica em condições distintas para sua apreensão. Os lugares apresentam desempenhos cognitivos específicos, ou seja, têm potencialidades que os indivíduos precisam compreender. Alguns lugares podem ser favoráveis a certos atributos, enquanto outros são desfavoráveis a outros. A interação com as informações do lugar envolve atividades fundamentais e interdependentes, como assimilação, adaptação, imitação e identificação, que estabelecem conexões entre o indivíduo e o meio, promovendo a afirmação e a integração social.

Ainda, a autora cita a técnica de Análise Sequencial, na qual é uma abordagem que visa capturar os elementos e relações distintivas da percepção do espaço, representando a transição do que é visto para o que é percebido. Esta técnica se divide em três conjuntos de eventos, o primeiro, eventos gerais, nos quais englobam as principais características sequenciais derivadas do movimento, como as estações e os intervalos. As estações representam momentos durante o percurso onde há um registro perceptivo, definido por intervalos de tempo e/ou espaço. Depois, os campos visuais que correspondem a cada estação representam uma porção de espaço vista pelo observador. E por fim, os efeitos visuais, os quais representam a

forma como a realidade é percebida, produzindo a estruturação topológica e perspectiva do espaço percebido, sendo considerados eventos na análise sequencial.

São descritas técnicas e elementos utilizados para direcionar a atenção do espectador, criar impacto visual e transmitir mensagens de forma eficaz. O estreitamento e alargamento referem-se ao uso de diferentes larguras para guiar o olhar (figura 9 e 10). O envolvimento e a amplidão envolvem a sensação de profundidade e espaço (figura 11 e 12). O direcionamento direciona o olhar para um ponto específico. O impedimento cria barreiras visuais. O emolduramento destaca o conteúdo. O mirante oferece diferentes perspectivas. O realce destaca elementos importantes. O efeito em "Y" é uma técnica de composição que direciona o olhar em diferentes direções, criando dinamismo visual. Esses conceitos são fundamentais para a criação de composições visualmente impactantes e eficazes, conforme abordado por Kohlsdorf (1996).



Para esta pesquisa, é importante destacar que cada uma destas composições formais evoca diferentes avaliações afetivas em seus observadores.

Nasar (1998), por exemplo, encontrou em suas pesquisas sobre a avaliação afetiva da paisagem, onde os participantes de seu estudo preferiam paisagens que promoviam a sensação de amplidão e alargamento. Encontrou ainda que os

participantes apresentaram atributos que o agradam e desagradam na paisagem, os quais foram classificados em cinco tipos de atributos ambientais: paisagem natural, manutenção urbana, abertura em relação à vista, significância histórica e ordem.

- Paisagem natural: refere-se à presença de vegetação, água ou montanhas. Os entrevistados relataram gostar de locais como campos, rios, lagos, corpos hídricos e montanhas.

- Manutenção urbana: refere-se à manutenção das áreas urbanas. Os entrevistados relataram que gostam de lugares para limpeza e manutenção.

- Abertura em relação à vista. As pessoas frequentemente relataram vincular os lugares pela presença de espaços abertos e livres.

- A significância histórica refere-se a lugares percebidos como tendo significado histórico.

- Ordem refere-se ao grau em que os entrevistados sentem que uma área organizada visualmente, relatando que gostaram de sua ordem visual, referindo-se à ordem, coesão e compatibilidade.

Quanto às avaliações das paisagens desagradáveis, as características geralmente são o oposto das positivas: construções feitas pelo homem, destruição, desordem e espaços sem o teor histórico/cultural (Nasar, 1998).

2.1.2 Componentes da avaliação afetiva da paisagem: agradabilidade e estímulo (complexidade).

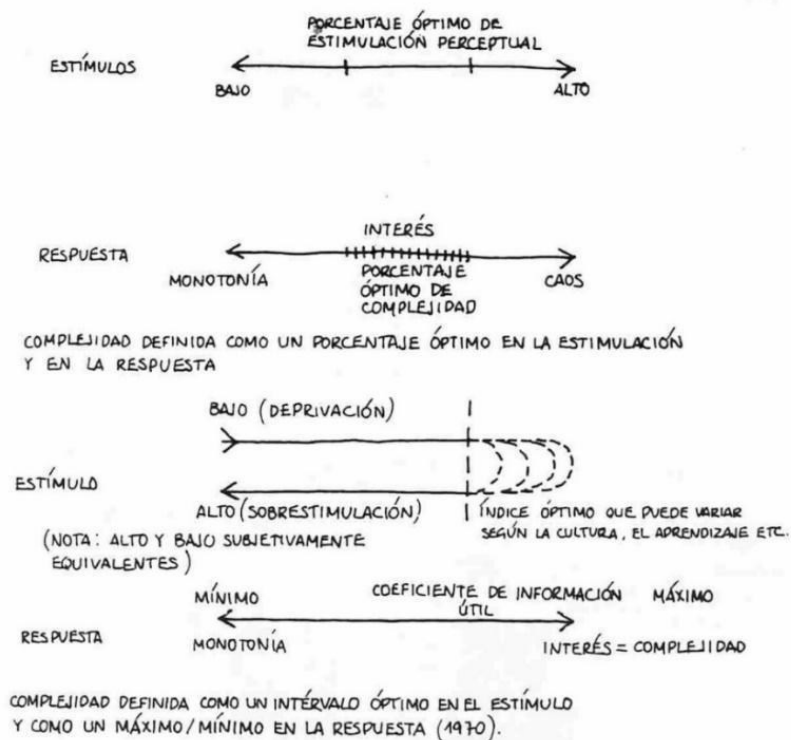
Kaplan e Kaplan (1989) definem o julgamento ambiental como produto de dois processos relacionados à sobrevivência humana: “envolvimento” e “fazer sentido”, pois um ambiente precisa ser atrativo para captar a atenção e compreensível para que se possa interagir com ele. A complexidade e a coerência são atributos visuais importantes do ambiente urbano, associados, respectivamente, a esses processos.

A diversidade de elementos e sua diferenciação na paisagem caracterizam a **complexidade**. Uma paisagem com pouca complexidade tende a ser percebida como monótona e estressante, enquanto um nível intermediário de complexidade é possivelmente mais agradável (Berlyne, 1972; Wohlwill, 1976; Nasar, 2000).

A complexidade da paisagem está associada ao nível de **estímulo** que se oferece ao observador, como é possível observar no esquema de Rapoport (1978),

representado na figura a seguir. Nela, é possível perceber que tanto cenários com privação de estímulo (baixa complexidade) quanto cenários com superestimulação (alta complexidade) geram respostas semelhantes no observador, uma vez que o indivíduo deixa de responder a cenários com excesso de estímulo.

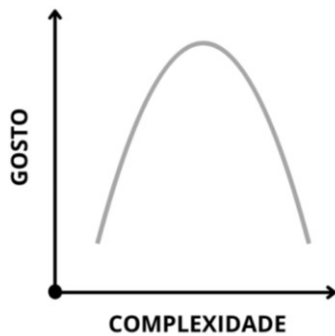
Figura 13 - Complexidade definida como uma percentagem ótima no estímulo e na resposta



Fonte: Rapoport (1978, p.197).

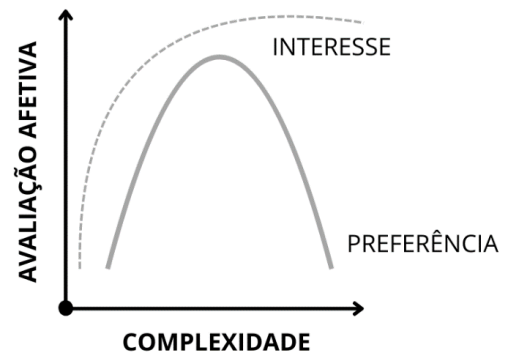
Para Rappoport, (1978), assim como para Nasar (1998) a relação da avaliação afetiva com a complexidade se dá em uma função em U, como mostram as figuras que seguem.

Figura 14 - Gráficos de avaliação afetiva em relação à complexidade do espaço urbano



Fonte: Adaptado de Rapoport (1978, p.199).

Figura 15 - Interesse e preferência em relação ao aumento da complexidade



Fonte: Adaptado de Nasar (1998, p.75).

Assim, quando se fala da preferência do usuário por uma determinada paisagem, uma certa grau de complexidade é possivelmente mais agradável, isso acontece, devido às variáveis relacionadas, como a riqueza visual, ornamentos, quantidade de informações, diversidade e variedade, como indicam os estudos de Kaplan e Kaplan (1978), Nasar (1988, 1998), Rapoport (1978) e Salingaros (2006).

A **coerência**, como um componente da **ordem**, elemento essencial na avaliação afetiva da paisagem segundo Nasar (1998), é definida como o grau em que a cena se encaixa, referindo-se ao quanto a cena é mais bem organizada, harmoniosa e bem integrada. Isso envolve fatores que facilitam a organização e a compreensão da imagem, contribuindo para reduzir a incerteza e aumentar sua beleza ou **agradabilidade** (Kaplan; Kaplan, 1989).

Considerando que é possível avaliar afetivamente paisagens a partir destes dois componentes, agradabilidade (prazer sensorial) e estímulo (complexidade), Russell (1980), desenvolveu um modelo circunplexo para a avaliação afetiva de ambientes, apresentado no item subsequente.

2.1.3 Avaliação afetiva da paisagem: o modelo circumplexo de Russell (1980)

Para Russell (1988) uma avaliação afetiva de um ambiente acontece quando o usuário interpreta o ambiente, formando opiniões sobre se ele é agradável, emocionante, satisfatório, entre outros. As avaliações afetivas, portanto, assemelham-se tanto às emoções quanto às cognições.

Segundo Russell (1988), para compreender as avaliações afetivas, é necessário ter conhecimento em pelo menos três áreas relacionadas: (1) compreender a natureza das próprias avaliações afetivas, incluindo maneiras de descrevê-las e avaliá-las; (2) explorar como essas avaliações afetivas se relacionam com as características físicas ou objetivas dos ambientes; e (3) analisar como as avaliações afetivas se interligam com outros processos psicológicos, como comportamento, emoção e cognição.

Identificar um lugar como agradável, interessante, estressante ou similar envolve atribuir a ele uma qualidade emocional, uma capacidade de influenciar o humor. Quando se diz que um ambiente é agradável, comunica-se que ele tem o potencial de proporcionar prazer. A maneira como os indivíduos avaliam um local é um aspecto fundamental, pois influencia diretamente no significado que elas atribuem a ele, ou seja, cada indivíduo pode interpretar um ambiente de maneira única, baseada em suas experiências, preferências pessoais e estado emocional. Em pesquisas relacionadas sobre a percepção de ambientes, a qualidade emocional foi consistentemente considerada como uma das formas mais proeminentes e significativas pelas quais as pessoas interpretam e comparam diferentes lugares (Ward e Russell, 1981a, 1981b).

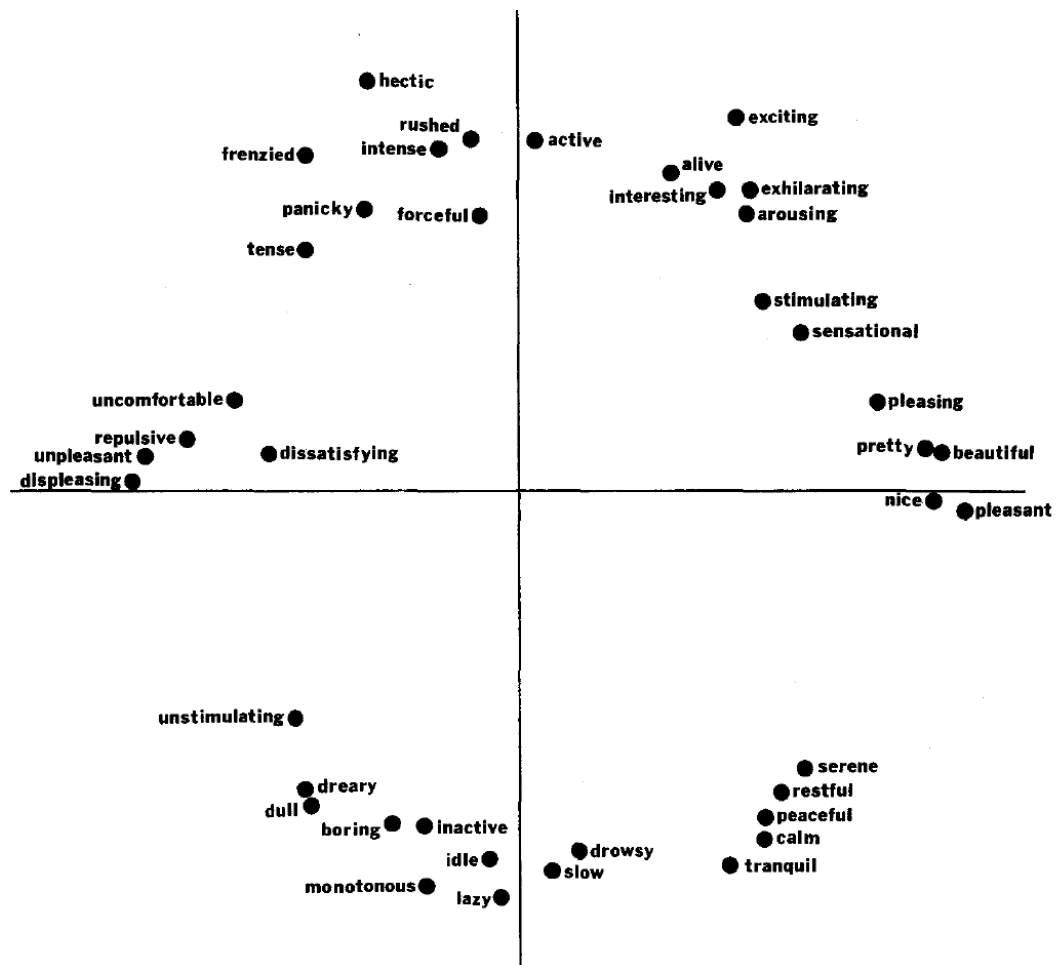
Para Russell (1988), para diferenciar as avaliações afetivas de outros aspectos da interpretação ambiental, deve-se dividir o significado de um ambiente em dois componentes: afetivo e não afetivo. Para descrever o componente afetivo, pode-se usar as palavras como agradável. Outras palavras, como verde, alto e velho, descrevem qualidades objetivas ou físicas, ou seja, caracterizam o ambiente (Russell, 1988).

Ainda, segundo o autor, os termos para as qualidades afetivas dos lugares estão sistematicamente inter-relacionadas, e podem ser representados em uma metáfora espacial.

Russell (1980) propôs então esta metáfora, um modelo identificado como Modelo Circumplexo de Afeto, no qual baseia-se na ideia de que todos os diferentes estados afetivos (emoções) podem ser representados de modo circular em um plano composto por dois eixos com dimensões bipolares (um plano cartesiano).

Na figura que segue (figura 16) estão apresentados no modelo circumplexo 40 descritores afetivos identificados pelo autor.

Figura 16 - Modelo Circumplexo e seus respectivos estados emocionais

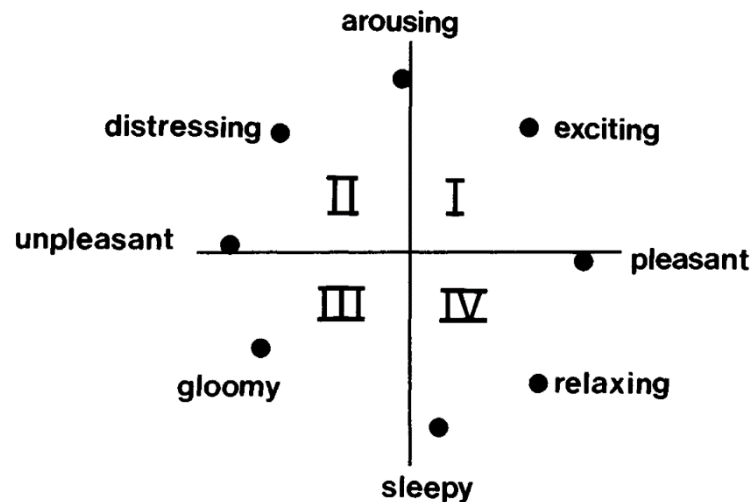


Fonte: Russell JA. Affective appraisals of environments. In: Nasar JL, ed. Environmental Aesthetics: Theory, Research, and Application. Cambridge University Press; 1988:120-130.

Esse modelo circumplexo foi desenvolvido inicialmente para estados afetivos de um modo geral, dentro do campo da Psicologia, área de formação de Russell (1980); quando foi validado (Russell e Mendelsohn, 1989) e posteriormente foi associado à área da Psicologia Ambiental e desenvolvido para aplicação na avaliação psicológica de ambientes.

Neste último caso, as dimensões bipolares que integram estes dois eixos (figura 17) e são consideradas para as avaliações afetivas dos ambientes são **agradabilidade (pleasant/unpleasant)** e **estímulo (arousing/sleepy)**, apresentadas no item anterior (Russell, 1988).

Figura 17 - Uma representação espacial dos descritores da qualidade afetiva de ambientes



Fonte: Russell, J. A. Affective appraisals of environments. In: NASAR, Jack. (Ed.). Environmental aesthetics: theory, research, and application. New York: Cambridge, p. 122.

A primeira dimensão apresentada em um eixo horizontal varia do extremo desprazer (ou desagradável) ao extremo prazer (agradável) com o ambiente avaliado, passando por um ponto neutro. E a segunda dimensão, independente da primeira, apresentada em um eixo vertical, e que diz respeito a qualidade de estímulo que um ambiente proporciona, varia, da mesma forma, de extremamente monótono (soporífero) à extremamente estimulante. Russell (1988) comenta ainda que uma qualidade afetiva neutra é localizada no centro desta metáfora, ou deste Modelo Circumplexo do Afeto.

Segundo o autor, o quadrante I contém descritores afetivos de espaços avaliados como altamente excitantes e altamente prazerosos, o quadrante II compreende espaços avaliados como altamente excitantes e altamente desprazerosos, o quadrante III contém descritores afetivos de espaços avaliados como desprazerosos e desestimulantes, e por conseguinte, o quadrante IV contém descritores emocionais de espaços desestimulantes, porém prazerosos.

É possível identificar ainda neste modelo circumplexo as 8 categorias especializadas em octantes que agrupam os diferentes descritores de qualidade afetiva identificados pelo autor (fig. 17). Estas categorias foram identificadas como agradável (posicionada a 0° neste modelo circular), excitante (45°), estimulante (90°), angustiante (135°), desagradável (180°), depressivo/ sombrio (225°), soporífero/ monótono (270°) e relaxante (315°). Estas categorias estão identificadas na figura 17.

Russell (1988) desenvolveu esse modelo, no sentido de tornar a pesquisa acerca das qualidades afetivas dos ambientes mais objetiva, acreditando que todas as emoções dos indivíduos em relação aos ambientes poderiam ser abrangidas.

Inúmeros estudos se basearam no Modelo Circumplexo do Afeto de Russell (1980), como o de Schmid (2018), desenvolvido no Brasil, que buscou avaliar o caráter sensorial relacionado à diferentes atmosferas. Ou como o estudo de Hull e Harvey (1989), o qual teve como objetivo explorar a relação entre as emoções das pessoas e sua experiência em diferentes parques na Austrália. Foram selecionados 30 moradores de dois bairros distintos localizados em Melbourne, sendo um bairro com caráter urbano e o outro rural. Este último estudo, teve ainda o objetivo secundário de testar a validade do modelo de Russell (1980).

No estudo de Hull e Harvey (1989) foram utilizadas quatro fotografias coloridas para representar 18 parques. As fotografias foram montadas em fileiras em uma cartolina, sendo quatro fotografias por linha, onde cada linha representa um parque. Os entrevistados foram informados de que as quatro fotografias representavam vistas de cada parque tiradas ao norte, sul, leste e oeste a partir de uma posição central. Foram coletadas fotografias que representavam todas as combinações possíveis de alta, média e baixa densidade de árvores e a vegetação de alta, média e baixa altura, com caminhos e sem caminhos. Por fim, foi feita uma adaptação do questionário desenvolvido por Russell e Pratt (1980), para medir a excitação e o prazer que os indivíduos sentiam em cada parque.

Na hora da seleção, foram utilizadas seis palavras para o índice de **prazer** (agradável, lindo, bonito, desconfortável, insatisfatório e repulsivo) e cinco palavras para o índice de **excitação** (vivo, ativo, preguiçoso, sonolento e lento). Os entrevistados foram instruídos a imaginar como se sentiriam se passassem uma hora livre no parque e a avaliar a adequação de cada palavra para descrever esse sentimento. As avaliações foram feitas em uma escala de oito pontos (1 a 8).

Como resultado, em uma análise fatorial das avaliações, identificou duas dimensões dominantes: o prazer, representando 43% e a excitação, com 17% das variações. Em geral, todos os parques foram vistos como moderadamente agradáveis, com pouca diferença entre eles no que diz respeito à excitação. Ainda, os moradores do bairro rural, acharam os parques mais agradáveis, mas menos estimulantes comparado aos moradores do bairro urbano (Hull e Harvey, 1989).

Com isso, pode-se concluir que a avaliação afetiva de um lugar é relativa às circunstâncias específicas em que é feita, incluindo lugares periféricos e previamente encontrados. Em vez de ser fixo, o padrão humano de julgamento ajusta-se à variedade e distribuição de experiências disponíveis (Parducci, 1968).

O estudo de Hull e Harvey (1989) validou o Modelo Circumplexo do Afeto de Russell (1980) para avaliação de ambientes, até mesmo quando se apresenta pequenas variações na configuração dos ambientes como no caso testado (diferentes configurações na vegetação dos parques), o que traz confiança à pesquisadora para o uso deste modelo nesta pesquisa.

2.2 A PESSOA IDOSA

A Organização Mundial da Saúde (2005) e a Lei 8.842 de 1994 definem a pessoa idosa como aquela que atinge a idade de 60 anos ou mais. Essa definição visa garantir os direitos sociais dos idosos e promover sua autonomia, integração e participação na sociedade. Além disso, a Lei 8.842 cria o Conselho Nacional do Idoso, a fim de implementar políticas públicas que atendam às necessidades específicas da população idosa. A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) define o envelhecimento como um processo natural e universal que afeta todos os momentos de uma espécie. Segundo ainda a OPAS, o envelhecimento é um processo sequencial, individual e irreversível que leva a uma deterioração do organismo maduro, tornando-o menos capaz de lidar com o estresse ambiental e aumentando a probabilidade de morte.

Pfutzenreuter (2014) enfatiza que o envelhecimento e a senilidade são fenômenos complexos e multifacetados, resultantes de uma interação de diversos fatores. Esses processos frequentemente acarretam perdas significativas, tanto no âmbito biológico, psicológico quanto social. Nesse contexto, a velhice se torna uma experiência individualizada, marcada por mudanças que demandam capacidade de

adaptação e aceitação de novos desafios. Ademais, esse período pode ser encarado como uma oportunidade de aprendizado contínuo, onde o indivíduo é estimulado a se reinventar e a explorar novas possibilidades.

No estudo conduzido por Colussi *et al.* (2019), que investigou a percepção de idosos em relação ao envelhecimento, os participantes destacaram duas perspectivas distintas. Por um lado, expressaram uma visão positiva do processo de envelhecer, associando-o a sentimentos de realização, autonomia e disposição para superar desafios cotidianos. Eles também delinearam um conceito de envelhecimento ativo e saudável, que contrasta com as percepções comuns da sociedade.

Por outro lado, os idosos reconhecem os desafios inerentes ao envelhecimento, como a diminuição da capacidade funcional, o surgimento de doenças, a redução da eficiência no trabalho, os conflitos intergeracionais e o declínio cognitivo. Esses aspectos foram percebidos como limitadores, impondo obstáculos à qualidade de vida, apesar de fazerem parte do curso natural da existência.

As mudanças decorrentes do processo de envelhecimento frequentemente envolvem perdas relacionadas aos estímulos sensoriais, como visão, tato, olfato, paladar, audição e equilíbrio, as quais impactam significativamente a interação do idoso com o ambiente ao seu redor (Litvoc; Brito, 2004).

Ainda, segundo os autores, no que diz respeito à visão, são comuns alterações como a necessidade de maior luminosidade para distinguir objetos, dificuldade na percepção de certas cores e na identificação de profundidade e limites. Além disso, a perda da sensibilidade tátil pode influenciar na escolha de objetos com diferentes tipos de puxadores e maçanetas, afetando a maneira como o idoso interage com seu ambiente doméstico.

Quanto ao olfato e paladar, ocorre uma diminuição na sensibilidade a odores e sabores, o que pode resultar em dificuldades, como a detecção de cheiros de forma menos eficaz, incluindo o odor de fumaça, por exemplo. Na audição, é comum a dificuldade em discernir entre palavras semelhantes foneticamente, assim como a redução na capacidade de ouvir sons de alta frequência e certas consoantes. Por fim, no aspecto do equilíbrio, há uma diminuição na força dos músculos posturais, o que pode levar a movimentos mais lentos e uma redução na velocidade de reação do indivíduo.

As mudanças ocasionadas pelo processo de envelhecimento em diferentes aspectos constam no quadro 1 elaborado por Paiva Neto (2019)

Quadro 1 - Mudanças decorrentes do processo de envelhecimento em diferentes aspectos

NÍVEL	MUDANÇAS DECORRENTES DO ENVELHECIMENTO
ANTROPOMÉTRICO	Redução na altura, alterações na distribuição de massa corporal devido à diminuição da massa magra e aumento da gordura corporal, com diminuição da gordura sob a pele e nos membros, e aumento da gordura central e visceral, contribuindo para o desenvolvimento de várias doenças.
CARDIOVASCULAR	Uma redução no fluxo sanguíneo do coração, batimentos cardíacos, quantidade de sangue bombeado a cada contração, capacidade máxima de absorção de oxigênio (VO_2 máximo), e um aumento na pressão arterial, concentração de ácido láctico e consumo de oxigênio, levando a uma menor habilidade de se adaptar e se recuperar durante o exercício.
COGNITIVO	Déficit substancial em memória, aprendizado, habilidades linguísticas, orientação, capacidades executivas, velocidade de processamento de informações, autonomia e independência funcional, resultando em dificuldades no controle do comportamento motor.
NEURAL	Redução na quantidade e tamanho dos neurônios, na rapidez com que os nervos conduzem sinais, no fornecimento de sangue ao cérebro, e um aumento do tecido conectivo ao redor dos neurônios, resultando em tempos de reação mais lentos e movimentos mais lentos.
NEUROMUSCULAR	Redução de 10 a 20% na força muscular, uma diminuição na capacidade de manter a força de forma estática, uma maior tendência à fadiga muscular e uma capacidade reduzida de ganhar massa muscular, contribuem para a deterioração da mobilidade e da capacidade funcional em idosos.
ÓSSEO	Diminuição da densidade mineral óssea, influenciada por fatores genéticos, níveis hormonais, qualidade nutricional e nível de atividade física, aumenta a vulnerabilidade do indivíduo à osteoporose, aumentando assim o risco de quedas e fraturas.
PULMONAR	Redução na capacidade vital, na frequência e no volume respiratório, juntamente com o aumento do volume residual e do espaço morto anatômico, associados à menor mobilidade da parede torácica e ao declínio no número de alvéolos, dificultam a capacidade do corpo de tolerar esforços físicos.
OUTROS	Perda de agilidade, coordenação, equilíbrio, flexibilidade e mobilidade das articulações, juntamente com um aumento na rigidez da cartilagem, tendões e ligamentos.

Fonte: Adaptado de Paiva Neto (2019).

Atualmente, há uma distinção entre duas formas de envelhecimento: o usual, também conhecido como comum, e o bem-sucedido, também chamado de saudável, conforme proposto por Netto (2013). No envelhecimento comum, os fatores externos, como dieta inadequada, falta de atividade física e problemas psicossociais, podem

intensificar os efeitos adversos do processo biológico natural de envelhecimento ao longo dos anos. Por outro lado, no envelhecimento saudável, esses fatores externos não exercem influência significativa, seja porque estão ausentes ou porque, se presentes, têm impacto mínimo. Essa distinção ressalta a importância de adotar um estilo de vida saudável para promover um envelhecimento mais positivo e satisfatório, ressaltando a interação entre fatores biológicos, comportamentais e ambientais na determinação da qualidade de vida na velhice.

As transformações observadas no corpo humano ao longo do tempo levantam a questão se tais mudanças são frutos do envelhecimento natural ou se são influenciadas pelo estilo de vida e fatores individuais e coletivos. Especialmente em cenários onde o acesso à prática de atividade física e uma alimentação saudável é uma questão recorrente, é importante considerar essas influências, já que a atividade física é reconhecida como uma forma de retardar o envelhecimento. Pesquisas médicas têm destacado a importância da promoção da atividade física para o envelhecimento saudável, destacando seus benefícios para a saúde e o bem-estar dos idosos. Ao integrar atividades físicas adequadas em suas rotinas, os idosos podem experimentar uma redução na incidência de doenças crônicas e uma menor dependência, possibilitando-lhes desfrutar de momentos de lazer e melhorar sua qualidade de vida (An, Lee, Kim, 2013).

A atividade física na promoção da saúde dos idosos é importante por diversas razões. Em primeiro lugar, ela desencadeia uma série de melhorias nos fatores de risco para doenças crônicas, quando iniciada, o que é essencial para a profilaxia dessas enfermidades. Além disso, a atividade física pode ser um componente importante no tratamento de doenças já diagnosticadas, como artrose, diabetes, osteoporose e hipertensão, funcionando como um recurso complementar aos tratamentos convencionais. A melhora na qualidade de vida sob uma perspectiva orgânica, pode ser definida como a capacidade de realizar as atividades cotidianas sem dificuldades (Severino, apud Pfutzenreuter, 2014).

A OMS (2005), afirma que o envelhecimento da população é um fenômeno global que demanda ações em níveis locais, regionais, nacionais e internacionais. Nesse contexto, é necessário estabelecer políticas estruturadas que abordam o envelhecimento de forma coletiva, fundamentadas nos Princípios das Nações Unidas para Idosos, conforme a figura 18, os quais enfatizam a independência, participação, assistência, autorrealização e dignidade. Essas políticas devem ser fundamentadas

em três pilares essenciais: saúde, participação e segurança. Esta estrutura política visa garantir uma abordagem integrada e eficaz para enfrentar os desafios e promover o bem-estar da população idosa em escala global.

Figura 18 - Os três pilares do Envelhecimento Ativo



Fonte: OMS (2005).

À medida que a importância da saúde e qualidade de vida dos idosos ganha destaque, as pesquisas anteriormente voltadas para o tratamento das enfermidades passam a se concentrar na promoção de um ambiente urbano propício para a melhoria holística da saúde da sociedade como um todo, buscando prolongar não apenas a vida, mas também a saúde ao longo dos anos. A incorporação de exercícios regulares em suas rotinas não apenas contribui para a manutenção da saúde, mas também para a preservação da independência por um período mais prolongado. Essa abordagem, conforme destacado por Shepard apud An, Lee, Kim (2013), visa não apenas tratar doenças, mas sim prevenir e promover o bem-estar geral, permitindo que os idosos vivam mais e com uma qualidade de vida substancialmente melhor.

Idosos possuem a capacidade de identificar os riscos e desafios associados ao ambiente em que vivem. Um estudo feito por Bez Batti, Vergara e Cavalcanti (2019) com 15 idosos, revelou que apesar das dificuldades encontradas em ambientes residenciais, muitos optaram por não modificar esses espaços. As razões para escolha variam desde uma subestimação dos riscos e até preocupações com a estética do ambiente. Além disso, alguns idosos admitiram desconhecer sobre como efetuar adaptações ambientais ou como essas modificações poderiam facilitar suas atividades diárias. O estudo também destacou uma preferência entre os idosos por mudar seu próprio comportamento em vez de modificar o ambiente físico ao seu redor. Essa preferência pode ser atribuída a muitos fatores, incluindo a falta de

conhecimento sobre as opções de adaptação disponíveis e a relutância em alterar a estética de suas residências.

Assim, ao compreender melhor as particularidades fisiológicas e as exigências espaciais dos idosos, é viável transformar a concepção de ambientes mais adaptados às necessidades dos idosos em uma realidade tangível. O objetivo é criar espaços que integrem elementos ambientais capazes de oferecer suporte físico, sensorial, social e psicológico, garantindo a satisfação das demandas desse grupo específico e promovendo uma melhor interação com o entorno. Esse enfoque pode significar uma contribuição significativa para um processo de envelhecimento mais saudável, dinâmico, independente e digno para os idosos (Batti, 2022).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o envelhecimento da população é um fenômeno global que demanda uma resposta abrangente em níveis local, regional, nacional e internacional. Nesse contexto, é imperativo estabelecer políticas estruturadas que abordam o envelhecimento de forma coletiva, fundamentadas nos Princípios das Nações Unidas para Idosos, os quais enfatizam a independência, participação, assistência, autorrealização e dignidade. Essas políticas devem ser fundamentadas em três pilares essenciais: saúde, participação e segurança. Este enfoque holístico visa garantir uma abordagem integrada e eficaz para enfrentar os desafios e promover o bem-estar da população idosa em escala global.

É no sentido de amparar estas políticas que este estudo se desenvolve, visando a oferta de ambientes mais atrativos aos deslocamentos urbanos a pé da pessoa idosa, contribuindo com seu envelhecimento ativo.

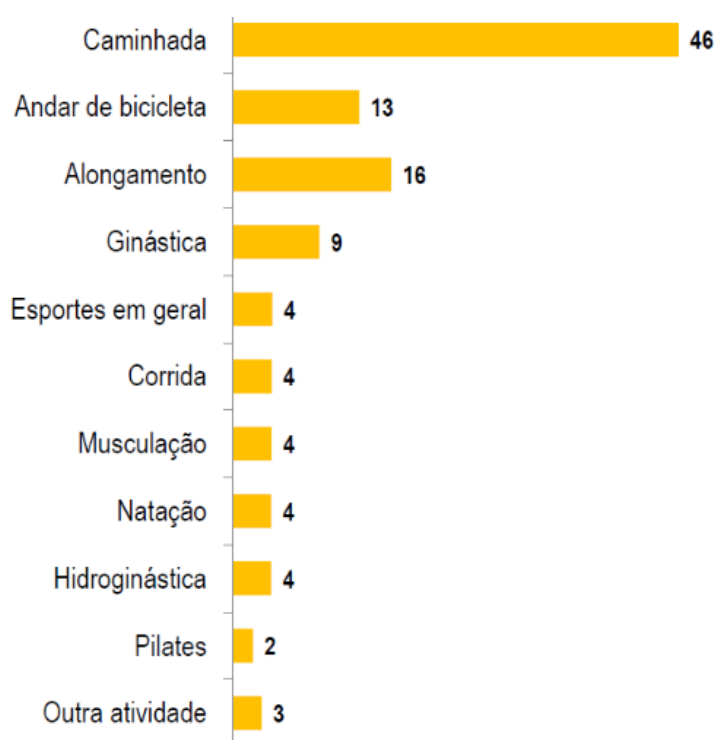
2.2.1 Os deslocamentos urbanos a pé da pessoa idosa

A prática da caminhada é fundamental para a saúde e bem-estar, especialmente na terceira idade, quando a realização de atividades de impacto pode ser desafiadora. Nesse contexto, a simples ação de caminhar regularmente desempenha um papel importante na promoção da saúde física e mental dos idosos. Estudos como os de Alves *et al.* (2020), Bandini e Gasparini (2021), Cerin *et al.* (2013) e Vegi *et al.* (2020) ressaltam a importância da caminhada como uma atividade acessível e benéfica para a qualidade de vida dos idosos.

O ato de caminhar é uma forma essencial de locomoção, além disso, desempenha um papel significativo na mobilidade urbana. Globalmente, o hábito de caminhar tem crescido progressivamente, destacando a importância de priorizar o planejamento urbano em torno da caminhabilidade. Nesse contexto, as cidades devem considerar a caminhada como uma prioridade em relação a outros meios de transporte, visando tornar as viagens dos pedestres mais acessíveis e seguras nas vias e áreas urbanas (Basbas *et al.*, 2010; Brookfield *et al.*, 2017).

Segundo a pesquisa "Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade", conduzida pelo SESC-SP em colaboração com a Fundação Perseu Abramo em 2020, foi feita uma entrevista com 2369 pessoas com 60 anos ou mais, sendo dispersos em 234 municípios brasileiros. O resultado da pesquisa mostra que a atividade física mais praticada pelos brasileiros(as) é a caminhada, conforme mostra a imagem 19.

Figura 19 - Atividades físicas praticadas [estimulada e única, em %]



Fonte: SESC-SP; FPA (2020).

Dorneles (2006) realizou um estudo qualitativo abordando a acessibilidade de idosos em áreas públicas de lazer em Florianópolis. Utilizando grupos focais, observações diretas e passeios acompanhados, a pesquisa revelou que, com exceção de um grupo de idosas institucionalizadas, a maioria dos participantes relatou realizar

atividades de lazer em espaços públicos, representando 30% das atividades mencionadas. Destacou-se a importância desses locais para interações sociais e prática de atividades físicas. Durante os passeios acompanhados, foi constatado que as áreas de lazer públicas são valorizadas pelos idosos não apenas como espaços recreativos, mas também como pontos de encontro e referenciais urbanos.

Apesar dos desafios impostos pelo envelhecimento, como problemas de visão e mobilidade, os entrevistados apontaram a falta de oportunidades e a precariedade dos espaços públicos como obstáculos significativos. A inadequação e a falta de adaptação desses espaços às necessidades dos idosos foram ressaltadas como barreiras para sua utilização plena (Dorneles, 2006).

As vias urbanas, como ruas e calçadas, desempenham a principal infraestrutura do espaço público, onde ocorrem os deslocamentos a pé na cidade. Em um estudo sobre mobilidade urbana nas capitais brasileiras conduzido pela organização Mobilize Brasil (2012), foram delineadas seis premissas fundamentais para a valorização desses espaços de circulação. Primeiramente, destaca-se a necessidade de revisão das práticas de limpeza pública e conservação de calçadas, jardins, praças e outras áreas de convívio urbano. Em seguida, propõe-se a melhoria da iluminação pública em calçadas e ciclovias, visando a segurança dos pedestres durante a noite. Além disso, é essencial o aprimoramento da arborização e do paisagismo ao longo das vias e calçadas, não apenas para questões estéticas, mas também para promover um ambiente mais agradável.

Foram ressaltadas também, a organização e o posicionamento adequado de vendedores ambulantes, de modo a evitar obstáculos para os pedestres. Adicionalmente, sugere-se a implementação de zonas de estacionamento pago em áreas de grande movimento, incentivando o uso mais racional dessas vagas e desestimulando a ocupação desordenada do espaço público. Por fim, propõe-se o estabelecimento de zonas livres de carros em regiões centrais e nos núcleos dos bairros, visando a priorização do pedestre e o fomento à mobilidade sustentável (Mobilize Brasil, 2012).

A caminhabilidade refere-se à adequação de uma área para a prática da caminhada, estando diretamente ligada à fluidez e facilidade do deslocamento a pé. Nesse sentido, a crescente necessidade de desenvolver novos métodos para coletar e analisar dados sobre atividades de caminhada torna-se evidente, visando fornecer

estratégias e recomendações para projetos que visam tornar as cidades mais amigáveis aos pedestres (Bandini; Gasparini, 2021), especialmente aos idosos.

Em Florianópolis, a frequência de idosos ativos no deslocamento foi investigada no estudo longitudinal de base populacional denominado EPIFLORIPA IDOSO (2020). Este estudo, representativo da população idosa residente na área urbana do município, revelou que 27,2% dos idosos eram ativos no deslocamento. Além disso, houve uma diferenciação entre gêneros, sendo que a proporção de idosos ativos foi maior entre os homens, com 32,8%, em comparação com as mulheres, que registraram 24,0%, conforme apresentado na tabela 1.

Tabela 1 - Percentual de idosos ativos no deslocamento, segundo sexo e idade

IDADE	% DE IDOSOS ATIVOS NO DESLOCAMENTO	% HOMENS	% MULHERES
60 – 69	27,8	23,5	30,8
70 - 79	29	42,1	21,3
80 E MAIS	23,3	28,1	21,2
MÉDIA	27,2%	32,8%	24%

Fonte: EPIFLORIPA (2020), adaptado pela autora.

A frequência de idosos ativos no tempo livre foi de 27,6%, sendo maior entre os homens quando comparado às mulheres (32,5% versus 24,9%). Observou-se maior número de idosos ativos no lazer entre aqueles com menor idade e maior nível de escolaridade.

No geral, as cinco principais barreiras para atividade física foram a preguiça (38,6%), falta de vontade/ motivação (35,6%), falta de interesse/gosto (34,6%), falta de condições físicas (33,4%) e dores e desconforto durante a prática (33,2%). Mulheres tendem a reportar mais barreiras do que os homens.

Este estudo longitudinal de base populacional representativo da população idosa residente na área urbana de Florianópolis, destaca a caminhada como a atividade física mais prevalente entre pessoas com 60 anos ou mais. (EPIFLORIPA idoso, 2020).

A utilização das áreas urbanas pela população idosa e sua disposição em contribuir com sugestões de melhorias ressaltou o potencial desses espaços livres para o lazer dessa faixa etária. De acordo com Dorneles (2006), os idosos expressaram propostas de infraestrutura para aprimorar tais ambientes. Entre as sugestões destacam-se a necessidade de instalação de sanitários públicos próximos

às pistas de caminhadas, a presença de bancos confortáveis para apreciar a paisagem e a disponibilidade de locais para refeições. Além disso, os idosos indicaram a importância de projetos que visem a criação de novas praças, com medidas de segurança adequadas, onde possam desfrutar de seus passeios sem preocupações, e que ofereçam espaço para uma variedade de atividades recreativas.

Conforme destacado no Guia Global da Cidade Amiga do Idoso (OMS, 2010, p. 13), as calçadas que possuem características como estreiteza, desnivelamento, rachaduras, meio-fio elevado, congestão ou obstáculos representam potenciais perigos para os idosos, impactando diretamente em sua capacidade de caminhar pelas ruas de forma segura.

Nesse contexto, o documento elenca cinco atributos essenciais de uma calçada "amiga do idoso", que são: a) possuir uma superfície uniforme, plana e antiderrapante; b) ter largura suficiente para permitir a circulação de cadeiras de rodas; c) contar com rebaixamento do meio-fio para facilitar o acesso nivelado à rua; d) eliminar obstáculos como barracas de camelôs, carros estacionados e árvores; e) garantir prioridade de acesso para pedestres. Tais características têm o propósito de promover o bem-estar dos idosos, possibilitando que eles se desloquem pelo espaço público urbano sem enfrentar maiores dificuldades.

Além disso, os padrões de caminhada entre os idosos têm sido correlacionados com atributos ambientais objetivos e percebidos do entorno e da infraestrutura urbana, como a qualidade do pavimento e a diversidade de usos do solo. Aspectos comuns do ambiente urbano, como degraus, meio-fio alto e calçadas com pavimentos irregulares, podem representar obstáculos significativos para a mobilidade dos idosos ao ar livre. Por outro lado, a presença de corrimãos e bancos têm o efeito positivo de encorajar e facilitar o movimento desta parcela da população (Brookfield *et al.*, 2017).

Existe uma conexão entre a adequação dos espaços públicos para a caminhabilidade dos idosos (Alves, *et al.*, 2020) e a frequência com que eles praticam essa atividade (Bailly, *et al.*, 2018). Isso significa que melhorar a frequência e a qualidade da caminhada está diretamente ligado à melhoria do ambiente urbano como um todo, considerando diversos fatores como sensação de segurança, fluxo de tráfego, condições climáticas, entre outros (Basbas *et al.*, 2010; Brookfield *et al.*, 2017). Assim, fatores relacionados à caminhabilidade, como o tipo, distribuição e uniformidade da pavimentação, são elementos importantes (Thies *et al.*, 2011).

Os desafios relacionados à saúde e ao processo de envelhecimento influenciam significativamente na experiência de caminhar entre os idosos. Conforme a idade avança além dos 60 anos, observa-se uma tendência para posturas mais imprudentes ao atravessar as vias, juntamente com uma redução no vínculo com os elementos da paisagem durante a caminhada (Distefano *et al.*, 2021). À medida que o indivíduo envelhece, suas capacidades sensoriais e, conseqüentemente, sua habilidade de interpretar o ambiente urbano diminuem, resultando em uma menor percepção urbana por parte dessas pessoas (Tilley *et al.*, 2017).

Estudos recentes, ressaltam os efeitos restauradores de espaços verdes para população idosa. A presença de parques, praças e corredores naturais nas proximidades da área residencial, serve como um estímulo à atividade física, especialmente a caminhada (Neale *et al.*, 2017; Cerin *et al.*, 2016; Distefano *et al.*, 2021; An, Lee e Kim, 2012). Conseqüentemente, as políticas públicas devem direcionar atenção não apenas para a criação e manutenção dessas áreas, mas também para as estruturas que conectam esses locais aos lares dos idosos, como as calçadas. Pesquisas realizadas por Jorgensen e Anthopoulou (2007), Schuett *et al.* (2016), Loukaitou-Sideris *et al.* (2016), Finlay *et al.* (2015) e Cerin *et al.* (2013) enfatizam a importância dessas ligações para promover a mobilidade e o bem-estar dos idosos, evidenciando a necessidade de um planejamento urbano mais inclusivo e adaptado às necessidades dessa parcela da população.

No âmbito da caminhada recreativa, Demarco (2021) sintetizou por meio de uma revisão de literatura, características que conferem qualidade ao ambiente urbano para a caminhada no lazer dos idosos. Estes atributos destacam-se pela sua influência na promoção de uma prática saudável e agradável da caminhada na terceira idade. Os atributos encontrados foram relacionados a acessibilidade, especialmente a qualidade das calçadas e a proximidade das áreas de residência, levando em consideração as limitações de mobilidade frequentemente associadas à população idosa. Em segundo lugar, a dimensão visual da paisagem, especialmente a presença de elementos naturais, como vegetação e corpos d'água, que proporcionam estímulos visuais e sensoriais agradáveis durante a caminhada. Além disso, a disponibilidade de infraestrutura é fundamental, com destaque para a presença de espaços para descanso ao longo do percurso, pistas de caminhada bem sinalizadas e a existência de instalações sanitárias adequadas. Por fim, aspectos relacionados à segurança, tanto em termos de infraestrutura viária quanto de iluminação e vigilância, são

essenciais para garantir que os idosos se sintam protegidos e confortáveis ao realizar suas caminhadas recreativas.

Os aspectos da paisagem também são de extrema importância, uma vez que os idosos têm preferência por ambientes menos estressantes, caracterizados por espaços mais amplos, presença de elementos paisagísticos, áreas verdes e uma sensação geral de tranquilidade, que contribuem para um nível satisfatório de caminhabilidade (Vegi *et al.*, 2020).

Nesse sentido, cabe às políticas públicas no Brasil valorizarem esses aspectos da paisagem urbana como forma de promover e incentivar a prática da caminhada entre os idosos. Ao considerar tais elementos, é possível criar ambientes urbanos mais favoráveis e seguros, que estimulem a atividade física e contribuam para a qualidade de vida dessa parcela da população.

2.3 A AGRADABILIDADE DA PAISAGEM PARA O ANDAR DA PESSOA IDOSA

Os elementos presentes no espaço urbano podem influenciar positivamente ou negativamente a disposição dos idosos para caminhar ao ar livre. Identificar paisagens agradáveis e desagradáveis ao andar dos idosos pode influenciar no planejamento das cidades para que estas atuem como indutoras da mobilidade ativa, especialmente nesta faixa etária, contribuindo com um envelhecimento ativo.

Para identificar as características da paisagem urbana que a torna agradável ou desagradável aos deslocamentos urbanos de pessoas com 60 anos ou mais, foi elaborada uma revisão de literatura.

A análise do conteúdo dos artigos permitiu categorizar os atributos, ou características de agradabilidade da paisagem urbana para o andar da pessoa idosa. Estas características, ou atributos, foram agrupadas em dois grandes grupos, um relativo aos atributos agradáveis do espaço/paisagem e que encorajam a caminhada; outro relativo aos desagradáveis e que desencorajam esta atividade neste grupo etário. O quadro 2, apresenta uma tabela síntese com os atributos identificados na revisão de literatura que tornam o espaço agradável e encorajam a caminhada, o quadro 3, apresenta elementos desagradáveis ao olhar do idosos e que desencorajam a caminhada.

Quadro 2 - Quadro síntese referentes aos atributos de agradabilidade do espaço e da paisagem incentivadores da caminhada entre idosos de acordo com a revisão da literatura

ATRIBUTO	FREQUÊNCIA	REFERÊNCIAS
DIVERSIDADE DE USO DO SOLO	23	Alves, et al., 2020; Barnett, et al., 2015; Besser, et al., 2018; Brookfield, et al., 2017; Cao, Y. et al., 2023; Cerin, et al., 2016; Cerin, et al., 2020; Chen, S. et al., 2022; Curl; Mason, 2019; Dujardin, et al., 2014; Han, H. et al., 2022; Horak, et al., 2022; Jia, Q. et al., 2022; Lee, et al., 2013; Marquet; Mirallesguasch, 2015; Paydar, M.; Kamani Fard, A., 2022; Plaut, et al., 2021; Ribeiro, et al., 2013; Richard, et al., 2008; Vegi, et al., 2020 ; Wu, et al., 2019; Yang, L. et al., 2022; Zang, P. et al., 2022
CALÇADAS ACESSÍVEIS	20	Alves, et al., 2020; Amaya, et al., 2022; Bailly, et al., 2018; Boltz, 2014; Brookfield, et al., 2017; Cerin, et al., 2012; Chippendale; Boltz, 2014; Dujardin, et al., 2014; Fronczek-Wojciechowska, et al., 2017; Hennah, et al., 2021; Herrmann-Lunecke, et al., 2021; Jia, et al., 2022; Loo, et al., 2017; Muzayanah, et al., 2022; O'Hern; Oxley, 2015 Paydar; Kamani, 2022; Plaut, et al., 2021; Tilley, et al., 2017; Vegi, et al., 2020; Wu, et al., 2019;
PRESENÇA DE VEGETAÇÃO NO ESPAÇO URBANO	18	Alves, et al., 2020; Amaya, et al. 2022; Cao, et al. 2023; Chippendale; Boltz, 2014; Dujardin, et al., 2014; Farias, et al., 2018; Fronczek-Wojciechowska, et al., 2017; Lee, et al., 2019; Neale, et al., 2019; Neale, et al., 2017; Paydar; Kamani, 2022; Plaut, et al., 2021; Richard, et al., 2008; Tilley, et al., 2017; Vegi, et al., 2020; Wang, et al., 2020; Wu, et al., 2019; Zang, et al., 2022
PRESENÇA ESPAÇOS RECREATIVOS (PARQUES, PRAÇAS) NO ESPAÇO URBANO	14	Barnett, et al., 2015; Brookfield, et al., 2017; Cerin, et al., 2016; Cerin, et al., 2020; Cerin, et al., 2012; Chen, et al., 2022; Fronczek-Wojciechowska, et al., 2017; Han, et al., 2022; Jia, et al., 2022; Paydar, M.; Kamani, A., 2022; Ribeiro, et al., 2013; Richard, et al., 2008; Suzuki, et al., 2012; Vegi, et al., 2020
CONVÍVIO URBANO - COPRESENÇA	10	Bailly, et al., 2018; Chippendale; Boltz, 2014; Curl; Mason, 2019; Kfield, et al., 2017; Loo, et al., 2017; Macioszek, et al., 2022; Marquet; Mirallesguasch, 2015; Ribeiro, et al., 2013; Tilley, et al., 2017; Yang, et al., 2022;
OFERTA DE EQUIPAMENTOS E MOBILIÁRIO URBANO AO PÚBLICO IDOSO	10	Alves, et al., 2020; Amaya, et al., 2022; Bailly, et al., 2018; Brookfield, et al., 2017; Chippendale; Boltz, 2014; Fronczek-Wojciechowska, et al., 2017; Lee, et al., 2019; O'Hern; Oxley, 2015; Paydar; Kamani, 2022; Plaut, et al., 2021
ACESSO AO TRANSPORTE PÚBLICO	10	Amaya, et al., 2022; Cao, et al., 2023; Chen, et al., 2022; Jia, et al., 2022; Macioszek, et al., 2022; O'Hern; Oxley, 2015; Vegi, et al., 2020; Wang, et al., 2020; Yang, et al., 2022; Zang, et al., 2022
QUALIDADE ESTÉTICA DA PAISAGEM	4	Bailly, et al., 2018; Chen, et al., 2022; Curl; Mason, 2019; Zang, et al., 2022
PRESENÇA DE CORPOS HÍDRICOS	4	Chippendale; Boltz, 2014; Farias, et al., 2018; Fronczek-Wojciechowska, et al., 2017; Plaut, et al., 2021
PRESENÇA DE ILUMINAÇÃO	3	Alves, et al., 2020; Amaya, et al., 2022; Vegi, et al., 2020

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Quadro 3 - Quadro síntese referentes aos atributos de desagradabilidade do espaço e da paisagem desencorajadores da caminhada entre idosos de acordo com a revisão da literatura

ATRIBUTO	FREQUÊNCIA	REFERÊNCIAS
CALÇADAS INADEQUADAS AO TRÂNSITO DE IDOSOS	18	Alves, et al., 2020; Amaya, et al., 2022; Bailly, et al., 2018; Brookfield, et al., 2017; Cao, et al., 2023; Chippendale; Boltz, 2014; Dujardin, et al., 2014; Fronczek-Wojciechowska, et al., 2017; Han, et al., 2022; Hennah, et al., 2021; Herrmann-Lunecke, et al., 2021; Loo, et al., 2017; Muzayanah, et al., 2022; Plaut, et al., 2021; Thies, et al., 2011; Tilley, et al., 2017; Vegi, et al., 2020; Wu, et al., 2019
TRÁFEGO INTENSO DE VEÍCULOS	16	Alves, et al., 2020; Bandini; Gasperini, 2021; Barnett, et al., 2015; Brookfield, et al., 2017; Chippendale; Boltz, 2014; Distefano, et al., 2021; Dujardin, et al., 2014; Han, et al., 2022; Herrmannlunecke, et al., 2021; Lee, et al., 2013; Muzayanah, et al., 2022; Neale, et al., 2017; Neale, et al., 2019; Plaut, et al., 2021; Tilley, et al., 2017; Wu, et al., 2019
AUSÊNCIA DE DIVERSIDADE NO USO DO SOLO	7	Besser, et al., 2018; Cao, et al., 2023; Han, et al., 2022; Marquet; Miralles-Guasch, 2015; O'hern; Oxley, 2015; Paydar, et al., 2023; Plaut, et al., 2021
AUSÊNCIA DE VEGETAÇÃO NO ESPAÇO URBANO	4	Cao, et al., 2023; Muzayanah, et al., 2022; Paydar; Kamani, et al., 2022; Plaut, et al., 2021
AUSÊNCIA DE ILUMINAÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO	4	Barnett, et al., 2015; Brookfield, et al., 2017; Chippendale; Boltz, 2014; Fronczek-Wojciechowska, et al., 2017
AUSÊNCIA DE ESPAÇOS RECREATIVOS	3	Besser, et al., 2018; Han, et al., 2022; O'hern; Oxley, 2015
BAIXA QUALIDADE ESTÉTICA DA PAISAGEM	3	Chen, et al., 2022; Curl; Mason, 2019; Herrmann-lunecke, et al., 2021
PRESENÇA DE CICLISTAS	3	Brookfield, et al., 2017; Chippendale; Boltz, 2014; Wu, et al., 2019
PRESENÇA DE PASSAGENS SUBTERRÂNEAS/ TÚNEIS	2	Brookfield, et al., 2017; Zang, et al., 2022
BAIXA DENSIDADE POPULACIONAL NO ENTRONO	1	Loo, et al., 2017

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A seguir, serão descritas características da paisagem urbana que a torna agradável ou desagradável aos deslocamentos urbanos de pessoas com 60 anos ou mais, apresentados dentro destes dois grandes grupos e de acordo com a frequência com que apareceram no texto destes estudos, do mais frequentemente mencionado, ao menos frequente, para que seja possível ao leitor verificar o grau de importância que se atribui a cada uma destas características pelo conjunto de idosos integrantes destes estudos.

2.3.1 Características do espaço/paisagem agradáveis ao andar do idoso

2.3.1.1 *Diversidade de uso do solo*

O uso misto do solo foi identificado como o principal fator que encoraja a caminhada entre pessoas com 60 anos ou mais. A diversidade de usos do solo e a facilidade de acesso a comércios locais, como bancos e, especialmente, estabelecimentos alimentícios, como padarias e restaurantes, foram citados como elementos que promovem a prática da caminhada entre os idosos. A pesquisa realizada por Alves *et al.* (2020), quantifica que um maior nível de usos mistos do solo dentro de uma determinada área ou bairro, as pessoas idosas possuem mais destinos que podem ser alcançados andando a pé, tornando assim, a área mais fácil de caminhar.

Nas áreas residenciais, a presença de comércios locais incentiva a proximidade e a variedade desses estabelecimentos, oferecendo pontos de parada para descanso, tornando as caminhadas mais agradáveis para a população idosa. (Alves, *et al.*, 2020; Barnett, *et al.*, 2015; Besser, *et al.*, 2018; Brookfield, *et al.*, 2017; Cao, Y. *et al.*, 2023; Cerin, *et al.*, 2016; Cerin, *et al.*, 2020; Chen, S. *et al.*, 2022; Curl; Mason, 2019; Dujardin, *et al.*, 2014; Han, H. *et al.*, 2022; Horak, *et al.*, 2022; Jia, Q. *et al.*, 2022; Lee, *et al.*, 2013; Marquet; Mirallesguasch, 2015; Paydar, M.; Kamani Fard, A., 2022; Plaut, *et al.*, 2021; Ribeiro, *et al.*, 2013; Richard, *et al.*, 2008; Vegi, *et al.*, 2020 ; Wu, *et al.*, 2019; Yang, L. *et al.*, 2022; Zang, P. *et al.*, 2022).

2.3.1.2 *Calçadas acessíveis*

A acessibilidade influencia significativamente na decisão de indivíduos com 60 anos ou mais em optar por caminhar, especialmente quando se trata das condições das vias públicas e das barreiras físicas presentes nos ambientes urbanos.

A importância da presença e **qualidade das calçadas**, foi citado em 14 estudos. A falta de calçadas, sua má conservação e as obstruções físicas nelas presentes foram consistentemente destacadas como obstáculos significativos para a prática da caminhada. Por outro lado, calçadas amplas, separadas do fluxo de veículos, acessíveis e com superfícies adequadas emergiram como impulsionadoras

da atividade de caminhar entre os idosos durante seu tempo de lazer (Alves, *et al.*, 2020; Amaya, *et al.*, 2022; Bailly, *et al.*, 2018; Brookfield, *et al.*, 2017; Chippendale; Boltz, 2014; Dujardin, *et al.*, 2014; Fronczek-Wojciechowska, *et al.*, 2017; Hennah, *et al.*, 2021; Herrmann-Lunecke, *et al.*, 2021; Loo, *et al.*, 2017; Muzayanah, *et al.*, 2022; Plaut, *et al.*, 2021; Tilley, *et al.*, 2017; Vegi, *et al.*, 2020).

Na questão da presença de **pistas de caminhadas**, geralmente esses lugares já são planejados com as adequações necessárias para a melhor caminhabilidade. Os caminhos e trilhas são confortáveis devido sua largura, pavimentação adequada, percurso contínuo e possuem áreas para descanso ao longo do trajeto (Bailly, *et al.*, 2018; Brookfield, *et al.*, 2017; Cerin, *et al.*, 2012; Fronczek-Wojciechowska, *et al.*, 2017; Paydar; Kamani, 2022).

As barreiras físicas à mobilidade são citadas pela maior parte dos autores como um elemento desencorajador para a caminhabilidade de idosos em meios urbanos. A presença de escadas, degraus ou até mesmo mobiliários urbanos nas calçadas estreitas faz com que os idosos precisem exercer um maior esforço em suas caminhadas. Quando há opção de escolha de caminhos, as pessoas idosas optam por ambientes planos ou com rampas e escadas que seguem a inclinação indicada entre 5% e 8%, pois se sentem mais confortáveis e seguros (Alves, *et al.*, 2020; Loo, *et al.*, 2017). A autonomia é essencial para a qualidade de vida urbana dos idosos, e a presença dessas barreiras físicas restringe sua mobilidade, aumentando tanto o risco de quedas quanto o medo de cair. (Alves, *et al.*, 2020; Amaya, *et al.*, 2022; Brookfield, *et al.*, 2017; Chippendale; Boltz, 2014; Herrmann-Lunecke, *et al.*, 2021; Loo, *et al.*, 2017; Plaut, *et al.*, 2021; Vegi, *et al.*, 2020; Wu, *et al.*, 2019).

Além de caminharem mais lentamente, muitos idosos sentem insegurança ao atravessar vias. A presença de **semáforos**, especialmente aqueles que podem ser operados pelos pedestres, e a existência de faixas de pedestres influenciam positivamente a escolha dos idosos pela caminhada. Além disso, sinalizações informativas e orientadoras aumentam a sensação de segurança entre os idosos (Alves, *et al.*, 2020; Amaya, *et al.*, 2022; Bailly, *et al.*, 2018; Jia, *et al.*, 2022; O'hern; Oxley, 2015).

A **manutenção urbana** é considerada como um importante incentivador na caminhada. Ambientes limpos são estimulantes, o que inclui a remoção de lixo e fezes de animais das ruas, bem como a manutenção da vegetação local, incluindo o corte da grama e a poda das árvores (Brookfield, *et al.*, 2017; Tilley, *et al.*, 2017). A

manutenção não apenas melhora a estética das áreas urbanas, mas também cria um ambiente mais seguro e agradável para os pedestres, especialmente os idosos.

Devido ao ritmo mais lento de caminhada, os idosos frequentemente preferem fazer pequenas pausas ao longo do trajeto. Os **canteiros centrais** em grandes avenidas servem como pontos de descanso, reduzindo as distâncias percorridas sem interrupções (O'hern; Oxley, 2015).

2.3.1.3 *Presença de vegetação no espaço urbano*

A paisagem natural e a relação com a natureza, foram um dos atributos mais citados pelos idosos, aparecendo em 18 estudos analisados. As áreas naturais, contribuem para a caminhabilidade, consequentemente a qualidade de vida das pessoas idosas devido aos seus benefícios terapêuticos (Alves, *et al.*, 2020; Amaya, *et al.*, 2022; Cao, *et al.*, 2023; Chippendale; Boltz, 2014; Dujardin, *et al.*, 2014; Farias, *et al.*, 2018; Fronczek-Wojciechowska, *et al.*, 2017; Lee, *et al.*, 2019; Neale, *et al.*, 2019; Neale, *et al.*, 2017; Paydar; Kamani, 2022; Plaut, *et al.*, 2021; Richard, *et al.*, 2008; Tilley, *et al.*, 2017; Vegi, *et al.*, 2020; Wang, *et al.*, 2020; Wu, *et al.*, 2019; Zang, *et al.*, 2022).

Dujardin *et al.*, (2014), realizaram uma pesquisa examinando a influência do ambiente construído na saúde dos idosos que vivem em Bruxelas. A população do estudo foi constituída por 147.367 indivíduos com 65 anos ou mais, residentes nos 601 bairros. Os autores constataram que idosos residentes de bairros com mais infraestrutura e a acesso a áreas verdes, relataram melhor autoavaliação de saúde. Além disso, os residentes que estão locadas em áreas com maior uso misto do solo e paisagens naturais estão associados a uma melhor autopercepção da caminhada de lazer. Além disso, as flores e os aspectos naturais do local forneceram prazer aos participantes e contribuíram para o efeito calmante (Tilley *et al.*, 2017).

2.3.1.4 *Presença espaços recreativos (parques, praças) no espaço urbano*

A presença de lugares para interação social, como parques, praças, centros comunitários ou outros espaços recreativos nas proximidades dos bairros, incentiva a caminhada para pessoas idosas. Além de incentivar a frequência do deslocamento a

pé, esses espaços ajudam a estabelecer e manter laços, interagir e participar da comunidade (Barnett, *et al.*, 2015; Brookfield, *et al.*, 2017; Cerin, *et al.*, 2016; Cerin, *et al.*, 2020; Cerin, *et al.*, 2012; Chen, *et al.*, 2022; Fronczekwojciechowska, *et al.*, 2017; Han, *et al.*, 2022; Jia, *et al.*, 2022; Paydar, M.; Kamani, A., 2022; Ribeiro, *et al.*, 2013; Richard, *et al.*, 2008; Suzuki, *et al.*, 2012; Vegi, *et al.*, 2020).

2.3.1.5 *Convívio urbano - copresença*

A presença de pessoas tem uma influência direta no deslocamento dos idosos nas áreas urbanas. Além de proporcionar uma sensação de segurança, a presença de outros indivíduos promove um senso de comunidade, onde a sensação de pertencimento é fortalecida. Ter parceiros de caminhada motiva os idosos a saírem de suas casas e a praticarem atividade física regularmente. Idosos que residem em bairros com maior densidade populacional tendem a se deslocar a pé com maior frequência (Bailly, *et al.*, 2018; Chippendale; Boltz, 2014; Curl; Mason, 2019; Kfield, *et al.*, 2017; Loo, *et al.*, 2017; Macioszek, *et al.*, 2022; Marquet; Mirallesguasch, 2015; Ribeiro, *et al.*, 2013; Tilley, *et al.*, 2017; Yang, *et al.*, 2022).

2.3.1.6 *Oferta de equipamentos e mobiliário urbano ao público idoso*

A grande maioria dos idosos sofrem de incontinência urinária, tornando a presença de **sanitários** nas áreas urbanas um fator importante para o seu deslocamento. Além disso, em percursos mais longos, a disponibilidade de sanitários é considerada um suporte essencial para aqueles que tomam medicamentos ou possuem outras condições médicas que exigem idas frequentes ao banheiro (Amaya, *et al.*, 2022; Brookfield, *et al.*, 2017; Fronczek-Wojciechowska, *et al.*, 2017). A existência de instalações sanitárias acessíveis não apenas facilita a mobilidade dos idosos, mas também promove a confiança e a independência. A ausência de sanitários pelo percurso percorrido, principalmente em percursos mais longos, onde a presença de sanitários é considerada um suporte essencial à população idosa, desencoraja a caminhada deste público (Barnett, *et al.*, 2015).

A presença de **bancos** nos espaços de caminhada, foi o atributo dos mobiliários urbanos mais citados. A existência de bancos encoraja a atividade de

caminhada pois esses pontos de descanso facilitam deslocamentos mais longos (Alves, *et al.*, 2020; Amaya, *et al.*, 2022; Brookfield, *et al.*, 2017; Chippendale; Boltz, 2014; Fronczek-Wojciechowska, *et al.*, 2017; O'hern; Oxley, 2015; Plaut, *et al.*, 2021). Além disso, deve-se considerar a função que estes tipos de bancos desempenham num bairro, pode-se dizer que além de servir como um mobiliário urbano, também exerce sua função como um dispositivo de assistência à mobilidade (Amaya *et al.*, 2022).

Segundo Amaya *et al.* (2022), as condições climáticas e sazonais influenciam as caminhadas dos idosos. Os **sombreamentos artificiais** construtivos, como marquises e outros abrigos, acabam gerando sombreamento nas vias públicas, resultando em maior incentivo de caminhabilidade em percursos que dispõem dessas coberturas, devido a seus sombreamentos. A presença de sombra reduz a sensação de calor, o que gera um maior conforto térmico durante o deslocamento (Lee, *et al.*, 2019; Paydar; Kamani, 2022; Plaut, *et al.*, 2021).

A instalação de **corrimãos** facilita a mobilidade dos idosos em escadas e rampas, além de contribuir para a prevenção de quedas (Brookfield, *et al.*, 2017; Chippendale; Boltz, 2014).

Os **equipamentos de ginástica** ao ar livre nas áreas urbanas, assim como a presença de estações de exercícios situadas em diversos pontos dos parques, exercem um impacto positivo na atividade física dos idosos durante suas caminhadas (Alves *et al.*, 2020; Bailly *et al.*, 2018). Esses recursos não apenas incentivam a prática regular de exercícios, mas também promovem a socialização e o bem-estar geral dos idosos, contribuindo para uma melhor qualidade de vida e para a manutenção de sua saúde física e mental.

2.3.1.7 Acesso ao transporte público

O acesso ao **transporte público**, é citado pela importância de sua localização e das quantidades, como facilitador do alcance de meios de transporte. A distribuição das paradas de transporte coletivo, oferece opções para os idosos com baixa mobilidade ou que residem a uma distância maior, ocasionando na menor ou maior escolha pelo caminhar, ou seja, o tempo de caminhada até o ponto de ônibus mais próximo influencia na escolha do deslocamento a pé (Amaya, *et al.*, 2022; Cao, *et al.*,

2023; Jia, *et al.*, 2022; Vegi, *et al.*, 2020; Wang, *et al.*, 2020; Zang, *et al.*, 2022; Yang, *et al.*, 2022).

Assim, a distribuição espacial das paradas de transporte público, bem como a quantidade dessas paradas são fundamentais para o deslocamento de idosos. Quando essas paradas ficam muito distantes, são menores as escolhas da caminhada como forma de deslocamento (Chen, *et al.*, 2022; Macioszek, *et al.*, 2022; O'hern; Oxley, 2015).

2.3.1.8 *Qualidade estética da paisagem*

A qualidade visual da paisagem, torna o ambiente mais atrativo e agradável (Bailly, *et al.*, 2018; Chen, *et al.*, 2022; Curl; Mason, 2019; Zang, *et al.*, 2022). A estética visual da paisagem é em grande parte subjetiva, variando de acordo com as preferências individuais, porém, a importância da estética e atratividade do ambiente não deve ser subestimada. Tanto propriedades privadas quanto espaços urbanos que recebem manutenção regular, juntamente com a presença de vegetação, contribuem para a qualidade visual do entorno.

2.3.1.9 *Presença de corpos hídricos*

A presença de corpos hídricos, como rios, lagos e praias, surgiu como um fator incentivador nos estudos analisados. A relação se estabelece pela preferência dos idosos pelo contato visual com a água ou pela disposição de caminhos ao longo das margens dos cursos d'água, o que influencia positivamente seu humor e reduz os níveis de ansiedade e estresse, tornando a experiência de visita mais agradável (Chippendale; Boltz, 2014; Farias, *et al.*, 2018; Fronczek-Wojciechowska, *et al.*, 2017; Plaut, *et al.*, 2021).

2.3.1.10 *Presença de iluminação*

A presença de **iluminação** adequada nos espaços públicos, facilita o caminhar e traz a sensação de segurança. A presença de postes e luminárias é um atributo de qualidade essencial, especialmente quando posicionados ao longo dos

caminhos. Locais bem iluminados proporcionam uma sensação de segurança para caminhadas noturnas, incentivando os pedestres, incluindo os idosos, a explorarem os espaços urbanos mesmo após o anoitecer. Além disso, a iluminação adequada contribui para a redução de acidentes e incidentes, promovendo assim uma maior qualidade de vida e bem-estar para os residentes da cidade (Alves, *et al.*, 2020; Amaya, *et al.*, 2022; Vegi, *et al.*, 2020).

2.3.2 Características do espaço/paisagem desagradáveis ao andar do idoso

2.3.2.1 Calçadas inadequadas ao trânsito de idosos

É comum encontrar **calçadas estreitas** nas áreas urbanas e elas não apenas representam um desafio para os idosos ao caminhar, mas também podem desencorajar a prática diária, já que os pedestres tendem a preferir caminhos mais amplos que permitam um fluxo contínuo. As calçadas estreitas afetam negativamente o aspecto social da caminhada, dificultando a instalação de amenidades como bancos, que são frequentemente incentivadores pelas pessoas de 60 anos ou mais (Alves, *et al.*, 2020; Bailly, *et al.*, 2018; Brookfield, *et al.*, 2017; Cao, *et al.*, 2023; Chippendale; Boltz, 2014; Dujardin, *et al.*, 2014; Fronczek-Wojciechowska, *et al.*, 2017; Han, *et al.*, 2022; Hennah, *et al.*, 2021; Herrmann-lunecke, *et al.*, 2021; Loo, *et al.*, 2017; Muzayanah, *et al.*, 2022; Plaut, *et al.*, 2021; Tilley, *et al.*, 2017; Vegi, *et al.*, 2020). Além disso, a má conservação das calçadas como a pavimentação irregular ou escorregadia, a existência de degraus, raízes de árvores expostas, buracos e o meio-fio, é frequentemente mencionado como um empecilho para os idosos.

Segundo Hennah et al. (2021), essa situação pode resultar não apenas em uma diminuição da atividade física e da prática de caminhada, mas também pode exigir níveis mais elevados de atenção ao caminhar em ambientes urbanos complexos, caracterizados por calçadas estreitas e múltiplas preocupações de segurança. Devido à mobilidade limitada, os idosos são particularmente sensíveis a superfícies irregulares, preferindo trajetos com pavimentos regulares e evitando aqueles compostos por paralelepípedos ou tijolos entremeados com grama. Pavimentos de pedra de grandes dimensões frequentemente apresentam muitas

rachaduras, resultando em superfícies desiguais, o que pode justificar a menor utilização desses caminhos pelos idosos.

As **barreiras físicas à mobilidade** são citadas pela maior parte dos autores como um elemento desencorajador para a caminhabilidade de idosos em meios urbanos. A presença de escadas, degraus ou até mesmo mobiliários urbanos nas calçadas estreitas faz com que os idosos precisem exercer um maior esforço em suas caminhadas. Quando há opção de escolha de caminhos, as pessoas idosas optam por ambientes planos ou com rampas e escadas que seguem a inclinação indicada entre 5% e 8%, pois se sentem mais confortáveis e seguros (Alves, *et al.*, 2020; Loo, *et al.*, 2017). A autonomia é essencial para a qualidade de vida urbana dos idosos, e a presença dessas barreiras físicas restringe sua mobilidade, aumentando tanto o risco de quedas quanto o medo de cair. (Alves, *et al.*, 2020; Amaya, *et al.*, 2022; Brookfield, *et al.*, 2017; Chippendale; Boltz, 2014; Herrmann-Lunecke, *et al.*, 2021; Loo, *et al.*, 2017; Plaut, *et al.*, 2021; Vegi, *et al.*, 2020; Wu, *et al.*, 2019).

Além disso, conforme apontam os autores, a presença de obstáculos nos passeios, como carros, postes e anúncios, contribui para o desinteresse pela caminhada. As calçadas e outras áreas de circulação de pedestres, projetadas para auxiliar e alertar pessoas com deficiência visual (piso tátil), muitas vezes dificultam a caminhada dos idosos. A altura das saliências do piso tátil tem um efeito adverso no caminhar dos idosos, resultando em uma redução da estabilidade corporal, interrupção do ritmo de caminhada e aumento do risco de quedas (Brookfield *et al.*, 2017; Thies *et al.*, 2011).

Em relação à **drenagem urbana**, é citado pelos autores, a insatisfação em caminhos que não possuem uma boa drenagem. A presença de esgoto a céu aberto e de poças d'água, pode acarretar quedas ao tentar contorná-las durante o trajeto (Chippendale; Boltz, 2014; Muzayanah, *et al.*, 2022).

Além disso, **a falta de manutenção urbana**, como a presença de lixos, pichações ou pouco cuidado com as áreas urbanas, são vistas como desagráveis no caminhar da pessoa idosas (Brookfield, *et al.*, 2017; Han, *et al.*, 2022; Tilley, *et al.*, 2017).

2.3.2.2 *Tráfego intenso de veículos*

O tráfego intenso de veículos foi citado como desencorajador para a caminhada de pessoas com 60 anos ou mais.

O movimento constante e o barulho intenso afetam negativamente as percepções afetivas dos idosos na interação entre veículos e pedestres, aumentando a distração e o estresse. A dificuldade de atravessar esquinas, exacerbada pelo alto tráfego e pela redução da visibilidade, compromete a percepção dos idosos em relação aos automóveis nos cruzamentos. (Alves, *et al.*, 2020; Bandini; Gasperini, 2021; Barnett, *et al.*, 2015; Brookfield, *et al.*, 2017; Chippendale; Boltz, 2014; Distefano, *et al.*, 2021; Dujardin, *et al.*, 2014; Han, *et al.*, 2022; Herrmannlunecke, *et al.*, 2021; Lee, *et al.*, 2013; Muzayanah, *et al.*, 2022; Neale, *et al.*, 2017; Neale, *et al.*, 2019; Plaut, *et al.*, 2021; Tilley, *et al.*, 2017; Wu, *et al.*, 2019). Consequentemente, os idosos sentem-se inseguros e temem acidentes de trânsito e o tráfego intenso.

2.3.2.3 *Ausência de diversidade no uso do solo*

Segundo Han *et al.* (2023), há um efeito negativo na duração das atividades de lazer das pessoas idosas devido ao baixo uso misto do solo. Segundo ainda Cao *et al.* (2023), a alta densidade residencial reduzirá a disposição dos idosos para caminhar pelo lazer. Nos bairros predominantemente residenciais, os idosos tendem a preferir permanecer em suas casas, evitando deslocamentos frequentes nos ambientes urbanos (Besser, *et al.*, 2018; Cao, *et al.*, 2023; Han, *et al.*, 2022; Marquet; Miralles-Guasch, 2015; O'hern; Oxley, 2015; Paydar, *et al.*, 2023; Plaut, *et al.*, 2021).

2.3.2.4 *Ausência de vegetação no espaço urbano*

A ausência de vegetação desencoraja a caminhada de idosos, devido aos fatores climáticos, que são essenciais para caminhada dos mesmos (Cao, *et al.*, 2023; Muzayanah, *et al.*, 2022; Paydar; Kamani, *et al.*, 2022; Plaut, *et al.*, 2021). Um estudo realizado por Cao *et al.* (2023) avaliou o comportamento de caminhada de lazer entre idosos, analisando a relação entre os fatores ambientais em diferentes bairros. O bairro interno ao bairro, que apresentava um menor índice de vegetação, foi o

menos percorrido pelos entrevistados devido à falta de conforto térmico causada pela ausência de árvores e pela ausência de uma paisagem estética agradável.

2.3.2.5 *Ausência de iluminação no espaço público*

A iluminação é um atributo importante para a qualidade e incentivo na caminhada de idosos. Áreas com ausência ou má iluminação, desencoraja os idosos a saírem para caminhadas em horários noturnos ou ao entardecer, fazendo que prefiram o descolamento por veículos (Barnett, *et al.*, 2015; Brookfield, *et al.*, 2017; Chippendale; Boltz, 2014; Fronczek-Wojciechowska, *et al.*, 2017).

2.3.2.6 *Ausência de espaços recreativos*

A ausência de espaços recreativos, no qual servem como locais de encontro e de interação social, influenciam em suas escolhas para a caminhabilidade. A ausência desses locais, faz com que os idosos permaneçam em sua moradia (Besser, *et al.*, 2018; Han, *et al.*, 2022; O'hern; Oxley, 2015).

2.3.2.7 *Baixa qualidade estética da paisagem*

A qualidade estética da paisagem são fatores importantes para a agradabilidade do caminhar da pessoa idosa. Chen *et al.* (2022), cita como além de uma boa qualidade da paisagem, a importância da vista do céu durante os percursos. Os problemas ambientais como vandalismo e pichações e propriedades privadas danificadas ou terrenos baldios, tornam a paisagem pouco atrativa (Chen, *et al.*, 2022; Curl; Mason, 2019; Herrmann-lunecke, *et al.*, 2021).

2.3.2.8 *Presença de ciclistas*

A presença de ciclistas nas vias, seja nas calçadas ou nas ciclovias compartilhadas, afastam os idosos da caminhada. Os idosos se sentem inseguros devido ao receio de atropelamento e uma maior dificuldade de atravessamento nas

vias onde possui fluxos de ciclistas (Brookfield, *et al.*, 2017; Chippendale; Boltz, 2014; Wu, *et al.*, 2019).

2.3.2.9 *Presença de passagens subterrâneas/ túneis*

As passagens subterrâneas ou túneis durante o trajeto são um fator considerado desagradável. Essas passagens, fazem que os idosos optem por caminhar por outro percurso que não possua túneis, mesmo que seja um caminho mais longo (Brookfield, *et al.*, 2017; Zang, *et al.*, 2022).

2.3.2.10 *Baixa densidade populacional no entorno*

Outro fator considerado desagradável é a falta de uso misto no solo em bairros menos densos com menor densidade populacional, os idosos tendem a se sentirem inseguros. Aqueles que habitam em bairros com baixa densidade populacional, preferem permanecer em suas moradias, evitando o caminhar (Loo, *et al.*, 2017).

Ao analisar os estudos que integraram esta revisão de literatura e que abordam os fatores que influenciam positiva ou negativamente a prática da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais, destaca-se a alta frequência de indicadores relacionados à paisagem urbana. Aspectos como a diversidade de uso do solo, a presença de vegetação, a configuração das calçadas e a existência de espaços recreativos emergem como elementos de grande importância. Elementos que irão atuar como critérios para a delimitação do recorte da pesquisa e para a seleção das imagens que serão utilizadas no estudo em campo.

Embora o alto tráfego/fluxo veicular, também tenha aparecido como um elemento importante para o deslocamento dos idosos e optou-se por categorizá-lo nesta revisão de literatura, não será avaliado nesta pesquisa a qual está centrada nos elementos fixos da paisagem, na configuração física dos cenários e na dimensão visual da paisagem, a partir do ponto de vista do pedestre. Não interessa, portanto, avaliar nesta pesquisa, aspectos relacionados ao movimento no espaço ou outras dimensões da paisagem.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa, de abordagem quali-quantitativa, foi desenvolvida em duas etapas, e envolveu como técnica de coleta de dados, uma revisão de literatura (primeira etapa desenvolvida em gabinete) e a aplicação de foto-questionários a um grupo de pessoas com 60 anos ou mais residentes no município de Florianópolis, Santa Catarina (segunda etapa desenvolvida em campo).

Na primeira etapa, a revisão de literatura foi elaborada no sentido de identificar características da paisagem urbana, agradáveis e desagradáveis aos deslocamentos urbanos das pessoas idosas que pudessem atuar como critérios tanto para a definição do recorte da pesquisa quanto para a seleção das imagens a serem levadas a campo via questionário. Os critérios que emergiram a partir desta revisão de literatura foram expostos no final do capítulo anterior.

Já os foto questionários, aplicados na segunda etapa, procuraram ilustrar diferentes configurações paisagísticas/ cenários urbanos a partir dos critérios identificados na revisão da literatura como relevantes aos deslocamentos urbanos de pessoas com 60 anos ou mais.

Para Gil (2002), os questionários são importantes ferramentas para coleta de informações em estudos sociais. O autor menciona que os questionários são utilizados de várias maneiras e podem ser conhecidos por diferentes termos, como no caso específico desta pesquisa, o foto-questionário.

Gil (2002) destaca as vantagens do uso de questionários, como a facilidade de alcançar um maior número de respostas, a redução de custos e a garantia de anonimato dos respondentes.

Quando da aplicação com auxílio de plataformas online, Ivankova e Creswell (2009) mencionam que as ferramentas de coleta de dados online oferecem uma compreensão mais ampla do processo de coleta e facilitam a análise dos resultados, especialmente devido à capacidade de estratificar respostas em tabelas ou gráficos. A aplicação de um questionário amparado pelo uso de imagens permite identificar desejos, predileções e aspirações através das preferências visuais. Instrumentos que incorporam imagens proporcionam aos usuários uma exemplificação visual das alternativas possíveis, facilitando, assim, a comparação e a seleção de suas preferências (Rheingantz *et al.*, 2007).

As técnicas de coleta de dados empregadas nesta pesquisa são mais bem explicadas nos itens que seguem, e são apresentadas de acordo com a ordem das etapas em que foram desenvolvidas.

Esta pesquisa passou pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da UFSC e teve seu projeto aprovado, parecer de número 7.157.441, conforme o Apêndice A.

3.1 REVISÃO DE LITERATURA (ETAPA DE GABINETE)

Segundo Tranfield, Denyer e Smart (2003), o desenvolvimento de uma RSL segue um protocolo em três estágios: planejamento, condução e disseminação.

Com base nesses estágios, as fases da RSL foram definidas da seguinte forma: (1) identificação da necessidade da revisão, com foco na compreensão do tema, especialmente na necessidade de encontrar na literatura aspectos paisagísticos preferidos pelos idosos para seus deslocamentos urbanos que atuassem como critérios para a seleção do recorte e das imagens envolvidas nesta pesquisa; (2) seleção das publicações em bases de dados de abrangência; (3) organização e exclusão dos estudos, considerando a área de estudo e a duplicidade; e (4) síntese dos resultados tratados por análise de conteúdo.

Para a revisão da literatura empregada nesta pesquisa foram utilizadas as bases de dados *Web of Science*, *Scientific Eletronic Library Online (SciELO)* e *Scopus*. A string¹ de busca envolveu a utilização dos termos caminhar, ambientes urbanos e pessoa idosa e seus sinônimos também na língua inglesa.

Como critério de inclusão, foram selecionados artigos científicos em português, inglês e espanhol. Não houve limitação de tempo e nem exclusão quanto ao país de origem do estudo.

Para a seleção dos artigos foram utilizados os seguintes critérios:

- inclusão: conter idosos na amostra; contemplar espaços urbanos públicos; contemplar a atividade da caminhada (seja lazer seja deslocamento), conter estudos com atributos da qualidade do ambiente;

¹ String de busca: ((caminhar OR caminhada OR "deslocamento a pé" OR andar OR walking OR "walking behavior") AND ("espaço público" OR "ambiente urbano" OR paisagem OR "urban environment" OR "urban landscape") AND (idoso OR "pessoa idosa" OR elderly OR "older adult"))

- exclusão: artigos que abordavam outras áreas de estudos; artigos de revisão sistemática; não abordar espaços urbanos públicos; não ter idosos como centro do estudo.

Excluídos os artigos que não estavam relacionados ao caminhar da pessoa idosa em ambientes urbanos, a partir da leitura de títulos e resumos, restaram 44 artigos a serem lidos na íntegra e incluídos na análise de conteúdo.

O *software Zotero* foi empregado para organizar e auxiliar na análise de conteúdo das bibliografias e referências.

O produto textual desta revisão de literatura envolvendo as tabelas síntese das características encontradas sistematizadas de acordo com a frequência com que apareceram nos estudos analisados, embora constitua um importante resultado parcial desta pesquisa, foi apresentado no item 2.3 do referencial teórico para uma maior coesão textual e melhor organização da estrutura desta dissertação.

Desta etapa, desenvolvida em gabinete, foi identificado, como supracitado, que a diversidade de uso do solo, a presença de vegetação, a configuração das calçadas e a existência de espaços recreativos (praças, parques) emergem como elementos de grande importância e atuam como critérios nesta pesquisa para a definição do recorte de estudo e para a seleção das imagens levadas a campo via foto-questionários.

3.2 FOTO-QUESTIONÁRIOS (ETAPA DE CAMPO)

Com o intuito de promover a avaliação afetiva das diferentes paisagens optou-se nesta pesquisa por aplicar foto-questionários cuja construção e tratamento dos resultados são baseados no Modelo Circumplexo do Afeto de Russell.

Assim, este item se destina a descrever o recorte do estudo de campo, os participantes desta etapa da pesquisa e especialmente a construção do questionário e a forma como os dados coletados a partir dele serão tratados.

3.2.1 Definição do recorte do estudo

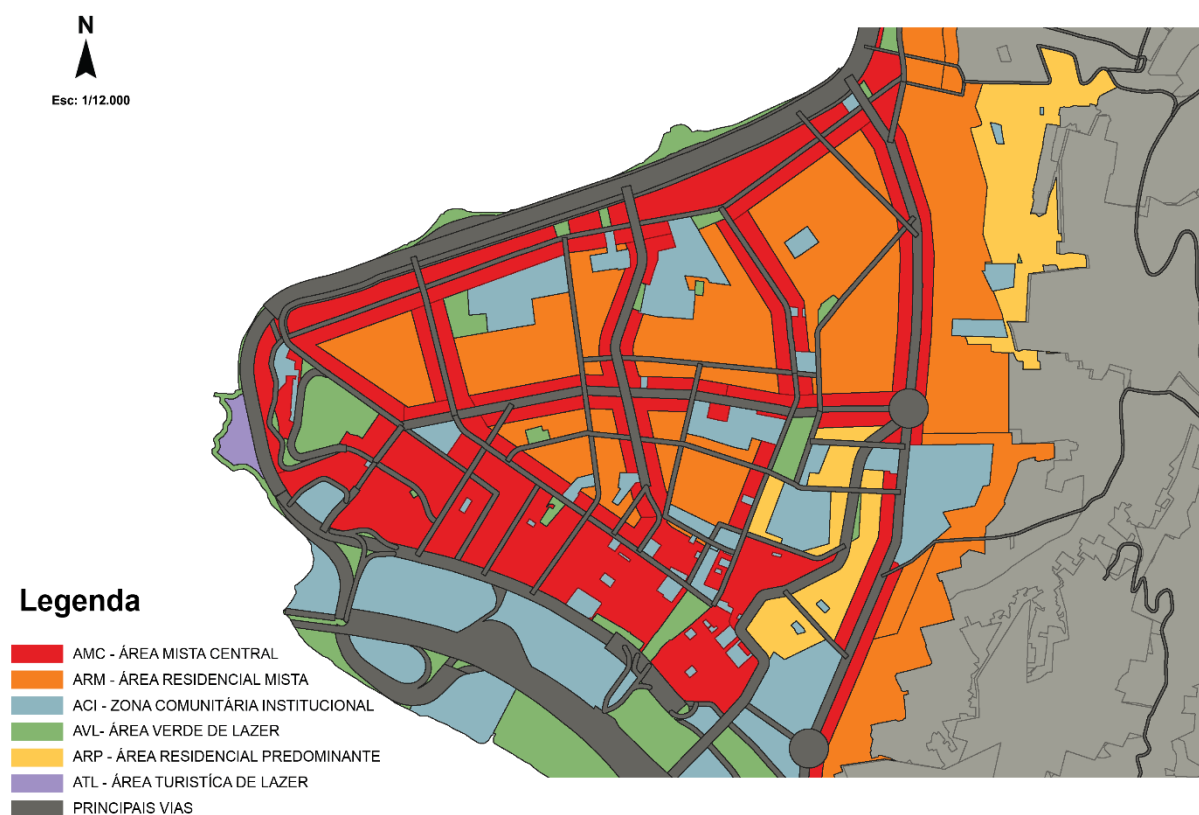
O estudo foi conduzido em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. Segundo o censo divulgado pelo IBGE, em 2022, Santa Catarina possuía 7.610.361 habitantes. Já em Florianópolis, a população estimada pelo censo é de 537.211 habitantes. Dessa população, 91.678 habitantes idosos, equivalente a 17,07% da população total, compreendendo as idades entre 60 a 100 anos ou mais. Desses 17,07% de idosos, 57,97% são do gênero feminino e 42,03% do gênero masculino.

A área de estudo está delimitada ao recorte central de Florianópolis, bairro Centro, uma vez que é mais adensado, e com uma maior diversidade de paisagens que compreendam o uso misto do solo. Segundo o Censo (IBGE 2022), a população idosa residente do bairro Centro é de 5.761 pessoas, equivalente a 13% da população total do bairro.

O uso misto do solo atuou como critério para a seleção do recorte da pesquisa, uma vez que, ficou claro, a partir da revisão de literatura (item 2.3, pg. 50, quadro 2), que idosos preferem se deslocar por paisagens que contemplem usos comerciais no entorno de seus ambientes residenciais.

A coleta de imagens para esta pesquisa se restringiu à Área Mista Central (AMC) e à Área Residencial Mista (ARM), identificadas em vermelho e amarelo, respectivamente, no zoneamento do município, dentro do recorte da pesquisa (Bairro Centro). A imagem que segue, apresenta o mapa de zoneamento do bairro Centro.

Figura 20 - Mapa de Zoneamento da área central de Florianópolis – SC



Fonte: Elaborado pela autora com dados do Geoportal – Florianópolis, 2024.

3.2.2 Participantes (amostra)

A amostra desta pesquisa foi composta por pessoas com 60 anos ou mais, residentes no município de Florianópolis, que residam ou frequentem o bairro centro (recorte desta pesquisa). Estimou-se uma amostra de ao menos 30 sujeitos², ou até que se pudesse identificar uma saturação nas respostas.

Os foto-questionários foram aplicados de duas formas, presencial e online, com auxílio do NETI (Núcleo de Estudos da Terceira Idade da UFSC), que disponibilizou seu espaço para a aplicação dos questionários presenciais e enviou o link dos questionários online para seus alunos via e-mail. O NETI destina-se aos idosos interessados em voltar a estudar, como eles já possuem acesso e relação com a universidade há maior familiaridade com pesquisas científicas. O foto-questionário ficou disponível para coleta de dados por 30 dias.

² Amostra considerada adequada, baseando-se nos estudos de Hull e Harvey (1989).

Outros idosos não integrantes do NETI também integralizaram a amostra, uma vez que foi solicitado seu compartilhamento.

Nesta pesquisa também foi proposto o uso de um grupo controle, para validar entre o grupo de respondentes das demais idades os resultados encontrados junto ao grupo de idosos. Neste caso, foi solicitado o compartilhamento do Link do questionário aos alunos de graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFSC. Os resultados obtidos na pesquisa a partir deste grupo estão apresentados apenas nos apêndices da pesquisa, e comentados ao longo do texto.

3.2.3 A construção do questionário (Modelo Circumplexo do Afeto de Russell)

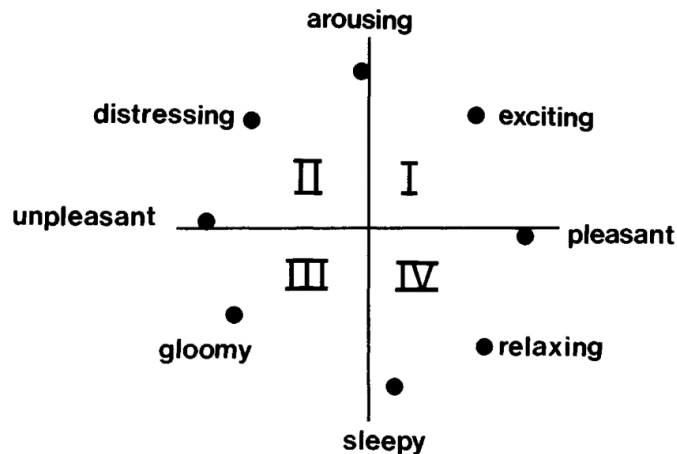
A construção dos questionários foi baseada no modelo circumplexo proposto por Russell (1980), onde pressupõe que todos os diferentes estados afetivos, ou emoções, podem ser representados em um plano cartesiano composto por duas dimensões bipolares (composta por dois eixos) e quatro quadrantes (quadrantes em que a diversidade de emoções e sentimentos possíveis em relação aos ambientes foi categorizada).

A primeira dimensão apresentada em um eixo horizontal varia de extremamente desagradável, passando pelo neutro ao extremamente agradável. E a segunda dimensão, independente da primeira, apresentada em um eixo vertical, e que diz respeito ao nível de estímulo de um lugar, varia de extremamente monótono (soporífero) à extremamente estimulante. O autor salienta, no entanto, que um ambiente classificado como extremamente estimulante (no topo do eixo vertical) não significa, necessariamente, positivo ou negativo.

Assim, cada quadrante possui características específicas de acordo com a valência (positiva ou negativa) e a intensidade (intensa ou não-intensa) da experiência emocional. Russell (1988) desenvolveu esse modelo, no sentido de tornar a pesquisa acerca das qualidades afetivas dos ambientes mais objetiva, acreditando que todas as emoções dos indivíduos em relação aos ambientes poderiam ser abrangidas, considerando a avaliação da agradabilidade e do estímulo (complexidade) proporcionados por esses ambientes. Esse modelo permite uma representação visual das emoções em relação aos ambientes, facilitando a compreensão e análise das respostas emocionais dos indivíduos (figura 21). Também neste modelo são

especializadas as categorias nas quais os diferentes descritores de qualidade afetiva identificados foram agrupados pelo autor (agradável, desagradável, estimulante, monótono, entusiasmante, depressivo/sombrio, angustiante, relaxante).

Figura 21 - Uma representação espacial dos descritores da qualidade afetiva de ambientes

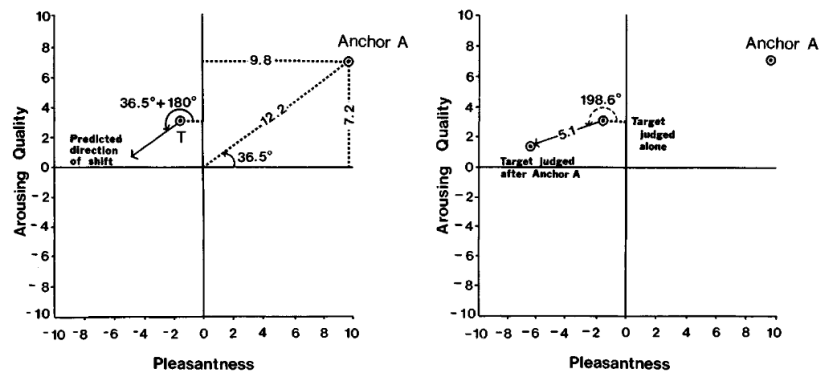


Fonte: Russell, J. A. Affective appraisals of environments. In: NASAR, Jack. (Ed.). Environmental aesthetics: theory, research, and application. New York: Cambridge, p. 122.

Segundo o autor, uma avaliação afetiva neutra se posicionaria mais ao centro do modelo circunplexo, ao passo que avaliações mais extremas, se posicionaram mais nas extremidades do modelo.

Russell (1988) comenta ainda que, segundo seus experimentos, embora as avaliações afetivas de um mesmo ambiente por pessoas com experiências diversas sofram alguma variação, esta variação é pequena (figura 21). E que embora experiências prévias influenciam estas avaliações, é possível encontrar um consenso.

Figura 22 - Deslocamento previsto e observado na avaliação do estímulo alvo induzido pela exposição prévia à Âncora A



Fonte: Russell, J. A. Affective appraisals of environments. In: NASAR, Jack. (Ed.). Environmental aesthetics: theory, research, and application. New York: Cambridge, p. 126.

Nesse sentido, as imagens contempladas no foto-questionário foram avaliadas em uma escala bipolar de 5 pontos, em valores de -2 a 2 para a agradabilidade e estímulo do ambiente, sendo: -2 extremamente desagradável ou desestimulante e 2 extremamente agradável ou estimulante, para que no tratamento dos dados coletados pudessem ser posicionadas neste modelo circunplexo.

Embora Russell tenha apresentado na sua descrição do método uma escala variando de -10 a 10 (fig. 22), outros estudos encontrados como o de Russell e Mendelsohn (1989), Hull e Harvey (1989), Russell e Lanius (1984) e Gatersleben e Uzzell (2007) cujo método é baseado no Modelo Circunplexo do Afeto de Russell utilizam escalas como -1 a 1, 1 a 9, 1 a 8 e -2 a 2, como o proposto nesta pesquisa.

A escala de -2 a 2 foi escolhida, especialmente, pois seria possível inserir no questionário uma explicação textual dos valores correspondentes.

Com o objetivo de validar o modelo na cultura local, foram apresentadas também, em uma questão fechada, as 8 categorias identificadas pelo autor (figura 21) para que o respondente pudesse julgar a cena dentro de alguma delas, ou outra de livre escolha.

Também foram utilizados os sinônimos ou descritores afetivos próximos apresentados pelo autor na figura 16, para que a validação do método pudesse ser mais assertiva, eliminando possíveis equívocos na tradução dos termos.

As imagens coletadas foram apresentadas sempre do ponto de vista frontal do pedestre que se desloca pela via.

O quadro 4 ilustra a forma como cada imagem foi apresentada no questionário para ser avaliada pelo respondente.

Quadro 4 - Exemplifica a forma como as perguntas relacionadas a uma determinada imagem serão apresentadas no questionário

Considerando as imagens a seguir, **como você avalia cada uma dessas paisagens urbanas em termos de agradabilidade do espaço e do estímulo que oferecem para deslocamentos urbanos a pé?**

Considere um valor de 2 para paisagens muito agradáveis e -2 para paisagens muito desagradáveis, considerando 0 nem agradável e nem desagradável.

Considere o valor 2 para paisagens extremamente estimulantes e -2 para paisagens nada estimulantes, considerando 0 moderadamente estimulante.



a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?

Muito desagradável	Desagradável	Nem agradável, nem desagradável	Agradável	Muito agradável
() -2	() -1	() 0	() 1	() 2

b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Nada estimulante	Pouco estimulante	Moderadamente estimulante	Bastante estimulante	Extremamente estimulante
() -2	() -1	() 0	() 1	() 2

c) Como você julga esta paisagem?

() Agradável, prazerosa, atraente
 () Desagradável, desprazerosa, repulsiva
 () Frenética, ativa, excitante, intensa, viva
 () Monótona, inativa, entediante, sonífera
 () Estimulante, entusiasmante, interessante
 () Melancólica, depressiva, sombria
 () Angustiante, assustadora, perturbadora
 () Relaxante, tranquila, serena
 () Outro

d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento?

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Dado o exposto, cabe mencionar que o foto-questionário foi composto por questões abertas e fechadas. Inicialmente foi identificado o perfil do respondente: sexo, faixa etária, bairro de residência e a presença de áreas verdes no seu entrono residencial (questões fechadas). Na sequência foram avaliadas as imagens apresentadas como no exemplo do quadro 4. Cabe mencionar que a questão aberta

contemplada neste quadro era opcional e tinha o intuito de auxiliar a pesquisadora no tratamento dos resultados.

O foto-questionário está disponibilizado no Apêndice B deste relatório.

Os critérios para a coleta e seleção das imagens, bem como as imagens que integram este foto-questionário estão apresentadas no item que segue.

Para este estudo, optou-se por utilizar o formulário online do Google para a aplicação da pesquisa, devido à sua facilidade de uso e gratuidade.

3.2.3.1 *Crítérios para coleta e seleção das imagens*

Os critérios para a coleta e seleção das imagens levaram em consideração os elementos que contribuem para a agradabilidade da paisagem urbana para o andar da pessoa idosa, apontados na revisão de literatura (no quadro 2 e 3 apresentado no item 2.3), como supracitado, passíveis de serem avaliados por experiência visual.

Foi possível observar a partir da sistematização dos dados coletados a partir da revisão de literatura, e apresentados nos quadros supracitados, que o uso do solo, vegetação, qualidade das calçadas, fluxo viário e a presença de espaços recreativos são características bastante prevalentes em paisagens que contemplam o andar da pessoa idosa. E que a **diversidade de uso do solo, a boa acessibilidade das calçadas, a presença de vegetação no espaço urbano, e de espaços livres de lazer**, são características da paisagem que incentivam o caminhar da pessoa idosa, ao passo **que calçadas inadequadas e o alto fluxo de veículos** desencoraja esta atividade. A alta frequência com que estas características da paisagem apareceram nos estudos analisados, as qualifica como variáveis importantes a serem exploradas neste estudo imagético, exceto pelo alto fluxo de veículos, que não será possível avaliar nesta pesquisa, conforme exposto no capítulo anterior.

O **uso misto do solo** atuou como critério de seleção do recorte desta pesquisa. Ou seja, as imagens desta pesquisa deveriam ser coletadas em locais onde uso residencial e de comércio e serviços coexistissem, contemplando assim os cenários preferíveis para a caminhada da pessoa idosa, como descrito no item 3.2.1, recorte da pesquisa.

Os demais critérios supracitados foram considerados nas imagens coletadas em campo, dentro do recorte da pesquisa, a partir do ponto de vista do pedestre que

se desloca pela via. Assim, estes critérios foram considerados a partir dos planos do **piso** (plano horizontal delimitado pelos limites do passeio público) e das **paredes**³ (tratamento dos planos verticais laterais ao deslocamento, a partir do limite do passeio público, ou seja, o tratamento da testada do lote confrontante a via, por vezes sem limites físicos) que compõe seu campo visual a partir do passeio público pelo qual o pedestre se desloca.

As imagens deveriam contemplar, do ponto de vista dos planos das **PAREDES** que compõem o campo visual do pedestre que se desloca pelo passeio público, a inserção da vegetação no espaço urbano a partir da testada da via, dentro do limite do lote confrontante à via, a partir das diferentes relações intervolumétricas⁴ possíveis de serem exploradas nas imagens, representadas por **recuos ajardinados ou não e a permeabilidade física e visual dada pelas fachadas/aberturas.**

Do ponto de vista do plano do **PISO**, estas imagens deveriam contemplar as diferentes tipologias de calçadas e a inserção da vegetação nos passeios públicos, ou seja, **calçadas estreitas e calçadas largas, ambas com e sem vegetação no plano do piso ao longo do passeio público em diferentes configurações.**

Assim, este estudo imagético explorado na etapa de campo da pesquisa limitou-se a paisagens urbanas que contemplassem o uso misto do solo associada às demais variáveis supracitadas, nas seguintes categorias de análise que guiaram e delimitaram a seleção das imagens:

- I. Com vegetação no lote confrontante sem limite físico (dado por área de lazer), associado a diferentes tratamentos de calçadas (estreita/ larga com e sem vegetação)
- II. Com vegetação no recuo do lote confrontante sem limite físico, associado a diferentes tratamentos de calçadas (estreita/ larga com e sem vegetação)
- III. Com vegetação no recuo do lote confrontante com limite físico (diferentes graus de permeabilidade visual) da via associada a diferentes tratamentos de calçadas (estreita/ larga com e sem vegetação) (grades, vidros).

³ Plano (por vezes imaginário uma vez que pode não apresentar limites físicos) situado na testada da via, ou seja, o limite entre o público e o privado.

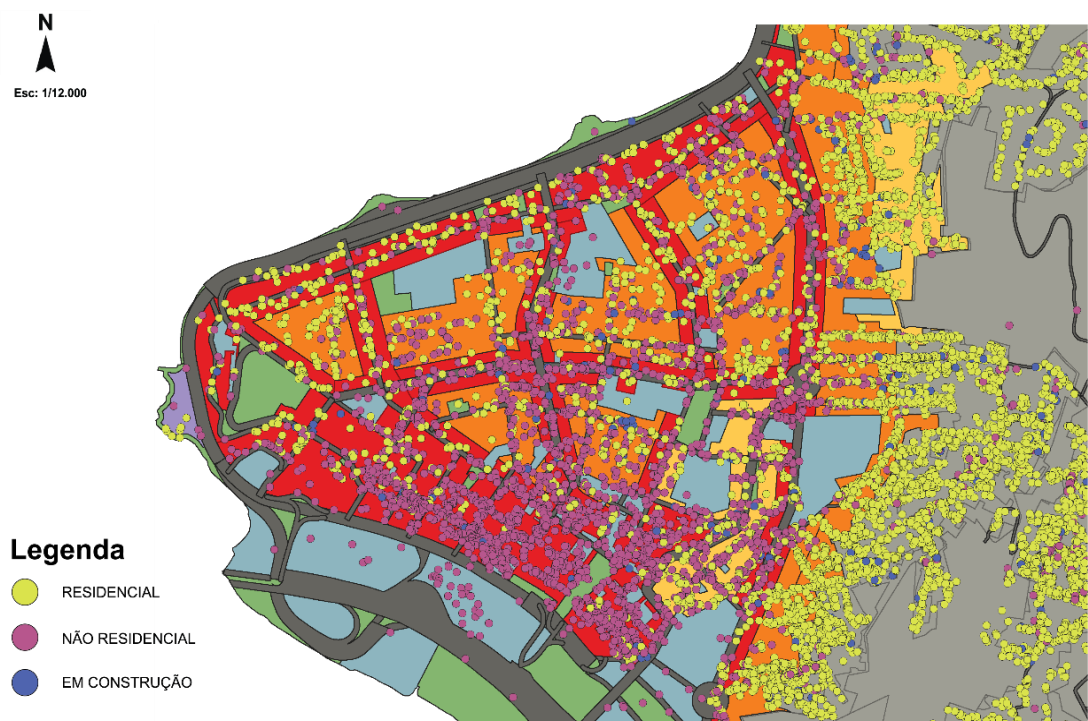
⁴ O que corresponde à categoria de planos verticais que compõe o espaço urbano segundo Kohlsdorf (1996).

- IV. Sem vegetação no recuo do lote associado a diferentes tratamentos de calçadas (estreita/ larga com e sem vegetação).
- V. Sem recuo no lote confrontante associado a diferentes tratamentos de calçadas (estreita/ larga com e sem vegetação).
- VI. Caminhos em espaços recreativos com e sem vegetação.

3.2.3.2 Procedimentos para a coleta e seleção das imagens

Dado o exposto, a coleta das imagens envolveu a busca por cenários que representassem os critérios identificados no item anterior, nas zonas identificadas como de uso misto do solo no zoneamento municipal (figura 20), em observância à diversidade de uso misto do solo identificada no mapa de uso do solo urbano disponibilizado pela prefeitura municipal, e atualizado pelo IBGE em 2024 (figura 23).

Figura 23 - Mapa de uso do solo da área central de Florianópolis – SC



Fonte: Elaborado pela autora com dados do Geoportal – Florianópolis, 2024.

Este processo foi realizado por meio de caminhadas a pé pelo bairro Centro (recorte desta pesquisa), durante as quais foram identificados e fotografados cenários de interesse para o estudo.

O trajeto iniciou no terminal central de ônibus urbano e percorreu as vias arteriais e coletoras, com a primeira parada na Praça XV, seguindo pelas ruas: R. Felipe Schmidt, R. Tenente Silveira, R. Vidal Ramos, R. Esteves Júnior, Av. Rio Branco, Av. Othon Gama D'êça, R. Bocaiúva, Av. Trompowsky, Av. Beira-Mar Norte, Av. Mauro Ramos, Av. Hercílio Luz, e suas adjacências, respectivamente.

As imagens coletadas foram agrupadas por similaridade considerando os critérios/as categorias de análise supracitadas e imagens muito semelhantes foram descartadas. Restaram 43 imagens que compuseram o piloto da pesquisa aplicado⁵ a 4 idosos voluntários, que, ao final da aplicação do questionário demonstraram sinais de cansaço, e informaram que algumas imagens pareciam muito semelhantes.

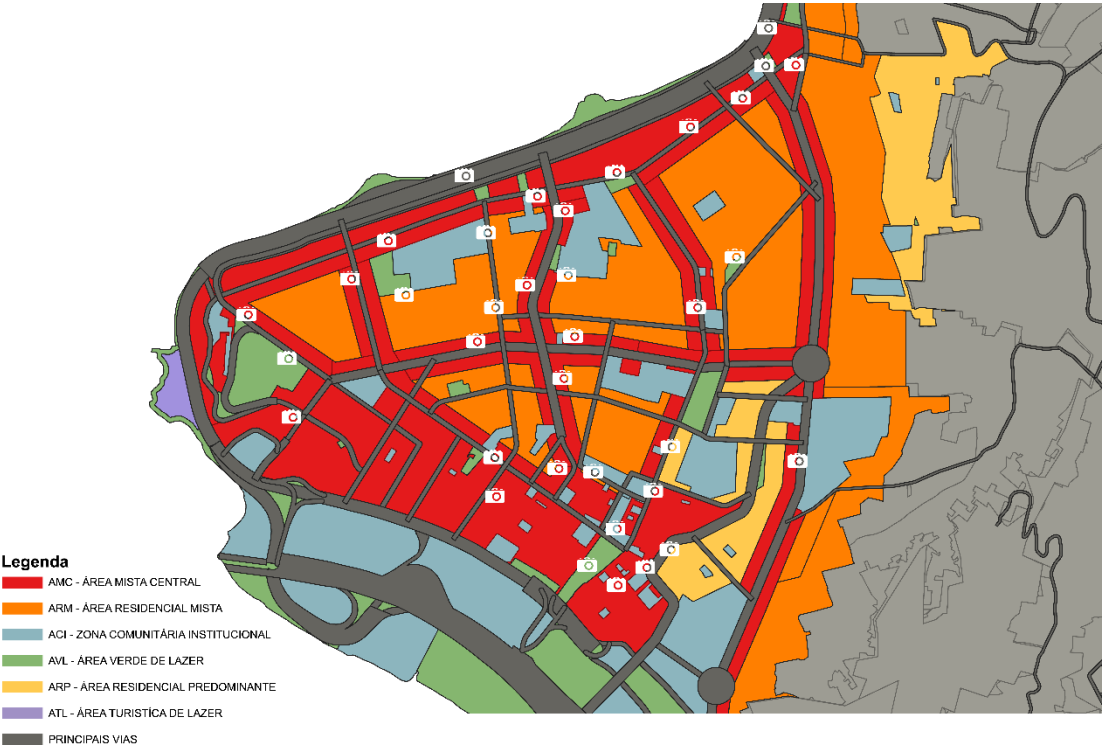
Assim, após a aplicação do piloto, novamente aplicou-se o processo de exclusão de imagens muito semelhantes, até que se conseguisse um número aceitável de imagens a serem avaliadas em campo em um período não superior a 30 minutos. Pela experiência de aplicação do piloto julgou-se que seria possível avaliar em torno de 30 a 35 imagens dentro deste tempo. Assim, 35 imagens compuseram o foto-questionário.

Ao final, as imagens selecionadas passaram por um juiz especialista integrante do grupo de pesquisa em Desenho Urbano e Paisagem o qual verificou a adequação das imagens selecionadas aos critérios/categorias de análise estabelecidos e avalizou as duplicidades excluídas.

O mapa que segue apresenta a localização das imagens avaliadas sobrepostas ao zoneamento urbano municipal.

⁵ Via internet.

Figura 24 - Mapa com a localização das imagens selecionadas



Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 5 – Imagens das Categorias I.A e I.B

I.	A	PAREDE: COM vegetação no lote confrontante SEM limite físico, dado por área de lazer PISO: COM de vegetação no piso do passeio público 
	B	PAREDE: COM vegetação no lote confrontante SEM limite físico, dado por área de lazer PISO: SEM vegetação no piso do passeio público 



Fonte: A autora, 2024.

Quadro 6 – Imagens da Categoria II.A e II.B

II	A	PAREDE: COM vegetação no recuo do lote confrontante SEM limite físico PISO: COM de vegetação no piso do passeio público 
	B	PAREDE: COM vegetação no recuo do lote confrontante SEM limite físico PISO: SEM vegetação no piso do passeio público 

Fonte: A autora, 2024.

Quadro 7 – Imagens da Categoria III.A e III.B

III.	A	PAREDE: COM vegetação no recuo do lote confrontante COM limite físico (limite físico em diferentes graus de permeabilidade visual) PISO: COM de vegetação no piso do passeio público 
	B	PAREDE: COM vegetação no recuo do lote confrontante COM limite físico (limite físico em diferentes graus de permeabilidade visual) PISO: SEM de vegetação no piso do passeio público 

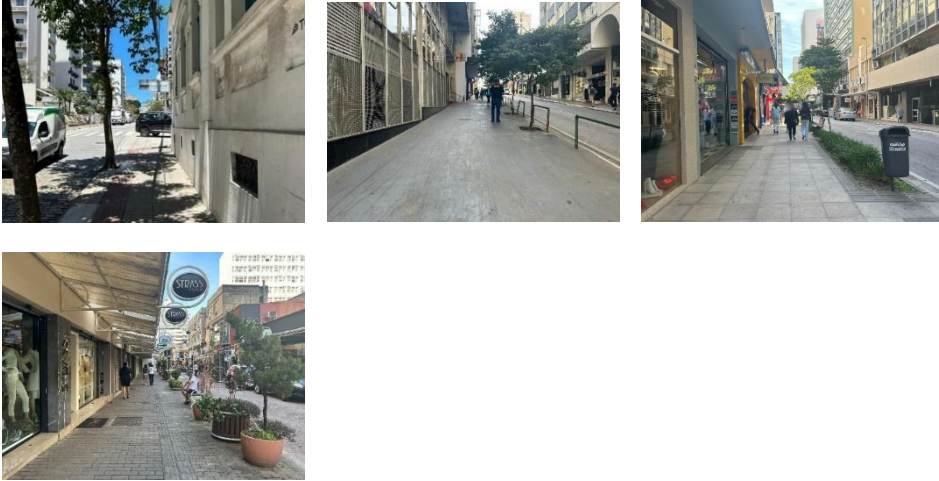
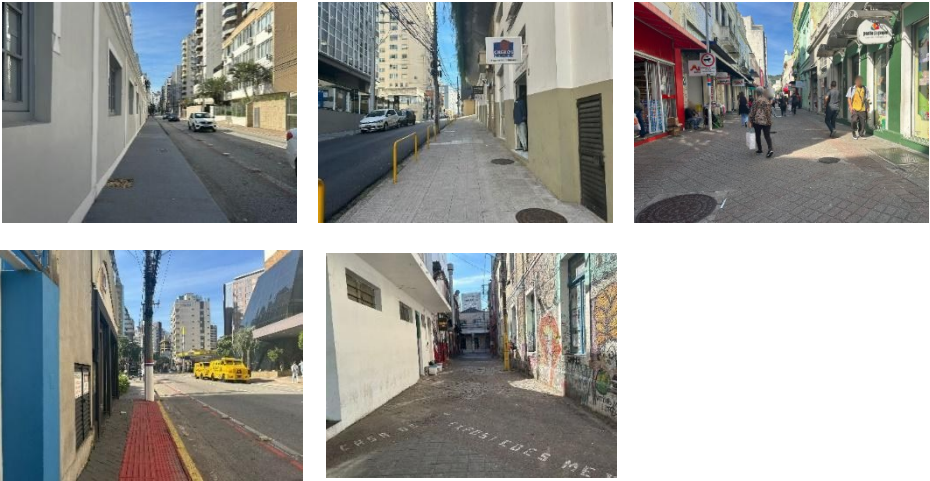
Fonte: A autora, 2024.

Quadro 8 - Imagens da Categoria IV.A E IV.B

IV.	A	PAREDE: SEM vegetação no recuo do lote confrontante PISO: COM de vegetação no piso do passeio público (não foi encontrada imagens correspondentes)
	B.	PAREDE: Sem vegetação no recuo do lote confrontante PISO: SEM de vegetação no piso do passeio público 

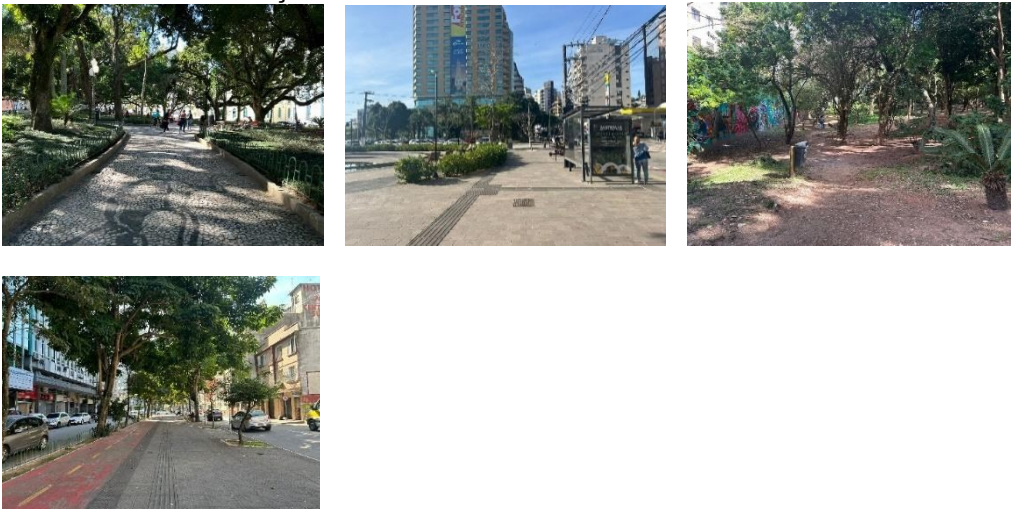
Fonte: A autora, 2024.

Quadro 9 - Imagens da Categoria V.A E V.B

V.	A	PAREDE: SEM recuo no lote confrontante PISO: COM de vegetação no piso do passeio público 
	B.	PAREDE: SEM recuo no lote confrontante PISO: SEM de vegetação no piso do passeio público 

Fonte: A autora, 2024.

Quadro 10 - Imagens da Categoria VI

VI.	CAMINHOS EM ESPAÇOS RECREATIVOS The image block contains four photographs arranged in two rows. The top row has three photos: a gravel path lined with trees and a low metal fence; a paved path in an urban plaza with modern buildings in the background; and a dirt path through a wooded area with colorful graffiti on a wall. The bottom row has one photo: a paved path with a red brick border, flanked by trees and buildings.
-----	--

Fonte: A autora, 2024.

Cabe destacar que cenários urbanos com uso misto do solo e presença de vegetação são bastante diversos, resta saber, quais mais agradam a mais desagradam a população idosa. Poucos estudos foram identificados abordando estas características configuracionais da paisagem, especialmente com o método de pesquisa que se propõe neste estudo.

3.3 LIMITAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa está limitada às tipologias de cenários identificados pelas imagens coletadas pelo pesquisador em campo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção serão apresentados os resultados obtidos a partir da aplicação dos métodos e técnicas de pesquisa explanados no capítulo anterior.

Os resultados estão apresentados conforme a ordem das perguntas apresentadas nas entrevistas: 1) Caracterização dos indivíduos entrevistados; 2) Posição no Modelo Circumplexo (média dos valores de agradabilidade e estímulo); 3) Validação do método de Russell 4) Resultado grupo controle.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES

Considerando os 30 respondentes desta pesquisa, seis responderam ao questionário presencialmente nas dependências do NETI, e os demais responderam ao questionário via internet. Destes 30 participantes, vinte e um eram mulheres e nove homens. Vinte e dois participantes se enquadravam na faixa etária de 60 a 69 anos, e 8 de 70 a 79 anos. Não houve participantes com 80 anos ou mais (ver figura 25).

A grande maioria dos respondentes da pesquisa residem no bairro Centro e em bairros do entorno, na porção central do município (Agrônômica, Carvoeira, Córrego Grande, Estreito, Itacorubi, João Paulo, Pantanal, Santa Mônica e Trindade. No entanto, alguns residentes dos balneários também responderam à pesquisa (Daniela, Ingleses, Jurerê e Lagoa da Conceição).

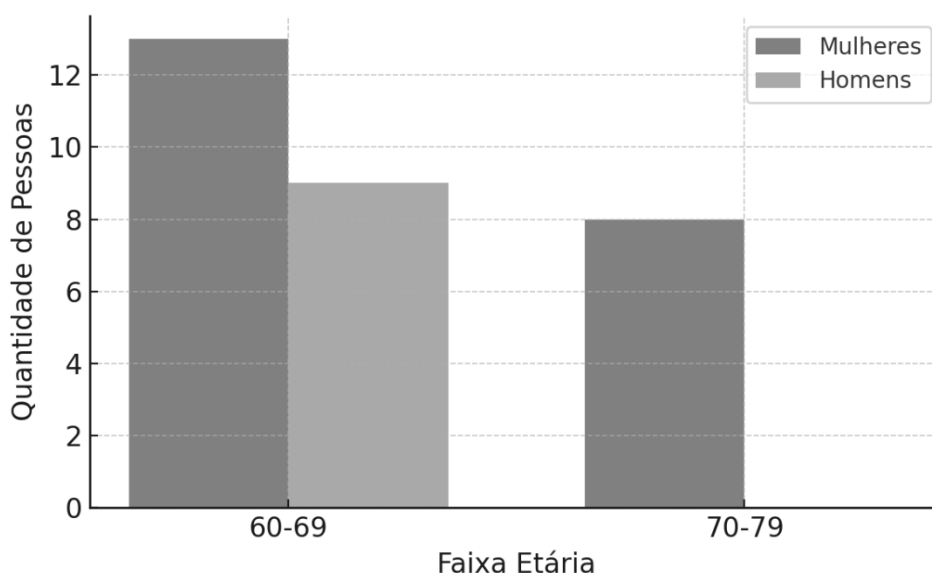
Neste estudo, 50% dos respondentes (15 indivíduos) relataram que possuem várias áreas verdes próximas à residência; 46,6% (14 indivíduos) relataram que possuem algumas/poucas áreas verdes próximas à residência e apenas 1 indivíduo relatou que não há áreas verdes próximas à sua residência, como ilustrado na figura a seguir.

Considerando que apenas um (1) respondente relatou que não possui áreas verdes próximas à residência, a apresentação dos resultados, na sequência do texto, não contemplará análises por grupo (entre os que possuem ou não áreas verdes próximas à residência).

Cabe mencionar, desde já, que as percepções e avaliações afetivas deste indivíduo se assemelham aos resultados encontrados para a coletividade do grupo,

incluindo as justificativas apresentadas por ele em relação a presença ou não de espaços verdes nas imagens avaliadas.

Figura 25 – Relação respondentes do foto-questionário por idade e sexo



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

4.2 AVALIAÇÃO AFETIVA DA PAISAGEM PARA O ANDAR DA PESSOA IDOSA

Os resultados do foto-questionário estão sintetizados no quadro que segue (quadro 11). A primeira coluna apresenta as imagens avaliadas. A segunda coluna apresenta a posição da imagem no Modelo Circumplexo de Russell, dada pela média de valores de agradabilidade e estímulo alcançadas nas avaliações com os respondentes, e que relaciona a imagem aos descritores afetivos relacionados no quadrante/octante correspondente⁶. O objetivo foi identificar como as diferentes

⁶ Cabe destacar que, neste Modelo Circumplexo, o termo "estimulante/entusiasmante" combina alta valência em agradabilidade e alto estímulo; "agradável/prazeroso" refere-se a uma alta valência em agradabilidade combinada com um estímulo moderado, enquanto "frenético/excitante" indica moderada agradabilidade e um estímulo alto. Uma paisagem "angustiante" reflete baixa valência em agradabilidade, porém com alto estímulo, denotando uma experiência emocional negativa e intensa. Paisagens "Relaxantes" também são caracterizadas por alta valência em agradabilidade, mas com

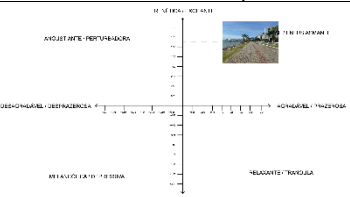
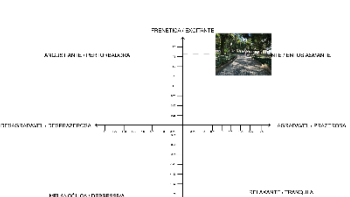
configurações arquitetônicas influenciam afetivamente a experiência de pessoas idosas ao caminhar.

A terceira coluna, dedicada a validar o Modelo de Russell para a cultura local, apresenta as categorias em que as imagens foram enquadradas pelos respondentes, em percentual; categorias de descritores afetivos definidos previamente por Russell (agradável, desagradável, estimulante, monótono, entusiasmante, depressivo/sombrio, relaxante).

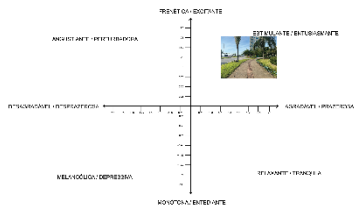
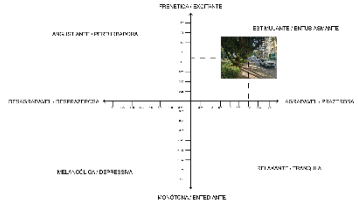
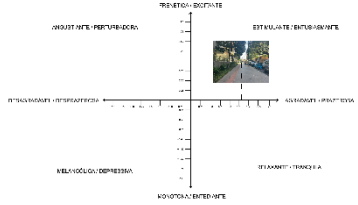
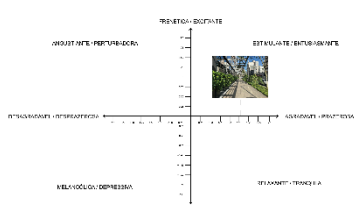
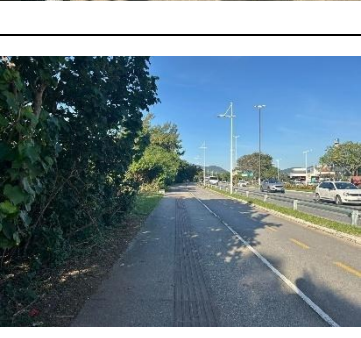
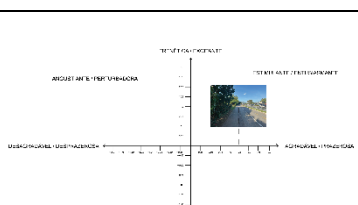
A tabela apresentada ao Apêndice C, conta ainda uma quarta e última coluna, derivada da questão aberta, apresenta os elementos apontados pelos respondentes como preponderantes nas suas avaliações.

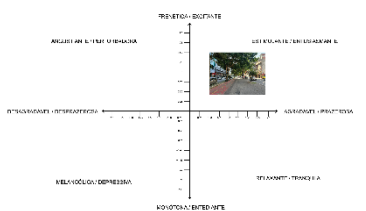
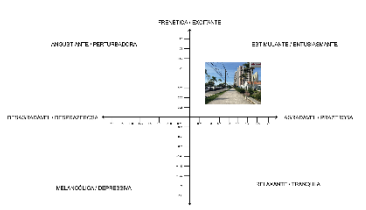
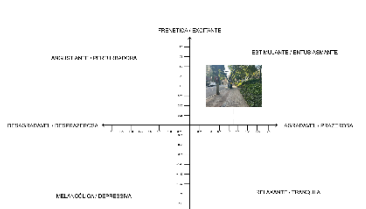
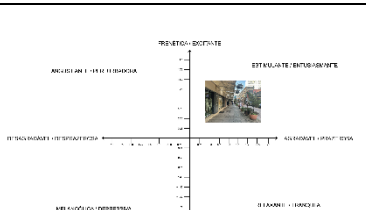
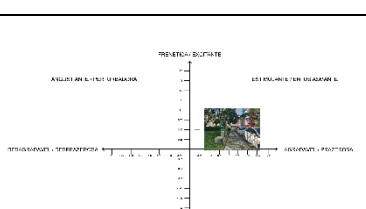
O quadro foi ordenado de acordo com a avaliação das paisagens, variando das mais agradáveis/prazerosas às menos agradáveis/prazerosas .

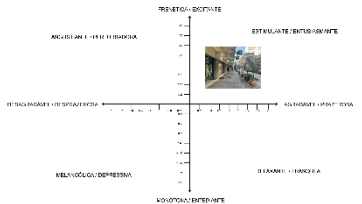
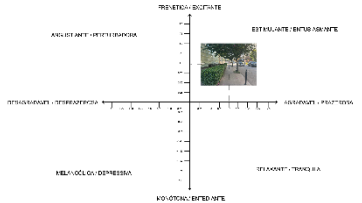
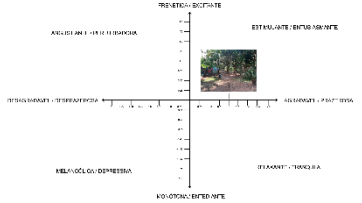
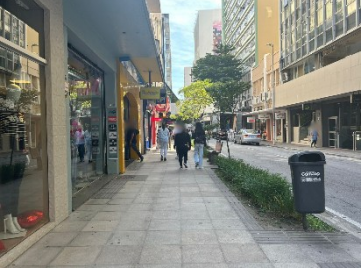
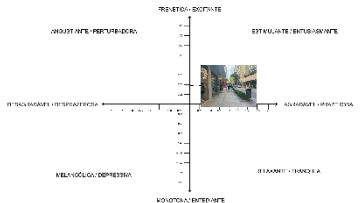
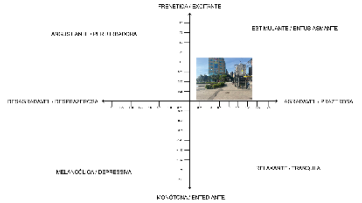
Quadro 11 - Quadro síntese dos resultados

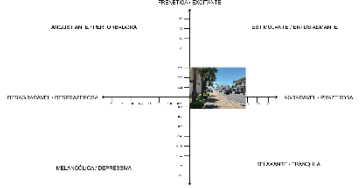
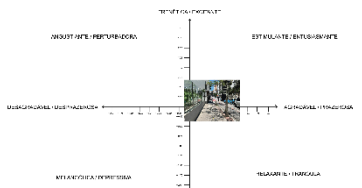
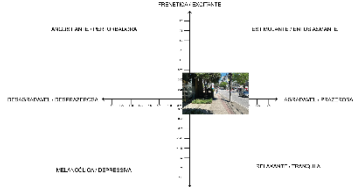
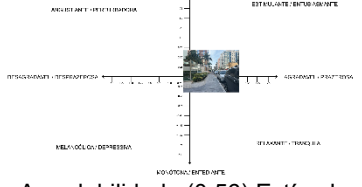
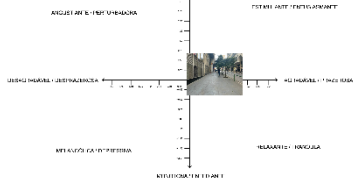
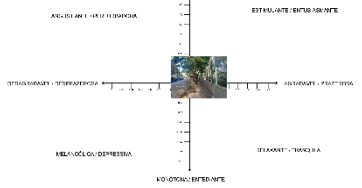
Imagem	Posição no modelo circunplexo (média dos valores de agradabilidade e estímulo)	Julgamento da paisagem (questão fechada)
	 Agradabilidade (1,77) Estímulo (1,66)	agradável (76,6%) estimulante (16,7%) relaxante (6,7%)
	 Agradabilidade (1,77) Estímulo (1,45)	agradável (70%) relaxante (16,6%) estimulante (10%) angustiante (3,4%)

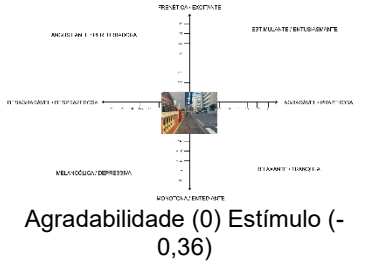
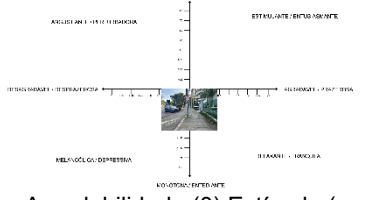
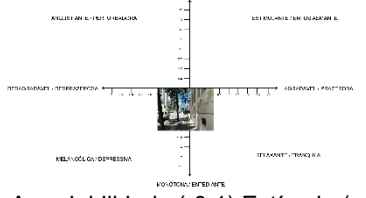
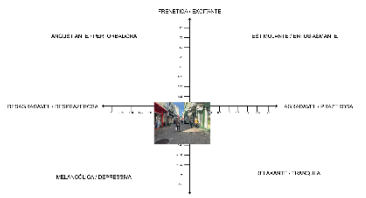
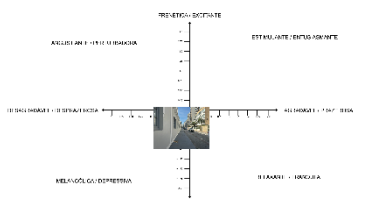
baixo estímulo. Por outro lado, paisagens consideradas "desagradáveis/despazerosas" possuem baixa valência em agradabilidade e estímulo moderado; "monótonas" ou "entediante" apresentam moderada agradabilidade e baixo estímulo. As descrições "melancólica/depressiva/desestimulante" são associadas a baixa valência em agradabilidade e baixo estímulo, Paisagens descritas como tendo um "visual comum" mantém neutralidade tanto na agradabilidade quanto no estímulo.

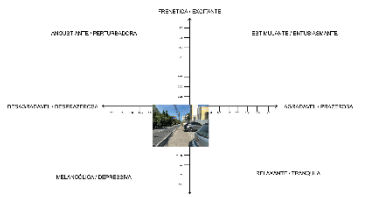
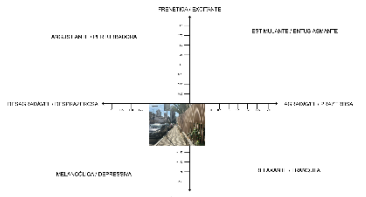
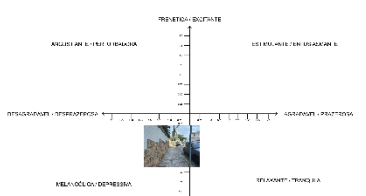
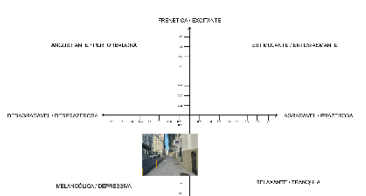
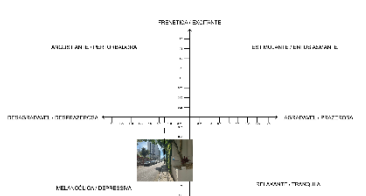
	 Agradabilidade (1,5) Estímulo (1,28)	agradável (63,3%) estimulante (20%) relaxante (6,8%) monótona (3,3%) melancólica (3,3%) frenética (3,3%)
	 Agradabilidade (1,5) Estímulo (1,16)	agradável (75,9%) estimulante (13,8%) relaxante (10,3%)
	 Agradabilidade (1,36) Estímulo (0,94)	agradável (76,6%) relaxante (10%) estimulante (6,7%) desagradável (6,7%)
	 Agradabilidade (1,3) Estímulo (0,96)	agradável (63,4%) relaxante (16,7%) estimulante (13,3%) monótona (3,3%) angustiante (3,3%)
	 Agradabilidade (1,24) Estímulo (1,0)	agradável (60%) estimulante (13,3%) monótona (10%) relaxante (6,7%) frenética (6,7%) angustiante (3,3%)

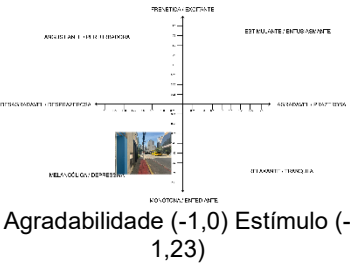
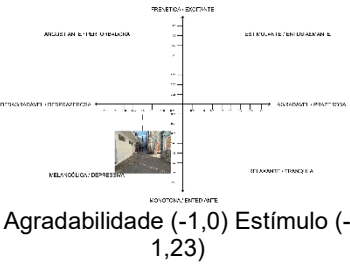
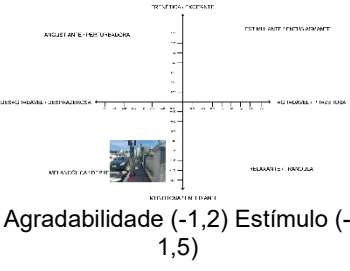
	 Agradabilidade (1,24) Estímulo (0,83)	agradável (55,2%) frenética (17,2%) estimulante (10,3%) relaxante (6,9%) monótona (6,9%) desagradável (3,4%)
	 Agradabilidade (1,16) Estímulo (0,83)	agradável (68,8%) relaxante (17,4%) estimulante (6,9%) monótona (6,9%)
	 Agradabilidade (1,13) Estímulo (0,8)	agradável (75,1%) relaxante (7,1%) estimulante (7,1%) monótona (7,1%) melancólica (3,6%)
	 Agradabilidade (1,10) Estímulo (0,89)	agradável (65,6%) estimulante (20,7%) frenética (6,9%) relaxante (3,4%) monótona (3,4%)
	 Agradabilidade (1,1) Estímulo (0,5)	agradável (56,6%) relaxante (23,5%) monótona (10%) melancólica (3,3%) frenética (3,3%) angustiante (3,3%)

	 Agradabilidade (1,10) Estímulo (0,89)	agradável (65,6%) estimulante (20,7%) frenética (6,9%) relaxante (3,4%) monótona (3,4%)
	 Agradabilidade (1,0) Estímulo (0,93)	agradável (75,8%) angustiante (6,9%) frenética (6,9%) estimulante (3,4%) melancólica (3,4%) relaxante (3,4%)
	 Agradabilidade (1,0) Estímulo (0,72)	agradável (32,1%) relaxante (28,5%) estimulante (14,3%) monótona (10,7%) angustiante (7,2%) frenética (7,2%)
	 Agradabilidade (1,0) Estímulo (0,41)	agradável (55,6%) estimulante (18,5%) relaxante (14,8%) monótona (11,1%)
	 Agradabilidade (0,83) Estímulo (0,6)	agradável (56,6%) estimulante (13,4%) monótona (10%) melancólica (6,7%) frenética (6,7%) angustiante (3,3%) relaxante (3,3%)

	 Agradabilidade (0,72) Estímulo (0,24)	agradável (42,9%) monótona (25%) melancólica (10,5%) frenética (7,2%) estimulante (3,6%) angustiante (3,6%) relaxante (3,6%) desagradável (3,6%)
	 Agradabilidade (0,66) Estímulo (0,10)	agradável (37,8%) monótona (20,7%) relaxante (17,2%) estimulante (10,5%) angustiante (6,9%) estressante (6,9%)
	 Agradabilidade (0,62) Estímulo (0,13)	agradável (34,6%) relaxante (20,6%) monótona (20,6%) frenética (10,4%) desagradável (6,9%) estimulante (3,4%) melancólica (3,4%)
	 Agradabilidade (0,56) Estímulo (0,13)	agradável (41,3%) monótona (37,9%) frenética (13,9%) estimulante (6,9%)
	 Agradabilidade (0,55) Estímulo (0,20)	monótona (34,6%) agradável (31,4%) relaxante (13,6%) desagradável (10,2%) melancólica (6,8%) estimulante (3,4%)
	 Agradabilidade (0,26) Estímulo (0,13)	agradável (42,9%) relaxante (17,8%) monótona (10,7%) melancólica (10,7%) angustiante (10,7%) desagradável (7,2%)

	 Agradabilidade (0) Estímulo (-0,36)	monótona (48,2%) agradável (17,2%) desagradável (10,4%) relaxante (10,4%) estimulante (6,9%) melancólica (6,9%)
	 Agradabilidade (0) Estímulo (-0,46)	monótona (36,6%) desagradável (16,6%) agradável (16,6%) relaxante (10%) estimulante (10%) angustiante (6,7%) melancólica (3,3%)
	 Agradabilidade (-0,1) Estímulo (-0,55)	monótona (31%) agradável (20,6%) frenética (17,2%) angustiante (17,2%) desagradável (10,3%) melancólica (3,7%)
	 Agradabilidade (-0,20) Estímulo (-0,44)	monótona (28,6%) agradável (25%) angustiante (14,3%) melancólica (10,7%) estimulante (10,7%) frenética (7,1%) desagradável (3,6%)
	 Agradabilidade (-0,20) Estímulo (-0,40)	monótona (65,5%) desagradável (10,4%) agradável (10,4%) estimulante (6,9%) angustiante (3,4%) frenética (3,4%)

	 Agradabilidade (-0,26) Estímulo (-0,50)	monótona (36,6%) desagradável (19,9%) agradável (16,7%) angustiante (16,7%) frenética (3,3%) melancólica (3,3%) relaxante (3,3%)
	 Agradabilidade (-0,37) Estímulo (-0,58)	monótona (41,4%) desagradável (24%) agradável (13,9%) melancólica (10,4%) angustiante (6,9%) frenética (3,4%)
	 Agradabilidade (-0,44) Estímulo (-0,82)	monótona (62,2%) desagradável (13,7%) melancólica (10,4%) agradável (6,9%) angustiante (3,4%) relaxante (3,4%)
	 Agradabilidade (-0,53) Estímulo (-0,90)	monótona (61,9%) desagradável (13,9%) melancólica (6,9%) angustiante (6,9%) agradável (6,9%) relaxante (3,4%)
	 Agradabilidade (-0,66) Estímulo (-1,13)	desagradável (34,5%) angustiante (20,7%) monótona (20,7%) melancólica (10,3%) frenética (10,3%) relaxante (3,4%)

	 Agradabilidade (-1,0) Estímulo (-1,23)	desagradável (37,9%) angustiante (31%) monótona (17,3%) melancólico (10,4%) frenética (3,4%)
	 Agradabilidade (-1,0) Estímulo (-1,23)	monótona (27,6%) desagradável (20,7%) melancólica (17,2%) estimulante (17,2%) angustiante (17,2%)
	 Agradabilidade (-1,2) Estímulo (-1,5)	desagradável (58,6%) angustiante (20,8%) monótona (17,2%) melancólica (3,4%)

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Os resultados desta pesquisa evidenciam a influência da vegetação e da configuração arquitetônica (especialmente a permeabilidade física e visual das edificações) na percepção ambiental dos idosos, destacando fatores que afetam a caminhabilidade e o bem-estar dele no espaço urbano.

De um modo geral, as imagens que apresentam cenários mais agradáveis e estimulantes na avaliação afetiva dos idosos para seus deslocamentos urbanos são aquelas nas quais se percebe um predomínio maior da vegetação nas imagens, o que é corroborado pela literatura que aponta uma preferência dos idosos por caminhar entre paisagens vegetadas.

Pode-se perceber, nestes resultados, que conforme diminui a vegetação (e elementos naturais) presente nestes cenários apresentados, também vai diminuindo o prazer sensorial percebido pelos idosos. Os cenários julgados como mais desagradáveis, ou desprazerosos, são, predominantemente, aqueles em que não se visualiza vegetação.

Esta pesquisa, contribui, no entanto, ao associar a presença da vegetação no espaço urbano à diferentes configurações arquitetônicas, no sentido de orientar projetistas a conceberem cidades mais prazerosas ao deslocamento à pé, e cidadãos, no sentido de tomarem decisões mais acertadas e relação aos seus espaços residências.

Dentre as configurações arquitetônicas que os idosos mais apreciam, as categorias que apresentam vegetação em espaço livre de lazer no lote confrontante ao passeio, sem limite físico, independente de apresentar ou não vegetação no piso do passeio, e caminhos em espaços livres de lazer (predominantemente vegetados) (Categorias I e VI), são as que apresentam maior valor afetivo aos idosos, sendo julgadas como as mais prazerosas.

As categorias que apresentam vegetação no recuo do lote confrontante sem limite físico (Categoria II), independente de apresentar ou não vegetação no piso do passeio, vem logo em seguida na avaliação afetiva dos idosos.

Nas categorias supracitadas, quanto mais largas as calçadas, maior o apreço dos idosos às paisagens representadas nas imagens; o que também ficou evidente nas justificativas apresentadas pelos respondentes na apreciação das imagens, atrás apenas dos elementos naturais.

Em seguida, entre as paisagens que os idosos mais apreciam para seus deslocamentos, estão as vias cujas edificações não possuem recuo para ajardinamento (mas apresentam fachadas ativas, que abrigam comércios com ampla permeabilidade visual em relação ao passeio) e possuem vegetação no piso do passeio (Categoria V.A)

Na sequência, os idosos ainda apresentam apreço pelas configurações que apresentam recuo vegetado com limite físico, no entanto que apresentem ampla permeabilidade visual no limite físico da testada (como uso do vidro ao invés de grades e muros) e vegetação no piso do passeio público (Categoria III.A).

Ficou claro nesta pesquisa que, mesmo com recuo ajardinado, os idosos não apreciam caminhos com pouca permeabilidade visual ao lote nos limites físicos confrontantes à via (muros ou gradis), e sem vegetação no piso do passeio.

Também não apreciam caminhos com edificações no alinhamento da via com pouca permeabilidade visual e sem vegetação no passeio. Aí também estão inclusos calçadões sem vegetação.

E não apreciam especialmente passeios com limites conformados por paredes/muros cegos (os quais não oferecem permeabilidade física e visual aos lotes) e sem vegetação no piso, independente destas configurações apresentarem recuo ajardinado no interior dos lotes, uma vez que o que se percebe da via é o muro/parede cega. Esta configuração pode oferecer privacidade à residentes e até contribuir com seu bem-estar e a permeabilidade do solo para escoamento das águas quando o recuo é ajardinado, no entanto, não oferece qualquer contribuição urbana para que a caminhada seja prazerosa e segura. Esses cenários são ainda mais mal avaliados quando a calçada é estreita e com obstáculos.

A falta de vegetação e de sombras para a caminhada, foram as características mais citados como desestimulantes ao deslocamento a pé nas paisagens avaliadas.

Na sequência deste relatório, os resultados serão apresentados segundo as categorias de análise definidas na metodologia deste estudo, ordenadas segundo a avaliação afetiva dos idosos, das mais agradáveis e prazerosas às menos agradáveis e prazerosas.

4.2.1 CATEGORIA I.B Com vegetação no lote confrontante sem limite físico (área de lazer), sem vegetação no piso do passeio



As paisagens que foram afetivamente melhores avaliadas pelos respondentes, foram as cenas que representam a vegetação no lote confrontante sem limite físico, vegetação esta proveniente de espaços abertos/áreas de lazer.

Estas foram as imagens que obtiveram maiores médias de agradabilidade, entre 1,77 e 1,11, e que provocam, portanto, prazer sensorial entre os respondentes. Destacam-se as imagens cujos respondentes associaram a tipologia à sensação de “amplitude” visual, à vista do mar e à integração com a natureza.

Este cenário é caracterizado pelas imagens que seguem:

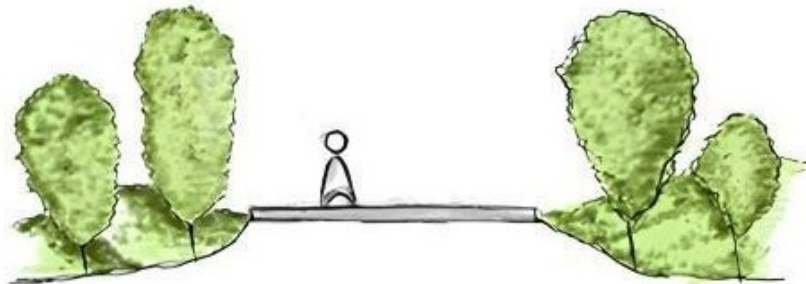
Quadro 12 - Imagens da Categoria I.B. por média de agradabilidade

I	B	PAREDE: COM vegetação no lote confrontante SEM limite físico, dado por área de lazer PISO: SEM vegetação no piso do passeio público  Média Agrad. = 1,77  1,5  1,24  1,13  1,11
---	---	--

Fonte: A autora, 2024.

Segundo a percepção dos respondentes, as paisagens mais agradáveis/prazerosas são aquelas com a composição de vegetação rasteira e árvores de copas altas que projetam sombras. Paisagens com vegetação de médio porte caracterizada por arbustos atingiram médias menores do que aquelas. A sensação de insegurança gerada por esta vegetação arbustiva alta foi citada por um idoso.

4.2.2 **CATEGORIA VI:** Diferentes configurações de caminhos no interior de espaços recreativos com ou sem vegetação



Outras paisagens mais bem avaliadas foram aquelas que representavam diferentes caminhos em espaços recreativos, com presença de vegetação. Estas paisagens alcançaram médias de agradabilidade entre 1,77 e 0,83.

Os cenários que retratam áreas verdes de recreação, como parques e praças, alcançaram as maiores médias de avaliação, especialmente aqueles com caminhos bem delimitados em relação à vegetação, pavimentados e sombreados, como corrobora o estudo de Vegi, et al., 2020. Além disso, as imagens que incluíam árvores altas foram destacadas positivamente pelos respondentes. Foi citado também o mobiliário urbano, em específico bancos.

Quadro 13 - Imagens da Categoria VI por média de agradabilidade

VI.			
	Média Agrad. = 1,77	1,24	1,0
			
	0,83		

Fonte: A autora, 2024.

A cena em que não havia calçamento, foi classificada como menos agradável. As justificativas apresentadas pelos respondentes incluíram “falta manutenção”, “insegurança” e “desorganização”.

A ausência de vegetação no ambiente urbano pode desencorajar a caminhada de idosos, uma vez que a falta de árvores reduz a oferta de áreas sombreadas, tornando os percursos menos confortáveis (Plaut et al., 2021).

4.2.3 CATEGORIA I.A Com vegetação no lote confrontante sem limite físico (área de lazer), com vegetação no piso do passeio



Dentro da Categoria I, já citada, mas agora com a presença de vegetação no piso do passeio, a única cena representada obteve uma média elevada. Esta paisagem alcançou a média de agradabilidade de 1,5.

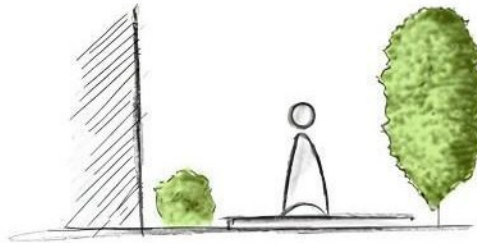
Isso sugere que, além de um maior campo de visão, a vegetação no piso do passeio contribui para uma percepção mais positiva do ambiente. A diferença entre as médias dessa tipologia e das anteriores não foi significativa.

Quadro 14 - Imagens da Categoria I.A. por média de agradabilidade

I.	A	PAREDE: COM vegetação no lote confrontante SEM limite físico, dado por área de lazer PISO: COM de vegetação no piso do passeio público  Média Agrad. = 1,5
----	---	---

Fonte: A autora, 2024.

4.2.4 **CATEGORIA II.A: Com vegetação no recuo do lote confrontante sem limite físico/ edificação, com vegetação no piso do passeio**



Outra categoria que apresentou uma média de avaliação afetiva alta em relação a agradabilidade e estímulo foi aquela em que as imagens retratavam a presença de vegetação no recuo do lote sem a presença de limites físicos na testada da via. Ou seja, cenários nos quais as edificações contavam com um jardim integrado à transição com a calçada, criando uma conexão mais fluida entre o espaço privado e o espaço público. . Estas paisagens alcançaram médias de agradabilidade entre 1,3 e 1,0.

A ausência de barreiras físicas entre a edificação e a calçada pode ter reforçado a continuidade visual e a acessibilidade do espaço, elementos que costumam ser associados a uma melhor experiência urbana.

A preferência dos respondentes pela presença de vegetação foi perceptível, especialmente nas imagens que apresentavam vegetação rasteira, como grama, que receberam avaliações mais positivas. Além disso, as cenas que incluíam árvores altas, responsáveis por projetar sombra, obtiveram médias consideravelmente maiores. Já as imagens que continham vegetação de médio porte, como arbustos, tiveram médias mais baixas em comparação às demais configurações vegetais. É possível identificar nessas imagens que aparecem arbustos, a vegetação mais “fechada”, com pouca permeabilidade visual.

Por outro lado, nos cenários sem a presença de árvores, a ausência de sombra foi mencionada como um aspecto negativo para a caminhabilidade, o que também é corroborado pelos estudos de Cao, et al., 2023; Muzayanah, et al., 2022; Paydar; Kamani, et al., 2022; Plaut, et al., 2021.

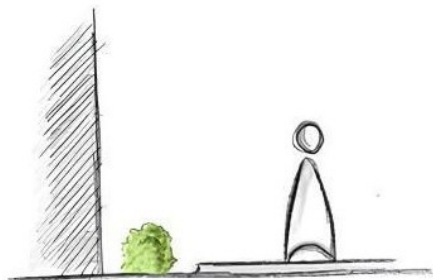
Cabe destacar que esta configuração arquitetônica que alcançou médias altas de agradabilidade, se situam, nas imagens retratadas por esta pesquisa, no entorno de edificações comerciais.

Quadro 15 - Imagens da Categoria II.A. por média de agradabilidade

II	A	PAREDE: COM vegetação no recuo do lote confrontante SEM limite físico PISO: COM de vegetação no piso do passeio público
		 1,3 1,16 1

Fonte: A autora, 2024.

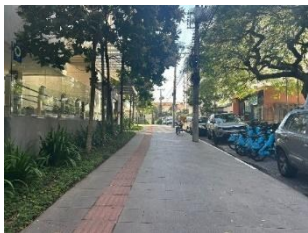
4.2.5 **CATEGORIA II.B: Com vegetação no recuo do lote confrontante sem limite físico/ edificação, sem vegetação no piso do passeio**



Relacionando essa categoria à anterior, observa-se que, apesar da ausência de vegetação no piso do passeio ter resultado em uma média geral entre as imagens ligeiramente inferior, a diferença entre as avaliações não foi significativamente relevante. . Estas paisagens alcançaram médias de agradabilidade entre 1,36 e 0.

Isso sugere que a presença de vegetação no recuo do lote confrontante pode ter um impacto semelhante na percepção do ambiente, mesmo quando o piso do passeio não contém vegetação. Assim, outros aspectos, como a integração visual entre o jardim e a calçada, podem desempenhar outras percepções na valorização do espaço.

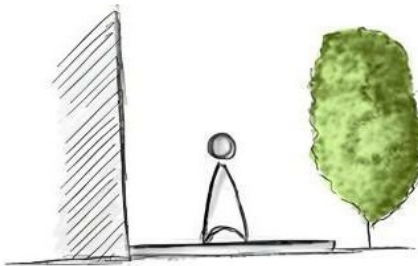
Quadro 16 - Imagens da Categoria II.B. por média de agradabilidade

II	B	PAREDE: COM vegetação no recuo do lote confrontante SEM limite físico PISO: SEM vegetação no piso do passeio público  1,36  0,72  0,62  0,56  0
----	---	---

Fonte: A autora, 2024.

Dentre estas imagens, duas das mais bem avaliadas estão no entorno de edificações comerciais, com médias 1,36 e 0,62.

4.2.6 CATEGORIA V.A: Sem recuo no lote confrontante e com vegetação no piso do passeio

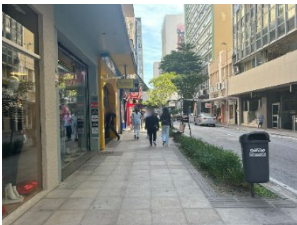
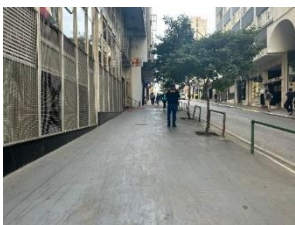


As tipologias com médias neutras correspondem a cenários caracterizados pela ausência de recuos no lote confrontante. No entanto, dentro desse grupo, as cenas que incluíam vegetação no piso do passeio, e passeios largos, receberam avaliações positivas. Já passeios estreitos, mesmo com vegetação no passeio público, avaliações negativas, como corrobora o estudo de Bailly, et al., 2018. Estas paisagens alcançaram médias de agradabilidade entre 1,1 e -0,10.

Além disso, todas as cenas que apresentam fachadas comerciais ou lojas, nas quais o vidro das vitrines é o principal elemento representado, permitindo ao pedestre uma maior permeabilidade visual com a fachada, foram mais bem avaliadas.

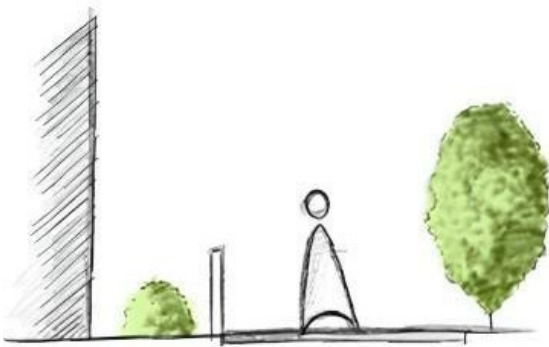
Já paisagens com esta configuração e menor permeabilidade visual na fachada, receberam piores avaliações afetivas.

Quadro 17 - Imagens da Categoria V.A. por média de agradabilidade

V.	A	PAREDE: SEM recuo no lote confrontante PISO: COM de vegetação no piso do passeio público  1,1  1,0  0,55  - 0,10
----	---	---

Fonte: A autora, 2024.

4.2.7 CATEGORIA III.A: Com vegetação no recuo do lote confrontante com limite físico (em diferentes graus de permeabilidade visual) com vegetação no piso do passeio



Em seguida, entre as médias neutras ou baixas, destacou-se a tipologia que combinava vegetação no recuo do lote, delimitado por barreiras físicas, e vegetação no piso do passeio. Estas paisagens alcançaram médias de agradabilidade entre 0,66 e 0,26.

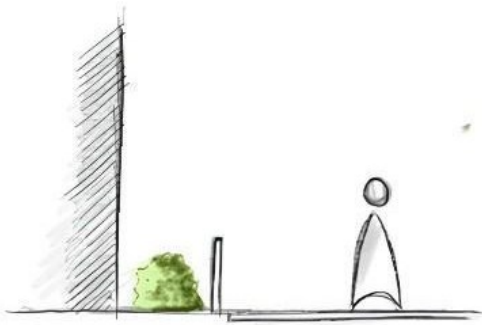
As cenas representadas para essa tipologia que apresentavam maior permeabilidade visual das edificações, devido ao uso de elementos envidraçados nos muros, foram mais bem avaliadas. Esse fator pode ter influenciado a percepção do ambiente, sugerindo que, embora a presença de vegetação seja um aspecto positivo, a introdução de limites físicos pode reduzir a sensação de abertura e integração com o espaço urbano, como corroboram os estudos de Alves, et al., 2020; Loo, et al., 2017.

Quadro 18 - Imagens da Categoria III.A. por média de agradabilidade

III.	A	PAREDE: COM vegetação no recuo do lote confrontante COM limite físico (limite físico em diferentes graus de permeabilidade visual) PISO: COM de vegetação no piso do passeio público
		 0,660,26

Fonte: A autora, 2024.

4.2.8 **CATEGORIA III.B: Com vegetação no recuo do lote confrontante com limite físico (em diferentes graus de permeabilidade visual) sem vegetação no piso do passeio**



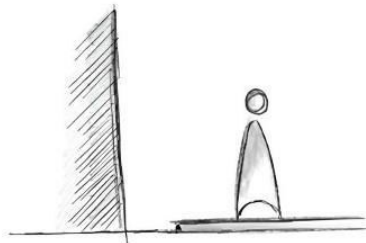
Entre as tipologias com menores médias de avaliação, destacou-se aquela que apresentava vegetação no recuo do lote confrontante, mas sem vegetação no piso do passeio, e com limites físicos variando em graus de permeabilidade visual. As cenas que exibiam maior permeabilidade, como aquelas com o uso de vidro ou grades, foram avaliadas de forma mais positiva em comparação às edificações com muros fechados. Estas paisagens alcançaram médias de agradabilidade entre 0 e -1,2.

Quadro 19 - Imagens da Categoria III.B. por média de agradabilidade

III	B	PAREDE: COM vegetação no recuo do lote confrontante COM limite físico (limite físico em diferentes graus de permeabilidade visual) PISO: SEM de vegetação no piso do passeio público  0  - 0,37  - 0,44  - 0,66  - 1,2
-----	---	---

Fonte: A autora, 2024.

4.2.9 CATEGORIA IV.B: Sem vegetação no recuo do lote, sem vegetação no piso do passeio



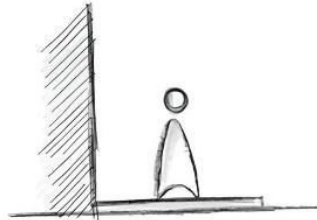
A única imagem representando a tipologia com recuo, mas sem vegetação no recuo e no passeio, obteve uma média baixa/negativa, com valores de -0,26 para agradabilidade e -0,50 para estímulo. A cena ilustrava no recuo, carros estacionados, o que contribuiu para uma maior sensação de insegurança para os pedestres, como corroboram os estudos de Brookfield et al., 2017; Thies et al., 2011. Vale também ressaltar que, algumas pessoas avaliaram uma concentração de vegetação em segundo plano na imagem apresentada, como positiva, o que pode ter alterado a média final.

Quadro 20 - Imagens da Categoria IB .B. por média de agradabilidade

IV.B.	PAREDE: Sem vegetação no recuo do lote confrontante PISO: SEM de vegetação no piso do passeio público  - 0,26
-------	---

Fonte: A autora, 2024.

4.2.10 **CATEGORIA V.B:** Sem recuo no lote confrontante e sem vegetação no piso do passeio



A tipologia com média negativa caracterizava-se pela ausência de recuo no lote confrontante e ausência de vegetação no piso do passeio. Estas paisagens alcançaram médias de agradabilidade entre -0,20 e -1,0.

No entanto, as cenas que apresentavam essas características, mas com calçadas largas, receberam avaliações mais favoráveis em comparação àquelas que ilustravam calçadas estreitas ou ruas compartilhadas/sem calçada. Assim, observando os resultados desta e das demais categorias, a largura da calçada mostrou-se um fator determinante na percepção da qualidade do ambiente urbano, mesmo em cenários com a ausência de vegetação ou recuo, como corrobora o estudo de Amaya, et al., 2022. Isso sugere que, na percepção dos idosos, as configurações arquitetônicas menos convidativas e estimulantes para a caminhabilidade são aquelas em que as edificações se apresentam de forma contínua e paralela à calçada, criando barreiras visuais e reduzindo a sensação de abertura e integração com o espaço urbano.

Quadro 21 - Imagens da Categoria V.B. por média de agradabilidade

V.B.	PAREDE: SEM recuo no lote confrontante PISO: SEM de vegetação no piso do passeio público				
					
	- 0,20	- 0,20	- 0,53		
					
	- 1,0	- 1,0			

Fonte: A autora, 2024.

4.2.11 Síntese dos resultados e discussão da pesquisa

As imagens que receberam as melhores avaliações afetivas foram aquelas que apresentavam vegetação no lote confrontante à via sem limite físico, particularmente quando associadas a espaços abertos e áreas de lazer. Essa tipologia favorece uma maior permeabilidade visual, ampliando a percepção da paisagem e ocasionando a sensação de amplitude. A presença de vegetação rasteira, como grama, e de árvores altas que fornecem sombra foram elementos destacados positivamente, indicando que a cobertura vegetal contribui significativamente para a qualidade percebida do ambiente urbano.

Por outro lado, quando o recuo do lote confrontante incluía barreiras físicas, como muros ou edificações, a percepção foi menos favorável. A presença de barreiras reduziu a sensação de abertura e conexão com o espaço, mesmo quando havia vegetação no recuo. No entanto, elementos de transparência, como muros envidraçados, melhoraram a avaliação, sugerindo assim, que a permeabilidade visual é um fator importante para a apreciação do ambiente urbano pelos idosos.

A vegetação no piso do passeio também foi analisada, e sua presença resultou em uma percepção mais positiva do espaço. No entanto, a diferença entre os cenários com e sem vegetação no piso do passeio não foi significativa quando havia vegetação no recuo do lote. Isso sugere que, mais do que a localização específica, é

a presença da vegetação em si que influencia a percepção do ambiente. Entretanto, muitos participantes mencionaram que a sensação de segurança é maior quando há um elemento que estabelece um limite claro entre a calçada e a rua. Esses limites, que muitas vezes são a vegetação no piso do passeio (canteiros), ao restringirem a circulação de carros, contribuem para um ambiente mais protegido e confortável para os pedestres.

As imagens que retratam caminhos bem delimitados em espaços recreativos, e com calçadas largas e vegetação abundante, foram amplamente bem avaliadas. Esses espaços foram associados à sensação de conforto e segurança, especialmente quando incluíam elementos como mobiliário urbano e árvores altas que proporcionam sombra. A ausência de vegetação, por outro lado, foi frequentemente citada como um fator negativo para a caminhabilidade, corroborando estudos prévios que apontam a importância do conforto térmico e da presença de áreas sombreadas para a mobilidade dos idosos.

Observando o quadro 11, fica claro, como supracitado, que conforme a quantidade de vegetação e de elementos naturais percebidos na composição da imagem avaliada vai diminuindo, diminuem também os valores de agradabilidade e estímulo atribuídos às paisagens representadas por estas imagens, diminuindo o prazer sensorial atrelado à elas.

Pesquisas prévias corroboram este resultado e indicam que ambientes externos com maior diversidade e abundância de áreas verdes próximas a residências, tornam-se mais estimulantes, promovendo a interação social entre os idosos e incentivando um envelhecimento ativo e saudável. Além disso, o contato diário com a natureza possui efeito terapêutico, contribuindo para a manutenção da capacidade física e proporcionando uma experiência sensorial agradável (Lee et al., 2012; Xue; Ma, 2013; Xiao; Li; Webster, 2016; Zhifeng; Yin, 2021).

As configurações arquitetônicas que receberam avaliações afetivas negativas, caracterizadas como desprazerosas, desagradáveis e desestimulantes, foram aquelas caracterizadas pela ausência de vegetação tanto no recuo do lote quanto no piso do passeio. Em particular, a presença de carros estacionados no recuo foi associada a uma sensação de insegurança para os pedestres. E os cenários sem recuo e sem vegetação no piso do passeio; em especial, sem permeabilidade visual para o lote, com calçadas estreitas, e com obstáculos no passeio, reforçando a importância da qualidade das calçadas para a qualidade do caminhar.

Ainda, é possível identificar que agradabilidade e estímulo diminuem em paisagens com gabaritos mais altos, citados como “corredores de prédios” pelos respondentes.

Estudos anteriores reforçam a relevância dessas descobertas. Chen et al. (2022) destacam que, além da qualidade paisagística, a visibilidade do céu ao longo dos percursos de caminhada é um fator importante para os idosos. Keskinen et al. (2018) apontam que espaços verdes funcionam como facilitadores ambientais, incentivando a mobilidade ao ar livre, enquanto Gong et al. (2014) afirmam que a presença de biodiversidade e elementos naturais está correlacionada com níveis mais elevados de atividade física em idosos.

A ausência de vegetação nos ambientes urbanos pode desencorajar a caminhada dos idosos, conforme indicado por estudos como os de Cao et al. (2023) e Plaut et al. (2021). A falta de sombra e de uma paisagem esteticamente agradável reduz o conforto térmico e a motivação para percorrer certos trechos urbanos. No entanto, mesmo em cenários sem vegetação, a largura das calçadas mostrou-se um fator determinante para a percepção positiva do espaço, sugerindo que a infraestrutura urbana bem planejada pode compensar parcialmente a ausência de cobertura vegetal.

Além disso, as áreas externas devem ser planejadas de forma acessível, eliminando barreiras arquitetônicas e incentivando a autonomia dos idosos (Katunský et al., 2020; Zaff; Devlin, 1998). Garantir acesso fácil e intuitivo, tanto visualmente quanto fisicamente, também é fundamental para estimular a permanência e o uso frequente desses espaços (Lee et al., 2012; Zhifeng; Yin, 2021).

Nesta pesquisa a acessibilidade também se mostrou como um atributo importante na escolha do deslocamento a pé entre idosos.

As calçadas projetadas especificamente para caminhabilidade, como aquelas que incluem pistas demarcadas para pedestres, receberam avaliações mais altas em comparação àquelas que servem apenas como passagem, sem um desenho voltado para o conforto e a segurança dos pedestres.

Além disso, espaços que ofereciam maior organização do fluxo de pedestres e separação clara entre áreas de circulação e outros usos urbanos, como um canteiro bem delimitado, foram mais bem avaliados.

Isso ressalta a importância da qualidade do traçado urbano, onde não apenas a largura da calçada é relevante, mas também a clara delimitação entre os diferentes

espaços público e privado. A organização e o planejamento adequado das ruas, incluindo a separação entre a vegetação, a calçada, a ciclovia e a via para veículos, contribuem para uma experiência mais segura, confortável e agradável para os pedestres. Foi possível ainda, identificar pelos respondentes, as cenas em que apareciam essa melhor delimitação, a sensação de “organização”, em conjunto com a boa manutenção, item também citado por eles.

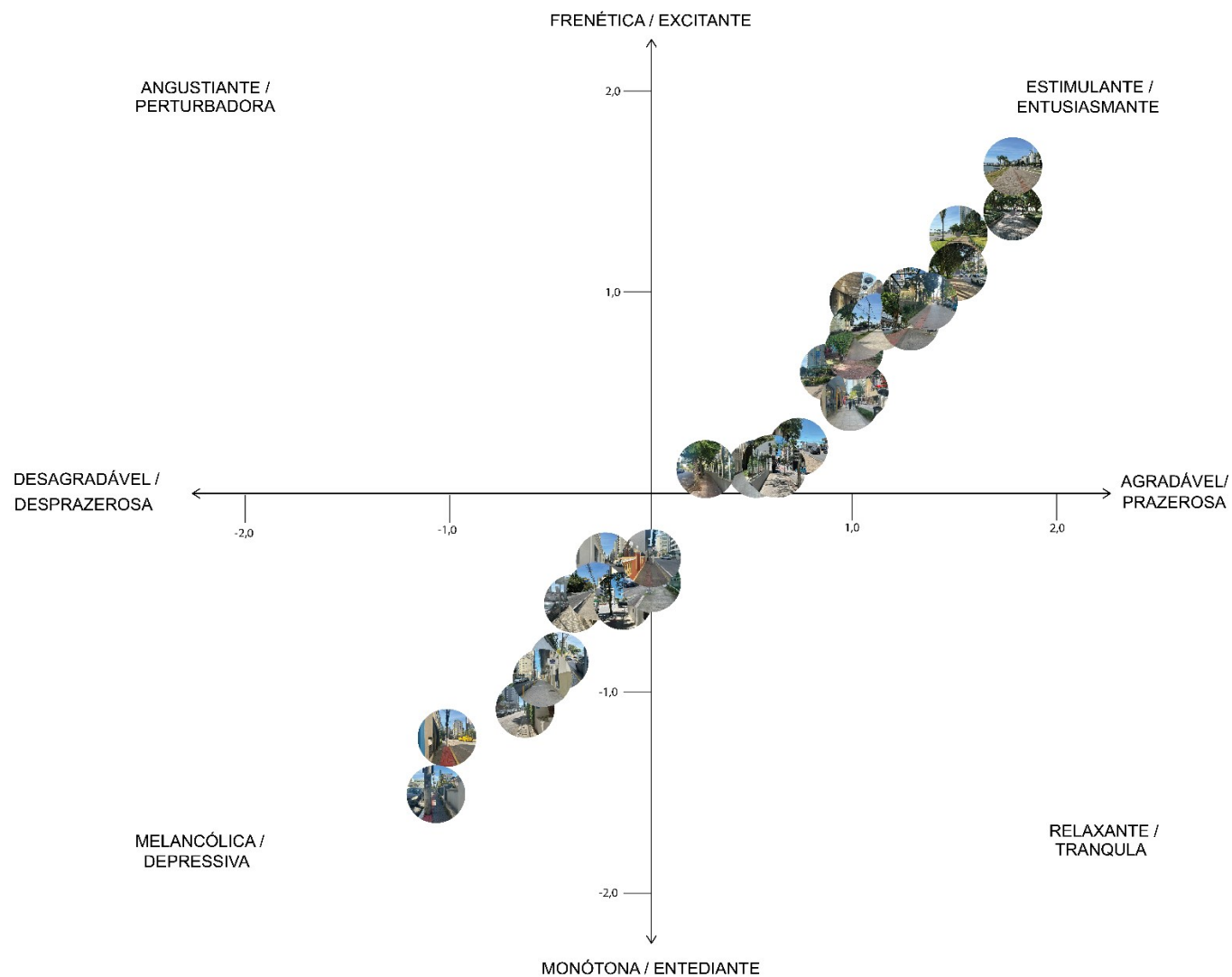
O limite físico entre pedestres e veículos foi citado como um atributo positivo e incentivador para a caminhabilidade. Os citados nessas cenas, foram aqueles que apresentavam barreiras físicas de proteção na calçada (incluindo os conformados pela vegetação), impedindo o avanço de veículos, especialmente em locais com alto fluxo de tráfego. Esse atributo se mostrou essencial para garantir a segurança dos pedestres, principalmente em áreas de uso misto, conforme discutido neste estudo.

A presença de barreiras físicas, como degraus, calçadas mal-conservadas e pavimentação irregular, desestimula a caminhada e aumenta o risco de quedas, reduzindo a autonomia dos idosos no ambiente urbano (Alves et al., 2020; Bailly et al., 2018; Herrmann-Lunecke et al., 2021). A preferência por percursos planos e por rampas suaves indica a necessidade de projetar espaços acessíveis e inclusivos, garantindo que o deslocamento a pé continue sendo uma opção viável e segura para a população idosa.

Dessa forma, os resultados desta pesquisa corroboram a literatura e reforçam a importância da vegetação urbana, da acessibilidade e da qualidade da infraestrutura na promoção da caminhabilidade entre idosos. A integração de elementos naturais e um espaço planejado a caminhadas influenciam na melhora significativa da experiência das pessoas idosas, incentivando a mobilidade e o bem-estar no ambiente urbano.

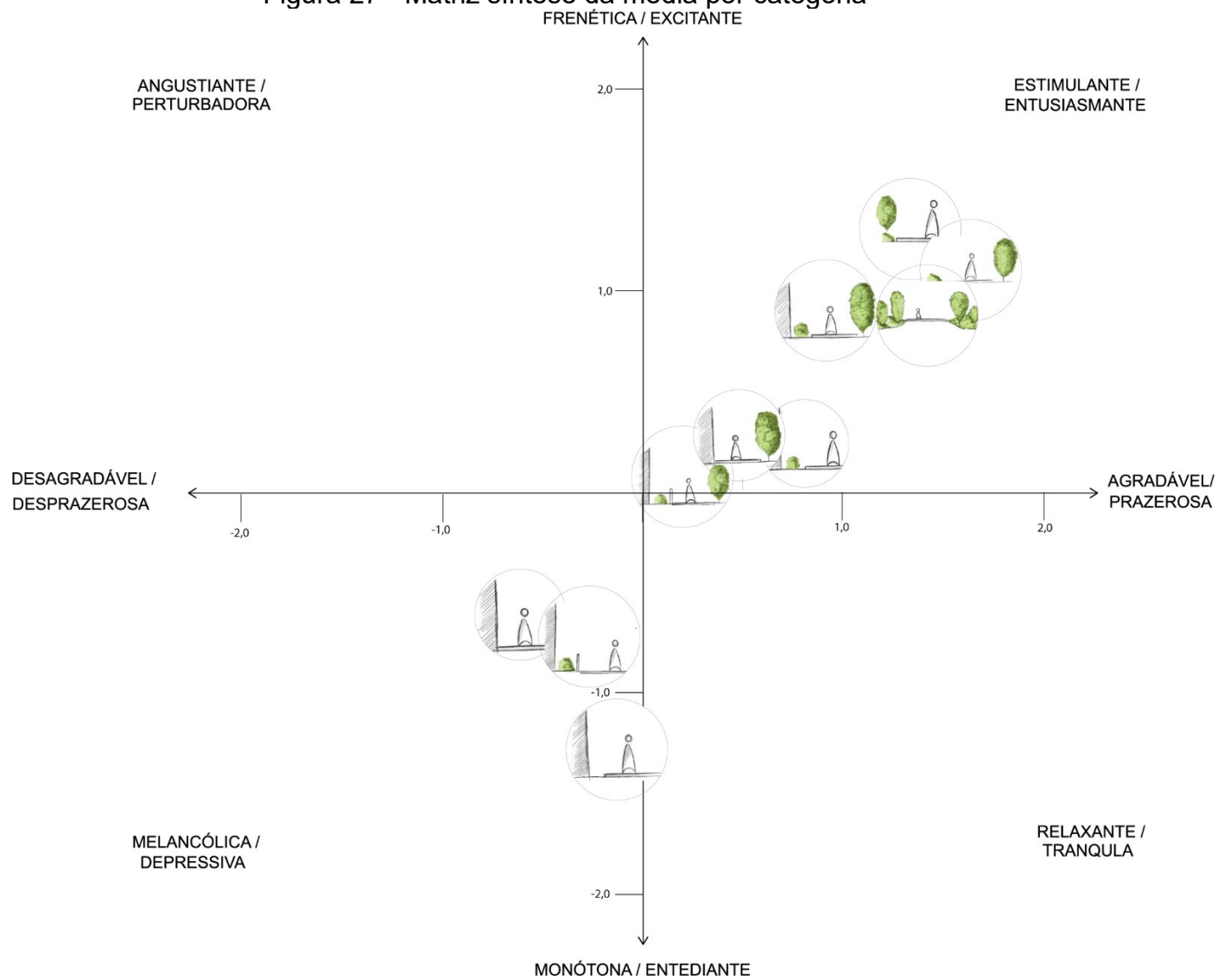
A seguir, a matriz síntese do Modelo Circumplexo de Russell conforme a média do resultado obtido para cada imagem e a média do resultado obtido para cada categoria.

Figura 26 - Matriz síntese da média por imagem



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Figura 27 - Matriz síntese da média por categoria



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Observando o modelo circunplexo representado na figura acima, é possível perceber as imagens que evocam as emoções mais intensas nas bordas do modelo. No que tange as emoções positivas atreladas a estas imagens, as mais intensas são justamente geradas por paisagens com uma presença mais significativa da vegetação, e sem limite físico ou visual à ela. Ao passo que paisagens mais cinzas, conformadas pela ausência de vegetação na cena, limites caracterizados por paredes/muros cegos e pela ausência ou inadequação das calçadas estão atreladas à emoções negativas mais intensas.

À medida que estas imagens se aproximam da neutralidade, ou do centro do Modelo Circunplexo do Afeto, situação em que a experiência afetiva dos transeuntes é menos intensa, a permeabilidade visual para o lote tem papel fundamental na definição de uma experiência afetiva positiva ou negativa. Em geral, paisagens com maior permeabilidade visual para o lote no limite físico da testada, evocam sentimentos positivos, e com menor permeabilidade visual para o lote, o contrário.

Ainda, foi realizada uma comparação entre dois grupos etários participantes da pesquisa: indivíduos com idades entre 60 e 69 anos e entre 70 e 79 anos. Não foram registrados respondentes com 80 anos ou mais. A análise dos dados revelou que o grupo de 60 a 69 anos atribuiu, em média, percepções mais positivas em valores (médias) atribuídos à agradabilidade e estímulo oferecido pelas paisagens urbanas. Esses valores indicam que, para esse grupo, os ambientes analisados foram considerados mais convidativos, agradáveis e propícios à mobilidade urbana a pé.

Embora as diferenças entre os dois grupos tenham sido mínimas, é possível observar na questão aberta, que o grupo de 60 a 69 anos, em geral, avaliou os ambientes com maior apreciação por aspectos como vegetação, sombra, paisagens, calçadas em boas condições e organização urbana. Esses aspectos foram citados como elementos que contribuíram significativamente para uma experiência urbana mais confortável e estimulante.

Por outro lado, o grupo de 70 a 79 anos demonstrou um olhar um pouco mais crítico. Embora também reconheça percepções positivas, suas respostas tenderam a enfatizar deficiências urbanas como a má conservação das calçadas, falta de vegetação, poluição visual e obstáculos à mobilidade, como carros estacionados em locais inadequados.

4.3 VALIDAÇÃO DO MODELO CIRCUMPLEXO DO AFETO DE RUSSELL

Nesta etapa da pesquisa, buscou-se validar o Modelo Circumplexo de Russell para a cultura e o recorte espacial em que está sendo aplicada esta pesquisa.

Para validar o modelo, foi observado se o julgamento da imagem dado pela maioria das pessoas, dentro das 8 categorias definidas por Russell, coincide com a posição correspondente da categoria (alcançada através dos valores de agradabilidade e estímulo) no Modelo Circumplexo do Afeto (por quadrante/ octante correspondente).

Estas categorias, que foram definidas pelo autor como agradável/prazerosa (posicionada a 0° ou octante correspondente neste modelo circular), estimulante/entusiasmante (45°), frenética/excitante (90°), angustiante/perturbadora (135°), desagradável/desprazerosa (180°), melancólica/desestimulante (225°), monótono/ entediante (270°) e relaxante (315°), ou octantes correspondentes, compuseram o questionário, e foram apresentadas numa questão fechada aos respondentes.

Na sequência do texto serão apresentadas as imagens dentro de cada uma das categorias definidas por Russell e especializadas no seu Modelo Circumplexo (páginas 36 e 37, figuras 16 e 17), segundo a avaliação da maioria dos respondentes computada a partir da questão fechada a qual contemplava as 8 categorias supracitadas.

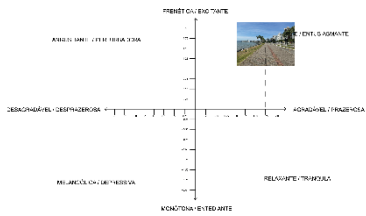
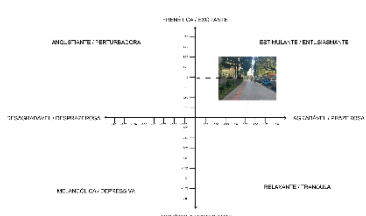
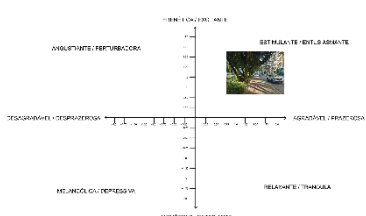
Segundo a avaliação da maioria dos respondentes, todas as imagens foram enquadradas em apenas 3 categorias: Paisagens agradáveis/prazerosas, paisagens desagradáveis/desprazerosas e paisagens monótonas/entediante.

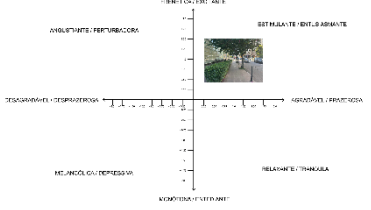
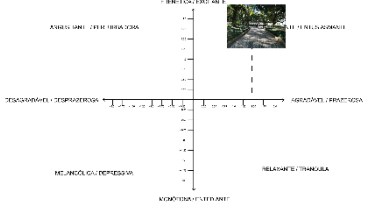
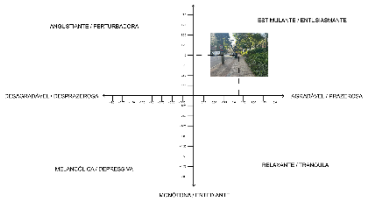
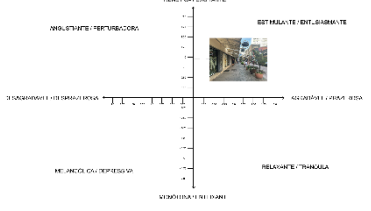
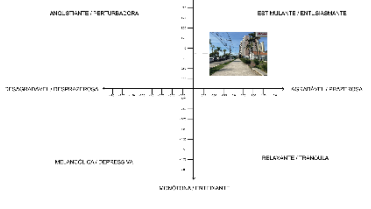
Das 35 imagens avaliadas, apenas uma delas não encontrou correspondência entre a categoria enquadrada pela maioria dos entrevistados e a posição alcançada pelos descritores afetivos da imagem no Modelo Circumplexo de Russell, o que permite à pesquisadora entender que este método de avaliação afetiva da paisagem é válido para aplicação no contexto desta pesquisa.

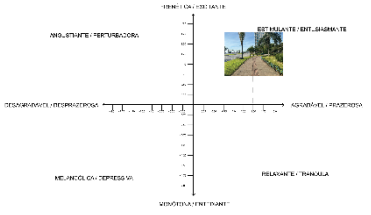
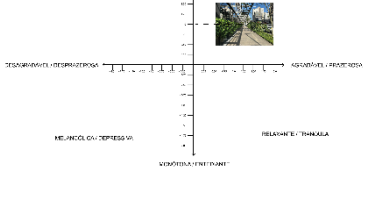
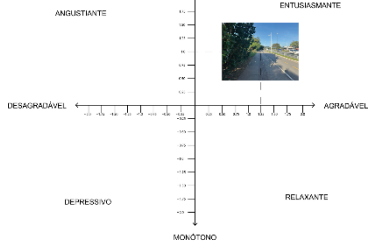
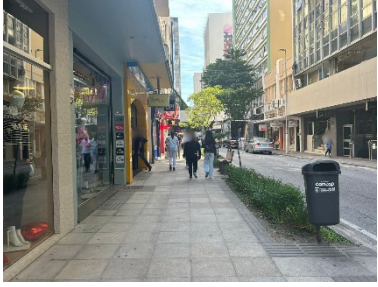
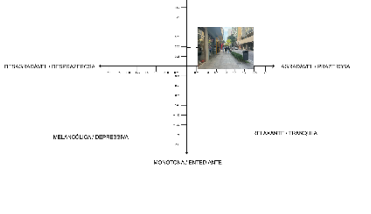
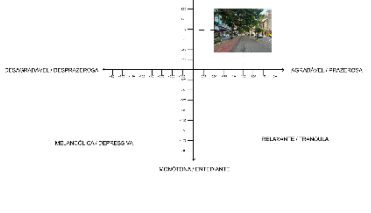
4.3.1 Paisagens agradáveis

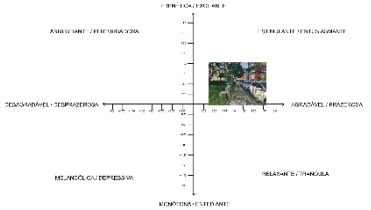
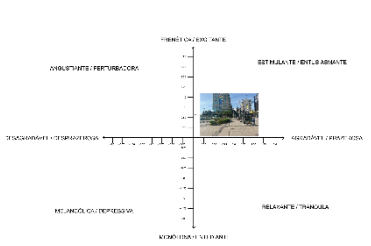
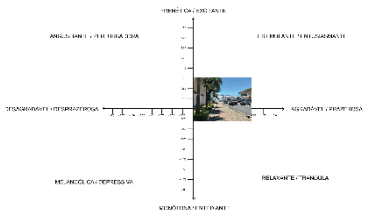
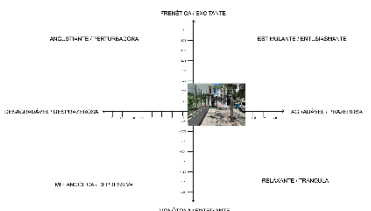
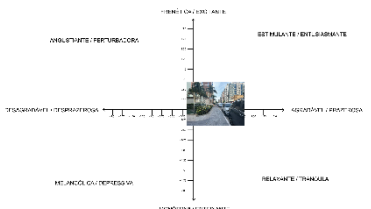
Nesta categoria estão apresentadas as imagens classificadas pela maioria dos respondentes como AGRADÁVEIS/ PRAZEROSAS/ ATRAENTES. As imagens foram categorizadas de acordo com a percepção dos respondentes, permitindo verificar se suas avaliações coincidem com as posições teóricas das categorias definidas pelo autor na matriz/ Modelo Circumplexo de Russell.

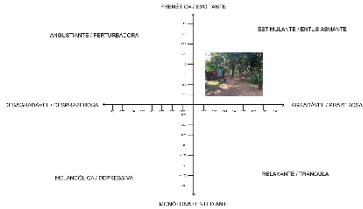
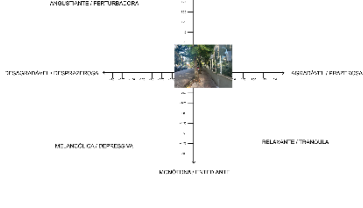
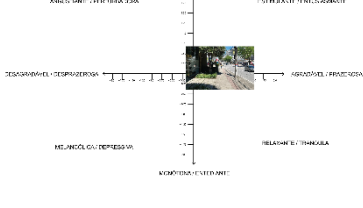
Quadro 22 - Validação do método de Russell na categoria agradável

Imagem	Posição no modelo circumplexo (média dos valores de agradabilidade e estímulo)	Conformidade da categoria com a posição no modelo circumplexo
		SIM. Corroborar o quadrante da categoria agradável (76,6%) estimulante (16,7%) relaxante (6,7%)
		SIM. Corroborar o quadrante da categoria agradável (76,6%) relaxante (10%) estimulante (6,7%) desagradável (6,7%)
		SIM. Corroborar o quadrante da categoria agradável (75,9%) estimulante (13,8%) relaxante (10,3%)

		SIM. Corroborar o quadrante da categoria agradável (75,8%) angustiante (6,9%) frenética (6,9%) estimulante (3,4%) melancólica (3,4%) relaxante (3,4%)
		SIM. Corroborar o quadrante da categoria agradável (70%) relaxante (16,6%) estimulante (10%) angustiante (3,4%)
		SIM. Corroborar o quadrante da categoria agradável (75,1%) relaxante (7,1%) estimulante (7,1%) monótona (7,1%) melancólica (3,6%)
		SIM. Corroborar o quadrante da categoria agradável (65,6%) estimulante (20,7%) frenética (6,9%) relaxante (3,4%) monótona (3,4%)
		SIM. Corroborar o quadrante da categoria agradável (68,8%) relaxante (17,4%) estimulante (6,9%) monótona (6,9%)

		SIM. Corroborar o quadrante da categoria agradável (63,3%) estimulante (20%) relaxante (6,8%) monótona (3,3%) melancólica (3,3%) frenética (3,3%)
		SIM. Corroborar o quadrante da categoria agradável (63,4%) relaxante (16,7%) estimulante (13,3%) monótona (3,3%) angustiante (3,3%)
		SIM. Corroborar o quadrante da categoria agradável (60%) estimulante (13,3%) monótona (10%) relaxante (6,7%) frenética (6,7%) angustiante (3,3%)
		SIM. Corroborar o quadrante da categoria agradável (55,6%) estimulante (18,5%) relaxante (14,8%) monótona (11,1%)
		SIM. Corroborar o quadrante da categoria agradável (55,2%) frenética (17,2%) estimulante (10,3%) relaxante (6,9%) monótona (6,9%) desagradável (3,4%)

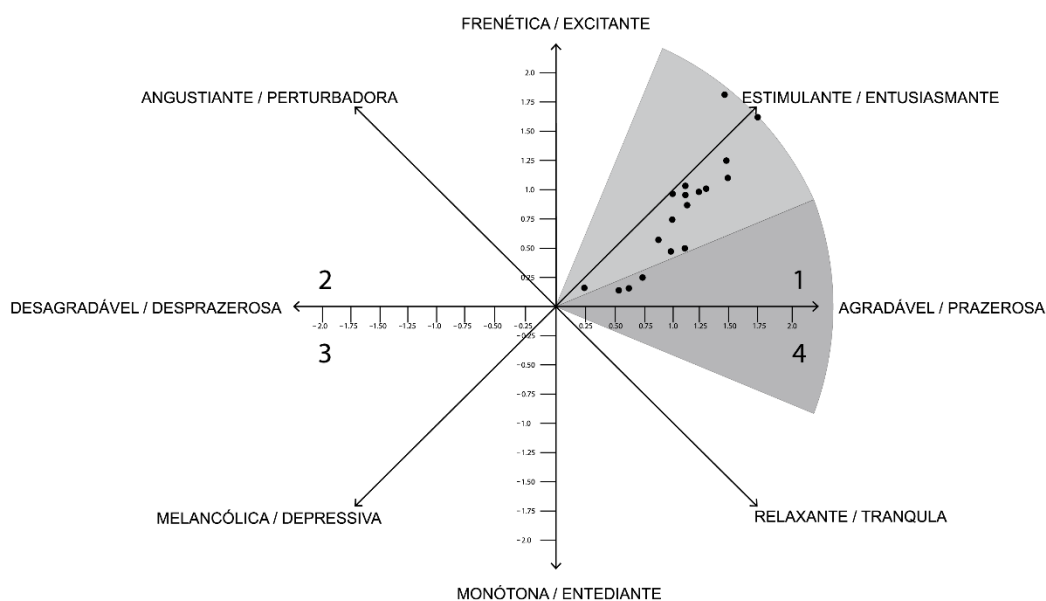
		SIM. Corrobora o quadrante da categoria agradável (56,6%) relaxante (23,5%) monótona (10%) melancólica (3,3%) frenética (3,3%) angustiante (3,3%)
		SIM. Corrobora o quadrante da categoria agradável (56,6%) estimulante (13,4%) monótona (10%) melancólica (6,7%) frenética (6,7%) angustiante (3,3%) relaxante (3,3%)
		SIM. Corrobora o quadrante da categoria agradável (42,9%) monótona (25%) melancólica (10,5%) frenética (7,2%) estimulante (3,6%) angustiante (3,6%) relaxante (3,6%) desagradável (3,6%)
		SIM. Corrobora o quadrante da categoria agradável (37,8%) monótona (20,7%) relaxante (17,2%) estimulante (10,5%) angustiante (6,9%) estressante (6,9%)
		SIM. Corrobora o quadrante da categoria agradável (41,3%) monótona (37,9%) frenética (13,9%) estimulante (6,9%)

		SIM. Corroborar o quadrante da categoria agradável (32,1%) relaxante (28,5%) estimulante (14,3%) monótona (10,7%) angustiante (7,2%) frenética (7,2%)
		SIM. Corroborar o quadrante da categoria agradável (42,9%) relaxante (17,8%) monótona (10,7%) melancólica (10,7%) angustiante (10,7%) desagradável (7,2%)
		SIM. Corroborar o quadrante da categoria agradável (34,6%) relaxante (20,6%) monótona (20,6%) frenética (10,4%) desagradável (6,9%) estimulante (3,4%) melancólica (3,4%)

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

A partir da tabela acima é possível observar que este conjunto de imagens cuja maioria dos entrevistados avaliou como agradável, também foi avaliada por uma parcela significativa como estimulante, o que fez com que a média nos valores de agradabilidade e estímulo se deslocasse em direção ao octante com valores mais altos de estímulo, como é possível observar também na matriz síntese desta categoria representada na imagem que segue.

Figura 28 - Matriz síntese ilustrando a posição das imagens no quadrante na categoria agradável



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

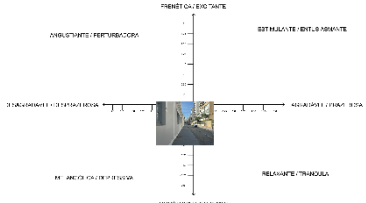
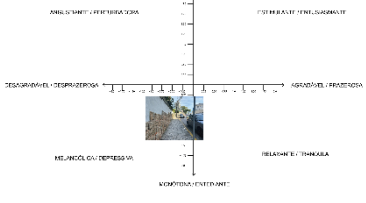
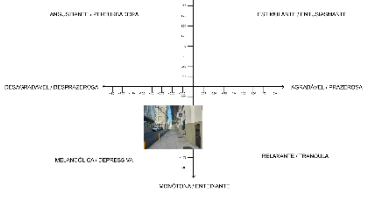
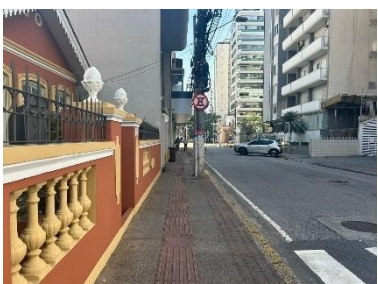
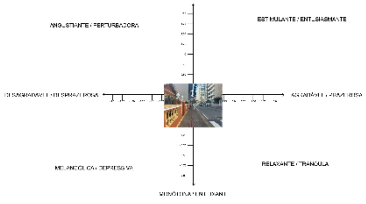
Ainda assim, conforme apresentado no quadro acima, é possível observar que todas as imagens avaliadas como agradáveis pelos respondentes coincidem com a posição dos descritores afetivos correspondentes à categoria no Modelo Circumplexo do Afeto de Russell (quadrante correspondente, ver figura 16), com pequenas variações.

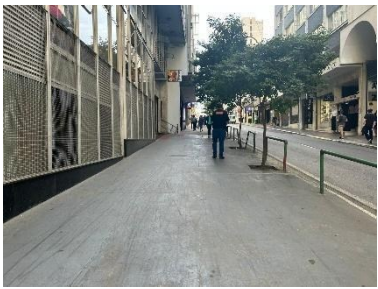
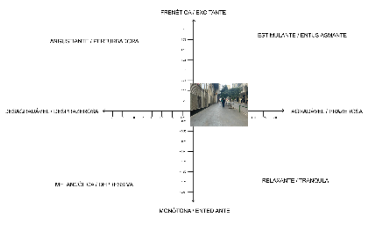
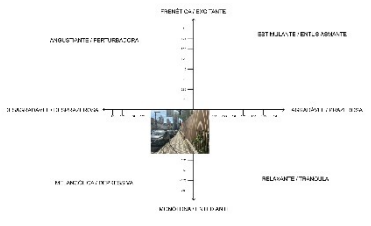
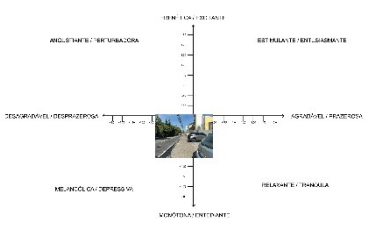
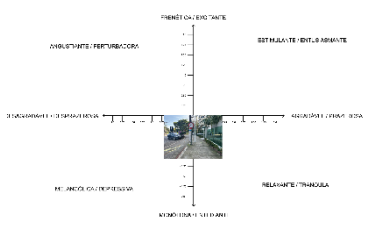
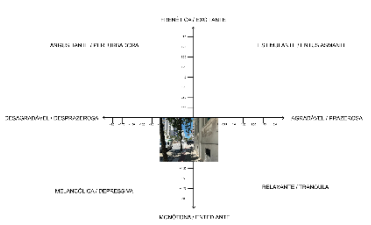
Isto permite compreender que o método de avaliação da paisagem proposto por Russell é capaz de identificar afeições, avaliações afetivas positivas em relação a determinadas paisagens como as propostas neste estudo.

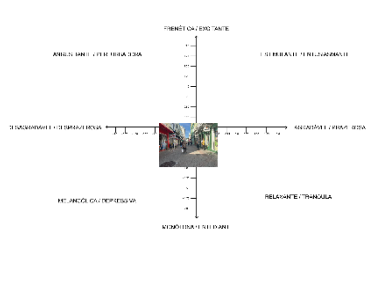
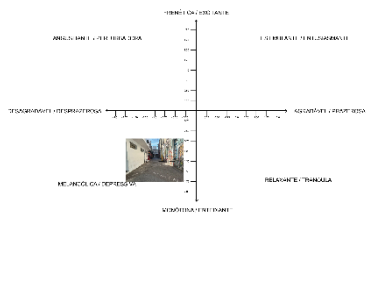
4.3.2 Paisagens monótonas

Nesta categoria estão apresentadas as imagens classificadas pela maioria dos respondentes como MONÓTONAS, INATIVAS, ENTEDIANTES E SONÍFERAS. As imagens foram categorizadas de acordo com a percepção dos respondentes, permitindo verificar se suas avaliações coincidem com as posições teóricas das categorias definidas pelo autor na matriz/ Modelo Circumplexo de Russell. O quadro a seguir analisa a conformidade da imagem avaliada como monótonas seguidas das outras categorias avaliadas na matriz de Russell, conforme apresentado no Quadro 23.

Quadro 23 - Validação do método de Russell na categoria monótona

Imagem	Posição no modelo circunplexo (média dos valores de agradabilidade e estímulo)	Conformidade da categoria com a posição no modelo circunplexo
		SIM. Corroborar o quadrante da categoria monótona (65,5%) desagradável (10,4%) agradável (10,4%) estimulante (6,9%) angustiante (3,4%) frenética (3,4%)
		SIM. Corroborar o quadrante da categoria monótona (62,2%) desagradável (13,7%) melancólica (10,4%) agradável (6,9%) angustiante (3,4%) relaxante (3,4%)
		SIM. Corroborar o quadrante da categoria monótona (61,9%) desagradável (13,9%) melancólica (6,9%) angustiante (6,9%) agradável (6,9%) relaxante (3,4%)
		SIM. Corroborar o quadrante da categoria monótona (48,2%) agradável (17,2%) desagradável (10,4%) relaxante (10,4%) estimulante (6,9%) melancólica (6,9%)

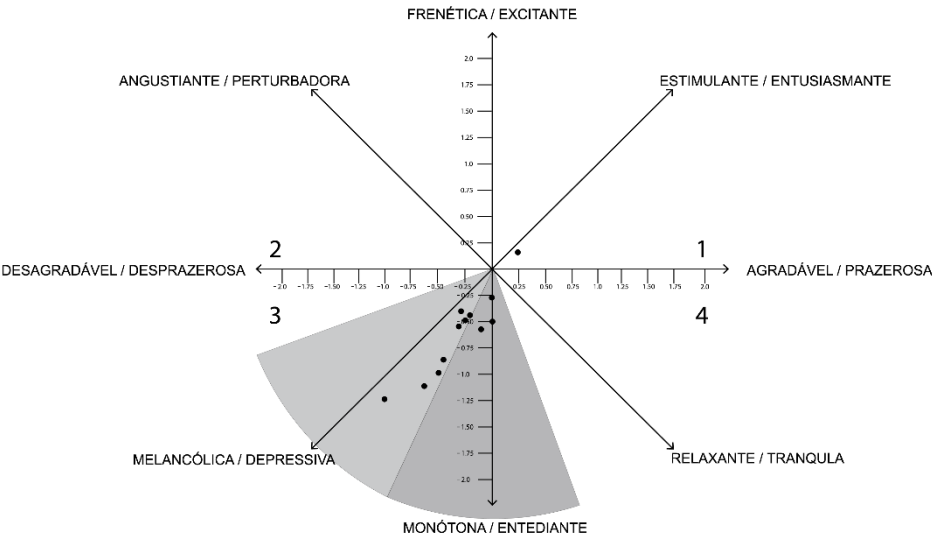
		NÃO. Não corrobora o quadrante da categoria monótona (48,2%) agradável (17,2%) desagradável (10,4%) relaxante (10,4%) estimulante (6,9%) melancólica (6,9%)
		SIM. Corrobora o quadrante da categoria monótona (41,4%) desagradável (24%) agradável (13,9%) melancólica (10,4%) angustiante (6,9%) frenética (3,4%)
		SIM. Corrobora o quadrante da categoria monótona (36,6%) desagradável (19,9%) agradável (16,7%) angustiante (16,7%) frenética (3,3%) melancólica (3,3%) relaxante (3,3%)
		SIM. Corrobora o quadrante da categoria monótona (36,6%) desagradável (16,6%) agradável (16,6%) relaxante (10%) estimulante (10%) angustiante (6,7%) melancólica (3,3%)
		SIM. Corrobora o quadrante da categoria monótona (31%) agradável (20,6%) frenética (17,2%) angustiante (17,2%) desagradável (10,3%) melancólica (3,7%)

		SIM. Corrobora o quadrante da categoria monótona (28,6%) agradável (25%) angustiante (14,3%) melancólica (10,7%) estimulante (10,7%) frenética (7,1%) desagradável (3,6%)
		SIM. Corrobora o quadrante da categoria monótona (27,6%) desagradável (20,7%) melancólica (17,2%) estimulante (17,2%) angustiante (17,2%)

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

A partir da tabela acima é possível observar que este conjunto de imagens cuja maioria dos entrevistados avaliou como monótona, também foi considerado desagradável por uma grande parcela dos respondentes, fazendo com que a posição destas imagens no Modelo Circumplexo do Afeto tivesse uma tendência a se deslocar em direção a este octante (desagradável), como é possível observar também na matriz síntese desta categoria representada na imagem que segue.

Figura 29 - Matriz síntese ilustrando a posição das imagens no quadrante na categoria monótona



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

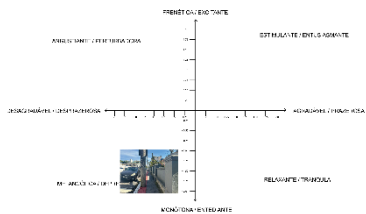
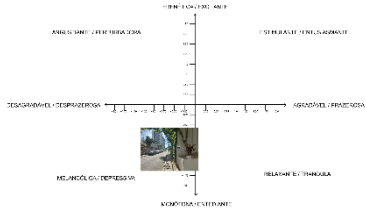
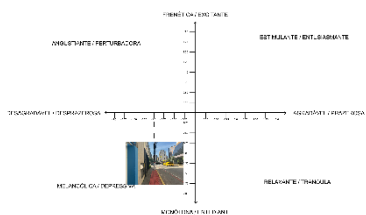
No entanto, das 11 imagens avaliadas como monótonas, inativas, entediantes ou soníferas, apenas uma não corresponde à posição desta categoria e seus descritores afetivos (quadrante correspondente) no Modelo Circumplexo do Afeto de Russell. Para esta imagem, esta variação foi bastante pequena tanto em relação a posição da imagem na matriz, quanto no percentual de respondentes que enquadraram a imagem nesta categoria.

Isto permite compreender que o método de avaliação da paisagem proposto por Russell também é capaz de identificar avaliações afetivas negativas e neutras em relação a determinadas paisagens como as propostas neste estudo.

4.3.3 Paisagens desagradáveis

Nesta categoria estão apresentadas as imagens classificadas pela maioria dos respondentes como DESAGRADÁVEIS, DESPRAZEROSAS, REPULSIVAS. As imagens foram categorizadas de acordo com a percepção dos respondentes, permitindo verificar se suas avaliações coincidem com as posições teóricas das categorias definidas pelo autor na matriz/ Modelo Circumplexo de Russell. O quadro a seguir analisa a conformidade da imagem avaliada como desagradáveis seguida das outras categorias mais avaliadas na matriz de Russell, conforme apresentado no Quadro 24.

Quadro 24 - Validação do método de Russell na categoria desagradável

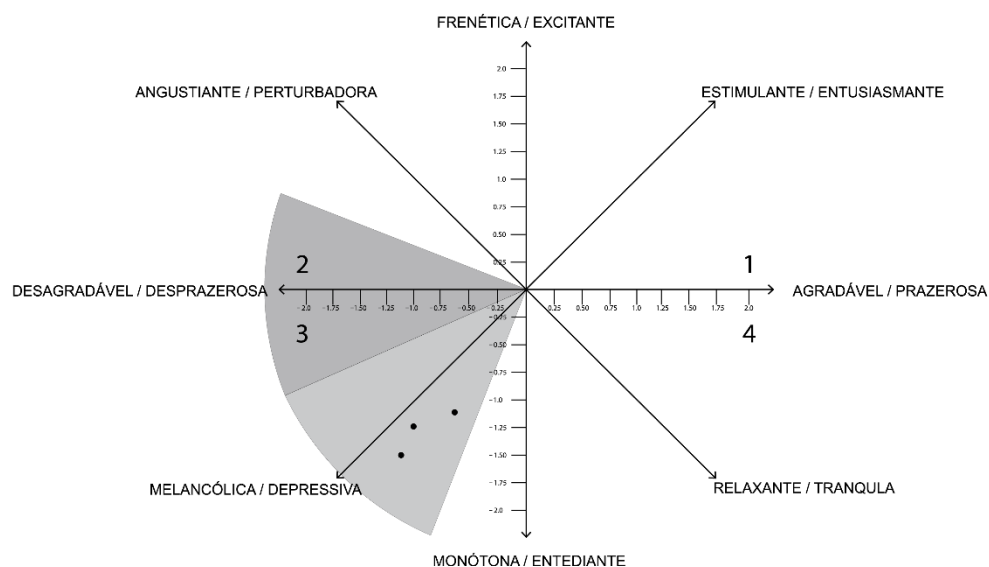
Imagem	Posição no modelo circunplexo (média dos valores de agradabilidade e estímulo)	Conformidade da categoria com a posição no modelo circunplexo
		SIM. Corroborar o quadrante da categoria desagradável (58,6%) angustiante (20,8%) monótona (17,2%) melancólica (3,4%)
		SIM. Corroborar o quadrante da categoria desagradável (34,5%) angustiante (20,7%) monótona (20,7%) melancólica (10,3%) frenética (10,3%) relaxante (3,4%)
		SIM. Corroborar o quadrante da categoria desagradável (37,9%) angustiante (31%) monótona (17,3%) melancólico (10,4%) frenética (3,4%)

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

As 3 imagens que foram julgadas como desagradáveis são aquelas cujas paisagens possuem calçadas estreitas, quase que insuficientes à caminhada, e com a presença de obstáculos. Além disso, possuem muros fechados e carros próximos à calçada.

Embora as imagens enquadradas neste grupo de paisagens desagradáveis pendam para o octante das paisagens depressivas e desestimulantes, ainda se situam no quadrante correspondente à categoria desagradável no Modelo Circunplexo do Afeto de Russell, corroborando a posição de descritores afetivos semelhantes (figura 30), e se mostrando capaz de identificar avaliações afetivas negativas, ou aversões, em relação a determinadas paisagens.

Figura 30 - Matriz síntese ilustrando a posição das imagens no quadrante na categoria desagradável



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Embora as imagens enquadradas neste grupo de paisagens desagradáveis pendam para o octante das paisagens depressivas e desestimulantes, ainda se situam no quadrante correspondente à categoria desagradável no Modelo Circumplexo do Afeto de Russell, corroborando a posição de descritores afetivos semelhantes (figura 30), e se mostrando capaz de identificar avaliações afetivas negativas, ou aversões, em relação a determinadas paisagens.

Dado o exposto, especialmente no que tange discernir entre avaliações afetivas positivas (afeições) e avaliações afetivas negativas (aversões), entendeu-se que o método proposto por Russell é adequado e válido para avaliações afetivas da paisagem como as propostas neste estudo.

4.4 RESULTADOS GRUPO CONTROLE

Além da aplicação com o grupo principal de idosos, foi aplicado o mesmo foto-questionário a um grupo de pessoas com diferentes faixas etárias. O objetivo foi verificar, se os resultados com este grupo corroboravam os resultados encontrados com o grupo de idosos.

Este questionário foi encaminhado a um grupo de estudantes de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSC momento que foi solicitada a resposta o compartilhamento do mesmo. O link foi encaminhado aos estudantes via e-mail.

Dentre os 11 respondentes, 63,6% se identificaram com o sexo feminino e 36,4% com o sexo masculino. Os bairros de residência informados foram Estreito, Ingleses, Itacorubi, João Paulo e Pantanal. Em relação à presença de áreas verdes próximas de casa, 63,6% afirmaram que há poucas opções nas proximidades, enquanto 36,4% indicaram a existência de várias áreas verdes acessíveis.

Os resultados obtidos com esse grupo controle demonstraram coerência com os dados levantados junto ao grupo principal de idosos. As diferenças observadas nas médias foram mínimas, evidenciando que a percepção espacial dos ambientes avaliados é subjetiva, porém comparável entre diferentes faixas etárias.

Além disso, foi possível fazer a apreciação da média do grupo geral (idosos) com o grupo controle, apresentado em forma de quadro, no apêndice E.

Dessa forma, conclui-se que a metodologia utilizada é aplicável a diferentes faixas etárias, não se restringindo apenas à população idosa.

Os quadros completos com os resultados estão disponíveis para consulta no Apêndice D.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou promover uma avaliação afetiva da paisagem urbana de Florianópolis, sob olhar da pessoa idosa, para o caminhar urbano neste grupo. Para isso, quatro objetivos específicos foram delineados para a pesquisa: i) Sintetizar a partir da literatura atributos de agradabilidade (o que gosta e o que não gosta) da paisagem para o andar da pessoa idosa; ii) Levantar diferentes cenários urbanos, representativos em Florianópolis, que traduzam imagetivamente os atributos de agradabilidade da paisagem para o andar da pessoa idosa identificados na literatura; iii) Identificar, a partir do olhar da pessoa idosa, os cenários, representados através de imagens, mais e menos agradáveis e estimulantes para seus deslocamentos urbanos; iv) Validar o método de pesquisa adotado, Modelo Circumplexo do Afeto de Russell (1980), em Florianópolis e para a avaliação afetiva de cenários para deslocamentos urbanos.

O referencial teórico auxiliou na compreensão sobre a paisagem urbana, a pessoa idosa e os atributos da paisagem que agradam e desagradam o caminhar do grupo. Na primeira etapa, a revisão de literatura foi elaborada no sentido de identificar características da paisagem urbana, agradáveis e desagradáveis aos deslocamentos urbanos das pessoas idosas que pudessem atuar como critérios tanto para a definição do recorte da pesquisa quanto para a seleção das imagens a serem levadas a campo via questionário. Esta etapa, atendeu ao primeiro objetivo específico delineado nesta pesquisa.

Já os foto-questionários, aplicados na segunda etapa, procuraram ilustrar diferentes configurações paisagísticas/ cenários urbanos a partir dos critérios identificados na revisão da literatura como relevantes aos deslocamentos urbanos de pessoas com 60 anos ou mais, a fim de se identificar, a partir do ponto de vista do pedestre, quais configurações arquitetônicas (do ponto de vista do piso a das paredes que compõe o espaço urbano para o deslocamento do pedestre a partir de seu campo visual), evocam avaliações afetivas mais positivas.

A construção dos questionários foi baseada no Modelo Circumplexo do Afeto, proposto por Russell (1980), onde pressupõe que todos os diferentes estados afetivos, ou emoções, podem ser representados em um plano cartesiano composto por duas dimensões bipolares de agradabilidade e estímulo (composta por dois eixos) e quatro

quadrantes (quadrantes em que a diversidade de emoções e sentimentos possíveis em relação aos ambientes foi categorizada).

Estas categorias, que compuseram o questionário, foram definidas pelo autor como agradável/prazerosa (posicionada a 0° ou octante correspondente neste modelo circular), estimulante/entusiasmante (45°), frenética/excitante (90°), angustiante/perturbadora (135°), desagradável/desprazerosa (180°), melancólica/desestimulante (225°), monótono/entediante (270°) e relaxante (315°), ou octantes correspondentes.

No que tange as emoções positivas atreladas às paisagens avaliadas, as mais intensas são justamente geradas por paisagens com uma presença mais significativa da vegetação, e sem limite físico ou visual à ela. Estas paisagens são avaliadas como muito agradáveis, prazerosas, estimulantes.

Ao passo que paisagens mais cinzas, conformadas pela ausência de vegetação na cena, limites caracterizados por paredes/muros cegos e pela ausência ou inadequação das calçadas estão atreladas à emoções negativas mais intensas. Estas paisagens são avaliadas como desagradáveis, deprazerosas e desestimulantes pelos respondentes.

À medida que estas imagens se aproximam da neutralidade, ou do centro do Modelo Circumplexo do Afeto, situação em que a experiência afetiva dos transeuntes é menos intensa, a permeabilidade visual para o interior do lote tem papel fundamental na definição de uma experiência afetiva positiva ou negativa. Em geral, estas paisagens são avaliadas pelos respondentes como monótonas, no entanto, paisagens com maior permeabilidade visual para o lote no limite físico da testada, evocam sentimentos positivos, e com menor permeabilidade visual para o lote, negativos.

Assim, os resultados evidenciam que tipologias construtivas sem limite físico na testada da via e com vegetação no lote confrontante à via ou com recuos ajardinados, geram paisagens com maior permeabilidade visual no espaço urbano, o influencia positivamente a percepção dos idosos, gerando a sensação de “liberdade”. Estas são as paisagens mais bem avaliadas por este grupo etário. Além disso, ambientes com maior abertura visual, vegetação bem distribuída e espaços destinados ao convívio social foram avaliados de forma mais positiva, sugerindo uma relação direta entre a configuração espacial e a sensação de bem-estar.

Outras tipologias construtivas que apresentaram avaliação afetiva positiva, porém com menores médias de agradabilidade e estímulo, foram aquelas em que as

imagens retratavam a presença de vegetação no recuo do lote confrontante, com a presença de limites físicos, porém visualmente permeáveis, na testada da via, caracterizados especialmente pelo uso do vidro no limite da testada (“muros de vidro”). E aquelas com edificações junto á testada da via, porém visualmente permeáveis, caracterizadas por lojas com vitrines envidraçadas e vegetação no piso do passeio público.

As configurações arquitetônicas que receberam avaliações afetivas negativas, caracterizadas como desprazerosas, desagradáveis e desestimulantes, foram aquelas caracterizadas pela ausência de vegetação tanto no recuo do lote quanto no piso do passeio; e aquelas sem recuo e sem vegetação no piso do passeio; em especial, sem permeabilidade visual para o lote, com calçadas estreitas, e com obstáculos no passeio, reforçando a importância da qualidade das calçadas para a qualidade do caminhar.

Isso sugere que, na percepção dos idosos, as configurações arquitetônicas menos convidativas e estimulantes para a caminhabilidade são aquelas em que as edificações se apresentam de forma contínua e paralela à calçada, criando barreiras visuais e reduzindo a sensação de abertura e integração com o espaço urbano.

Estes resultados respondem ao terceiro objetivo proposto nesta pesquisa e ao seu objetivo geral.

Além disso, foi possível validar o Modelo Circumplexo do Afeto de Russell para o contexto local, ou seja, a cultura, o recorte espacial, e o objetivo em que está sendo aplicado nesta pesquisa; o que responde ao quarto e último objetivo específico proposto nesta pesquisa.

Além disso, com o grupo controle, foi possível verificar se a metodologia empregada é válida para a avaliação afetiva de paisagens urbanas por diferentes grupos etários. Os dados obtidos com o grupo controle, composto por um grupo de diversas idades, demonstraram coerência com os resultados do grupo principal de idosos, indicando que a percepção afetiva dos ambientes apresenta semelhanças, apesar das variações geracionais. Isso reforça a aplicabilidade da metodologia para futuras pesquisas em contextos diversos.

Apesar disso, é importante salientar que estudos imagéticos se limitam às imagens avaliadas no contexto do estudo, geralmente selecionadas ou construídas pelo pesquisador.

No entanto, os resultados encontrados reforçam compreender as preferências da população idosa em relação ao ambiente urbano, a fim de amparar políticas públicas, visando a oferta de ambientes mais atrativos aos deslocamentos urbanos a pé da pessoa idosa, contribuindo com seu envelhecimento ativo.

As configurações paisagísticas avaliadas nesta pesquisa possuem diretrizes para construção geralmente incorporadas em planos diretores e códigos de obras municipais, que são normas que versam sobre recuos e afastamentos, sobre localização e percentual de ajardinamento dentro dos lotes, e sobre a largura e a configuração das calçadas nos passeios públicos. Estas normativas, deveriam, portanto, dar mais atenção à agradabilidade dos passeios públicos no sentido de encorajar os deslocamentos à pé.

Por fim, este trabalho reforça a relevância de valorizar a percepção dos usuários do espaço urbano, especialmente dos idosos, como critério essencial para a construção de cidades mais acessíveis às necessidades humanas.

Sugere-se, para futuros estudos, ampliar os cenários, variar os critérios e, sobretudo, ampliar e estratificar a amostra.

REFERÊNCIAS

ADAM, Roberto Sabatella. Analisando o conceito de paisagem urbana de Gordon Cullen. **da Vinci**, v. 5, n. 1, p. 61-68, 2008.

ALVES, Fernando et al. Walkability index for elderly health: A proposal. **Sustainability**, v. 12, n. 18, p. 7360, 2020.

AMAYA, V. et al. Assessing and Qualifying Neighborhood Walkability for Older Adults: Construction and Initial Testing of a Multivariate Spatial Accessibility Model. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 3, p. 1808, 5 fev. 2022.

AN, Somi; LEE, Yeunsook; KIM, Jeong Tai. The effect of the public exercise environment on the physical activity for the active ageing of the elderly. **Indoor and Built Environment**, v. 22, n. 1, p. 319-331, 2013.

ASHIHARA, Yoshinobu. **The aesthetic townscape**. Cambridge Mass: MIT Press, 1983.

BAILLY, L. et al. Impact of improved urban environment and coaching on physical condition and quality of life in elderly women: a controlled study. **European Journal of Public Health**, v. 29, n. 3, p. 588-593, 2019.

BANDINI, Stefania; GASPARINI, Francesca. Social and active inclusion of the elderly in the city through affective walkability. **The Review of Socionetwork Strategies**, v. 15, p. 557-573, 2021.

BARNETT, Anthony et al. Neighbourhood environment, sitting time and motorised transport in older adults: a cross-sectional study in Hong Kong. **BMJ open**, v. 5, n. 4, p. e007557, 2015. <http://dx.doi.org/10.1136/bmjopen2014007557>.

BARRACHO, Carlos. **Psicologia social: ambiente e espaço: conceitos, abordagens teóricas e aplicações**. 2001.

BASBAS, S.; KONSTANTINIDOU, C.; GOGOU, N. Pedestrians' needs in the urban environment: the case of the city of Trikala, Greece. **WIT Transactions on the built environment**, v. 111, p. 15-22, 2010.

BERLYNE, D. E. Ends and meanings of experimental aesthetics. *Canadian Journal of Psychology*, n. 26, p. 303-325, 1972.

BESSER, Lilah M. et al. Neighborhood built environment and cognition in non-demented older adults: the multi-ethnic study of atherosclerosis. **Social science & medicine**, v. 200, p. 27-35, 2018. <http://dx.doi.org/10.1016/j.socscimed.2018.01.007>.

BEZ BATTI, Camila Arcaro; VERGARA, Lizandra Garcia Lupi; CAVALCANTI, Patrícia Biasi. As necessidades dos usuários idosos como foco no planejamento de cozinhas e banheiros residenciais. **Revista Brasileira de Expressão Gráfica**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 42-59, 2019.

BEZ BATTI, Camila Arcaro. Os espaços verdes em condomínios para idosos: compreender para projetar de acordo com a idade. 2022.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Edusc, 2002.

BRASIL, Mobilize. Campanha Calçadas do Brasil: Relatório final da campanha e estudo realizado pelo Mobilize Brasil. **São Paulo: Associação Abaporu**, 2012.

BRASIL. **Lei nº 8.842 de 04 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional Idoso e dá outras providências. Brasília, 04 jan. 1994. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm. Acesso em: 05 mai. 2024.

BROOKFIELD, Katherine; WARD THOMPSON, Catharine; SCOTT, Iain. The uncommon impact of common environmental details on walking in older adults. **International journal of environmental research and public health**, v. 14, n. 2, p. 190, 2017. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph14020190>.

CAO, Yang et al. How do block built environments affect daily leisure walking among the elderly? A empirical study of Gaoyou, China. **Sustainability**, v. 15, n. 1, p. 257, 2022. <https://doi.org/10.3390/su15010257>.

CARERI, F. (2013). **Walkscapes: O caminhar como prática estética**. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili.

CERIN, E.; LEE, K.; BARNETT, A.; SIT, C. H.P.; CHEUNG, M.; CHAN, W. Objectively y measured neighborhood environments and leisure-time physical activity in Chinese urban elders. **Preventive medicine**, v. 56, n. 1, p. 86-89, 2013. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ypmed.2012.10.024>.

CERIN, E.; ZHANG, Casper J.P.; BARNETT, A.; SIT, C. H.P.; CHEUNG, Martin M.C. ; JOHNSTON, Janice M.; LAI, Poh-Chin; LEE, R. S. Associations of objectively-assessed neighborhood characteristics with older adults' total physical activity and sedentary time in an ultra-dense urban environment: Findings from the ALECS study. **Health & Place**, v. 42, p. 1-10, 2016. <http://dx.doi.org/10.1016/j.healthplace.2016.08.009>.

CERIN, E.; SIT, C.H. P.; BARNETT, A.; CHEUNG, M.; CHAN, W. Walking for recreation and perceptions of the neighborhood environment in older chinese urban dwellers. *Journal of Urban Health*, [S.L.], v. 90, n. 1, p. 56-66, 2012. <http://dx.doi.org/10.1007/s11524-012-9704-8>.

CERIN, E.; VAN DYCK, D.; ZHANG, C. J. P.; VAN CAUWENBERG, J.; LAI, P.-C.; BAR-NETT, A. Urban environments and objectively assessed physical activity and sedentary time in older Belgian and Chinese community dwellers: Potential pathways of influence and the moderating role of physical function. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, 17, 73, 2020. <https://doi.org/10.1186/s12966-020-00979-8>.

CERIN, E.; ZHANG, Casper J.P.; BARNETT, A.; SIT, C. H.P.; CHEUNG, Martin M.C.; JOHN-STON, Janice M.; LAI, Poh-Chin; LEE, R. S. Associations of objectively assessed neighborhood characteristics with older adults' total physical activity and sedentary time in an ultradense urban environment: Findings from the alecs study. *Health & Place*, [S.L.], v. 42, p. 1-10, 2016. <http://dx.doi.org/10.1016/j.healthplace.2016.08.009>.

CHEN, Shuangzhou et al. Sustainable built environment for facilitating public health of older adults: Evidence from Hong Kong. **Sustainable Development**, v. 30, n. 5, p. 1086-1098, 2022. <https://doi.org/10.1002/sd.2303>.

CHIPPENDALE, Tracy; BOLTZ, Marie. The neighborhood environment: perceived fall risk, resources, and strategies for fall prevention. **The gerontologist**, v. 55, n. 4, p. 575-583, 2015. <https://doi.org/10.1093/geront/gnu019>.

COLUSSI, Eliane Lucia; PICHLER, Nadir Antonio; GROCHOT, Lucimara. Percepções de idosos e familiares acerca do envelhecimento. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 22, p. e180157, 2019.

CULLEN, G. Paisagem urbana. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

CURL, Angela; MASON, Phil. Neighbourhood perceptions and older adults' wellbeing: Does walking explain the relationship in deprived urban communities? **Transportation research part A: policy and practice**, v. 123, p. 119-129, 2019. <https://doi.org/10.1016/j.tra.2018.11.008>.

D'ORSI, Eleonora; RECH, Cassiano Ricardo; PAIVA, Karina Mary de. **Estudo de coorte EpiFloripa Idoso: 3ª onda (2017-2019): relatório técnico-científico** / Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde. Florianópolis: UFSC, 2020. Disponível: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/219631/relatidoso_FINAL_EBOOK.pdf?sequence=1. Acesso em: 01 mar. 2024.

DE OLIVEIRA, Josildete Pereira. Glossário de Turismo e Hotelaria. *Turismo Visão & Ação* Univali. Edição Especial, 1999.

DE ROSE, Julio Cesar. A importância dos respondentes e das relações simbólicas para uma análise comportamental da cultura. **Acta Comportamentalia**, v. 24, n. 2, 2016.

DEMARCO, Fernanda Faccio. **Longevidade na cidade**: os espaços livres públicos de lazer e a atividade de caminhar para o lazer da população idosa em Florianópolis/SC. 2021.

DETANICO, Flora Bittencourt et al. Emoções positivas no uso do espaço construído de um campus universitário associadas aos atributos do design biofílico. **Ambiente Construído**, v. 19, p. 37-53, 2019.

DISTEFANO, N.; PULVIRENTI, G.; LEONARDI, S. Neighbourhood walkability: Elderly's priorities. **Research in transportation business & management**, v. 40, p. 100547, 2021. <http://dx.doi.org/10.1016/j.rtbm.2020.100547>.

DORNELES, Vanessa Goulart. **Acessibilidade para idosos em áreas livres públicas de lazer**. 195 páginas. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal De Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

DUJARDIN, Claire; LORANT, Vincent; THOMAS, Isabelle. Self-assessed health of elderly people in Brussels: Does the built environment matter?. **Health & place**, v. 27, p. 59-67, 2014. <https://doi.org/10.1016/j.healthplace.2014.01.003>.

EPIFLORIPA IDOSO. **Questionário do estudo populacional sobre a saúde do idoso**. Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

FARIAS, Thiago De Brito et al. Psycho-affective responses of physically active older adults during exercise in different environments. **Journal of Physical Education and Sport**, v. 18, n. 3, p. 1640-1645, 2018.

FELDMAN BARRETT, Lisa; RUSSELL, James A. Independence and bipolarity in the structure of current affect. **Journal of personality and social psychology**, v. 74, n. 4, p. 967, 1998.

FERENHOF, Helio Aisenberg; FERNANDES, Roberto Fabiano. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: método SSF. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 550-563, 2016.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **Os Significados Urbanos**. São Paulo: Edusp, 2000.

FINLAY, Jessica et al. Therapeutic landscapes and wellbeing in later life: Impacts of blue and green spaces for older adults. **Health & Place**, v. 34, p. 97–106, 2015.

FISHER, Gene A. et al. Evidence for extending the circumplex model of personality trait language to self-reported moods. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 49, n. 1, p. 233, 1985.

FROMME, Donald K.; O'BRIEN, Clayton S. A dimensional approach to the circular ordering of the emotions. **Motivation and Emotion**, v. 6, p. 337-363, 1982.

FRONCZEK-WOJCIECHOWSKA, Magdalena et al. Proposal for a method of constructing inclusive urban green infrastructure. **European Spatial Research and Policy**, v. 24, n. 1, p. 81-105, 2017. <http://dx.doi.org/10.1515/esrp-2017-0005>.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO; SESC-SP. **Idosos no Brasil II: Vivências, desafios e expectativas na 3ª idade**, 2020.

GIEHL, Maruí Weber Corseuil. **Associação do ambiente construído e percebido com a caminhada em idosos de Florianópolis**: estudo populacional. Florianópolis, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <https://home.ufam.edu.br/salomao/Tecnicas%20de%20Pesquisa%20em%20Economia/Textos%20de%20apoio/GIL,%20Antonio%20Carlos%20-%20Como%20elaborar%20projetos%20de%20pesquisa.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GOMES, Edvânia Tôrres Aguiar. Natureza e cultura—representações na paisagem. In.: CÔRREA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro (RJ): EdUERJ, p. 118-132, 2001.

GONG, Yi et al. Neighbourhood green space, physical function and participation in physical activities among elderly men: the Caerphilly Prospective study. **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, Londres, v. 11, n. 40, p. 01-11, 2014.

HAN, Huiran et al. Influence and mechanism of a multi-scale built environment on the leisure activities of the elderly: evidence from Hefei City in China. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 15, p. 9237, 2022. <https://doi.org/10.3390/ijerph19159237>.

HENNAH, Charlotte; ELLIS, Geraint; DOUMAS, Michail. Dual task walking in healthy aging: Effects of narrow and wide walking paths. **Plos one**, v. 16, n. 12, p. e0261647, 2021. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0261647>.

HERRMANN-LUNECKE, Marie Geraldine et al. The city of NoN-care: Walking and Elder People During the Pandemic. 2021.

HORAK, Jiri et al. Spatial pattern of the walkability index, walk score and walk score modification for elderly. **ISPRS International Journal of Geo-Information**, v. 11, n. 5, p. 279, 2022. <https://doi.org/10.3390/ijgi11050279>.

HULL IV, R. Bruce; HARVEY, Antony. Explaining the emotion people experience in suburban parks. **Environment and behavior**, v. 21, n. 3, p. 323-345, 1989. <https://doi.org/10.1177/0013916589213005>.

IBGE. **Censo 2022: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos | Agência de Notícias**. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos>>. Acesso em: 6 mar. 2024.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Práticas de Esporte e Atividade física**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

IVANKOVA, Nataliya V.; CRESWELL, John W. Mixed methods. **Qualitative research in applied linguistics: A practical introduction**, v. 23, p. 135-161, 2009.

JIA, Qinglin et al. The Impact of the Neighborhood Built Environment on the Walking Activity of Older Adults: A Multi-Scale Spatial Heterogeneity Analysis. **Sustainability**, v. 14, n. 21, p. 13927, 2022. <https://doi.org/10.3390/su142113927>.

JORGENSEN, Anna; ANTHOPOULOU, Alexandra. Enjoyment and fear in urban woodlands—Does age make a difference?. **Urban Forestry & Urban Greening**, v. 6, n. 4, p. 267-278, 2007.

KAPLAN, Rachel; KAPLAN, Stephen. **The experience of nature: A psychological perspective**. Cambridge University Press, 1989.

KAPLAN, Stephen; KAPLAN, Rachel. **Humanscape: environments for people**. Belmont, CA: Duxbury, 1978.

KATUNSKÝ, Dušan et al. Requirements and opinions of three groups of people (aged under 35, between 35 and 50, and over 50 years) to create a living space suitable for different life situations. **Environmental Impact Assessment Review**, v. 83, p. 106385, 2020.

KESKINEN, Kirsi E. et al. Nature as a facilitator for physical activity: Defining relationships between the objective and perceived environment and physical activity among community-dwelling older people. **Health & place**, v. 49, p. 111-119, 2018.

KOHLSDORF, Maria Elaine. **A Apreensão da Forma da Cidade**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1996.

LEE, Jae Seung; ZEGRAS, P. Christopher; BEN-JOSEPH, Eran. Safely active mobility for urban baby boomers: The role of neighborhood design. **Accident Analysis & Prevention**, v. 61, p. 153-166, 2013. <https://doi.org/10.1016/j.aap.2013.05.008>.

LITVOC, Júlio; BRITO, Francisco Carlos de. Envelhecimento prevenção e promoção da saúde. In: **Envelhecimento prevenção e promoção da saúde**. 2004. p. 226-226.

LOPES, Ricardo; ROCHA, Josielle. Paisagem urbana de Gordon Cullen: uma leitura atualizada em Niterói-RJ. In: **XII Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo, São Paulo-Lisboa, 2020**. Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2020.

LOUKAITOU-SIDERIS, A., LEVY-STORMS, L., CHEN, L., & BROZEN, M. Parks for an aging population: Needs and preferences of low-income seniors in Los Angeles. **Journal of the American Planning Association**, v. 82, n. 3, p. 236-251, 2016.

LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade* São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACIOSZEK, Elżbieta et al. The effect of distance intervals on walking likelihood in different trip purposes. **Sustainability**, v. 14, n. 6, p. 3406, 2022. <https://doi.org/10.3390/su14063406>.

MARQUET, Oriol; MIRALLES-GUASCH, Carme. Neighbourhood vitality and physical activity among the elderly: The role of walkable environments on active ageing in Barcelona, Spain. **Social Science & Medicine**, v. 135, p. 24-30, 2015. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2015.04.016>.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto e contexto enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-64, 2008.

MOBILIZE BRASIL. **Mobilidade urbana em dados e nas ruas do Brasil**: estudo mobilize 2022 relatório fi-nal. São Paulo: Mobilize Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.mobilize.org.br/midias/pesquisas/estudomobilize20221.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2024.

MUZAYANAH, Irfani Fithria Ummul et al. Walking down the street: how does the built environment promote physical activity? A case study of Indonesian cities. **International Journal of Urban Sustainable Development**, v. 14, n. 1, p. 425-440, 2022. <https://doi.org/10.1080/19463138.2022.2135099>.

NASAR, J. The evaluative image of places. In W. Bruce Walson, Kenneth H. Craik, Richard H. Price. (Eds.). *Person-environment psychology: New directions and perspectives*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 2000.

NASAR, Jack. *Environmental Aesthetics*. New York : Cambridge University Press, 1988.

NASAR, Jack L. *The evaluative image of the city*. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 1998. 182 p. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Guia Global: cidade amiga do idoso**. Organização Mundial da Saúde, 2008.

NEALE, Chris et al. The impact of walking in different urban environments on brain activity in older people. **Cities & Health**, v. 4, n. 1, p. 94-106, 2020. <https://doi.org/10.1080/23748834.2019.1619893>.

NEALE, C.; ASPINALL, P.; ROE, J.; TILLEY, S.; MAVROS, P.; CINDERBY, S.; COYNE, R. THIN, N.; BENNETT, G.; THOMPSON, C. W. The aging urban brain: analyzing outdoor physical activity using the emotiv affectiv suite in older people. **Journal of Urban Health**, [S.L.], v. 94, n. 6, p. 869880, 2017. <http://dx.doi.org/10.1007/s1152401701919>.

NETTO, Matheus Papaléo. O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia (org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. p. 62-75.

O'HERN, S.; OXLEY, J. Understanding travel patterns to support safe active transport for older adults. **Journal of Transport & Health**, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 7985, 2015. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jth.2014.09.016>.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Guia Global: cidade amiga do idoso**. Organização Mundial da Saúde, 2008.
ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Guia global: Cidade amiga do idoso**. Genebra: OMS, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Organização Pan-americana da Saúde(Org.). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília, DF: World Health Organization, 2005. 60 p. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf. Acesso em: 06 fev. 2024.

PAIVA NETO, Francisco Timbó de et al. Ambiente percebido da vizinhança e mudança na atividade física: **estudo EpiFloripa Idoso**. 2019.

PAIVA NETO, Francisco Timbó de; ARINS, G., D'ORSI, E., & RECH, C. R. **Are Changes in Walking for Transportation in Brazilian Older Adults Associated With Attributes of the Neighborhood Environment?** Journal of aging and physical activity, 2021.

PARDUCCI, Allen. The relativism of absolute judgments. **Scientific American**, v. 219, n. 6, p. 84-93, 1968.

PAYDAR, Mohammad; KAMANI FARD, Asal. Walking behavior of older adults in Temuco, Chile: the contribution of the built environment and socio-demographic factors. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 22, p. 14625, 2022. <https://doi.org/10.3390/ijerph192214625>.

PLAUT, Pnina et al. The reflection of the fear of falls and risk of falling in walking activity spaces of older adults in various urban environments. **Journal of transport geography**, v. 95, p. 103152, 2021. <https://doi.org/10.1016/j.jtrangeo.2021.103152>.

PFUTZENREUTER, Andrea Holz. **Viver a cidade, envelhecer na cidade: os espaços públicos como interface para o envelhecimento pessoal**. 2014.
PLUTCHIK, Robert. A general psychoevolutionary theory of emotion. In: **Theories of emotion**. Academic press, 1980. p. 3-33.

RAPOPORT, Amos. **Aspectos humanos de la forma urbana. Hacia una confrontación de las Ciencias Sociales com el diseño de la forma urbana.** Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1978.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; DE ALCANTARA, Denise. Cognição experiencial, observação incorporada e sustentabilidade na avaliação pós-ocupação de ambientes urbanos. **Ambiente Construído**, v. 7, n. 1, p. 35-46, 2007.

RIBEIRO, Ana Isabel et al. Physical activity-friendly neighbourhood among older adults from a medium size urban setting in Southern Europe. **Preventive Medicine**, v. 57, n. 5, p. 664-670, 2013. <https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2013.08.033>.

RICHARD, Lucie et al. Staying connected: neighbourhood correlates of social participation among older adults living in an urban environment in Montreal, Quebec. **Health promotion international**, v. 24, n. 1, p. 46-57, 2009. <https://doi.org/10.1093/heapro/dan039>.

RUSSELL JA. **Affective appraisals of environments.** In: Nasar JL, ed. *Environmental Aesthetics: Theory, Research, and Application*. Cambridge University Press; 1988:120-130.

RUSSELL, James A. A circumplex model of affect. **Journal of personality and social psychology**, v. 39, n. 6, p. 1161, 1980.

RUSSELL, James A.; LANIUS, Ulrich F. Adaptation level and the affective appraisal of environments. **Journal of Environmental Psychology**, v. 4, n. 2, p. 119-135, 1984.

RUSSELL, J. A., & Pratt, G. (1980). A description of the affective quality attributed to environments. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38(2), 311–322. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.38.2.311>

SALINGAROS, Nikos A. **A Theory of Architecture.** Solingen: UMBAU-VERLAG Harald Püschel, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado.** Editora Hucitec. São Paulo, 1991.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. 4ª edição. **São Paulo: Hucitec**, 1997.

SCHMID, Aloísio Leoni. Conforto como atmosfera: uma exploração da literatura sobre base da psicologia ambiental e da fenomenologia. **Arquitextos, São Paulo, ano**, v. 18, 2018.

SCHUETT, Michael A. et al. The effect of services and facilities on seniors' visitation experiences in seoraksan national park, korea. **Asian women**, v. 32, n. 3, p. 1-21, 2016.

SOUZA, Mariana Bunn. **Atributos da paisagem incentivadores e desencorajadores da caminhada em pessoas com 60 anos ou mais**. 138 páginas. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal De Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

SUZUKI, Frank Shiguemitsu et al. Effects of a multicomponent exercise program on the functional fitness in elderly women. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 24, n. 01, p. 36-39, 2018. <https://doi.org/10.1590/1517-869220182401179669>.

THIES, S.B.; KENNEY, L.P.J.; HOWARD, D.; NESTER, C.; ORMEROD, M.; NEWTON, R.; BAKER, R.; FARUK, M.; MACLENNAN, H. et al. Biomechanics for inclusive urban design: Effects of tactile paving on older adults' gait when crossing the street. **Journal of biomechanics**, v. 44, n. 8, p. 1599-1604, 2011. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jbiomech.2010.12.016>.

TILLEY, S.; NEALE, C.; PATUANO, A.; CINDERBY, S. Older people's experiences of mobility and mood in an urban environment: A mixed methods approach using electroencephalography (EEG) and interviews. **International journal of environmental research and public health**, v. 14, n. 2, p. 151, 2017. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph14020151>.

TRANFIELD, David; DENYER, David; SMART, Palminder. Towards a methodology for developing evidence-informed management knowledge by means of systematic review. **British journal of management**, v. 14, n. 3, p. 207-222, 2003.

TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset; AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A percepção geográfica da paisagem cárstica como instrumento de preservação. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 1, n. 1, 2001.

VEGI, A. S. F.; FERNANDES FILHO, E. I.; PESSOA, M. C.; RAMOS, K. L.; RIBEIRO, A. Q. Caminhabilidade e envelhecimento saudável: uma proposta de análise para cidades brasileiras de pequeno e médio porte. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, p. e00215218, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00215218>.

VERAS, Renato. Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. In: **Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro**. 1995. p. 110-110.

WALLACE, Anthony FC; CARSON, Margaret T. Sharing and diversity in emotion terminology. **Ethos**, p. 1-29, 1973.

WANG, Fang et al. Isolated or integrated? Evaluation of ageing-friendly communities in Old Beijing City based on accessibility, social inclusion and equity. **Indoor and Built Environment**, v. 29, n. 3, p. 465-479, 2020. <https://doi.org/10.1177/1420326X19896834>.

WARD, Lawrence M.; RUSSELL, James A. Cognitive set and the perception of place. **Environment and Behavior**, v. 13, n. 5, p. 610-632, 1981.

WARD, Lawrence M.; RUSSELL, James A. The psychological representation of molar physical environments. **Journal of Experimental Psychology: General**, v. 110, n. 2, p. 121, 1981.

WATSON, David; TELLEGEN, Auke. Toward a consensual structure of mood. **Psychological bulletin**, v. 98, n. 2, p. 219, 1985.

WOHWILL, J. **Environmental aesthetics: The environment as a source of affect**. In: I. Altmann; J. Wohwill (Eds.), Human behavior and environment, v.1, 37-86, 1976.

WU, Zj., Song, Y., Wang, Hl. *et al.* Influence of the built environment of Nanjing's Urban Community on the leisure physical activity of the elderly: an empirical study. **BMC Public Health**, v. 19, 1459 (2019). <https://doi.org/10.1186/s12889-019-7643-y>.

YANG, Linchuan et al. Using a system of equations to assess the determinants of the walking behavior of older adults. **Transactions in GIS**, v. 26, n. 3, p. 1339-1354, 2022. <https://doi.org/10.1111/tgis.12916>.

YÁZIGI, Eduardo Abdo; CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. 1999.

ZAFF, Jonathan; DEVLIN, Ann Sloan. Sense of community in housing for the elderly. **Journal of Community Psychology**, New Jersey, v. 26, n. 4, p. 381–398, 1998.

ZANG, Peng et al. Differences in the correlation between the built environment and walking, moderate, and vigorous physical activity among the elderly in low-and high-income areas. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 3, p. 1894, 2022. <https://doi.org/10.3390/ijerph19031894>.

ZANG, Peng et al. Nonlinear effects of the built environment on light physical activity among older adults: the case of Lanzhou, China. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 14, p. 8848, 2022. <https://doi.org/10.3390/ijerph19148848>.

ZHIFENG, Wu; YIN, Ren. The influence of greenspace characteristics and building configuration on depression in the elderly. **Building and Environment**, Amsterdã, v. 188, p. 01-10, 2021.

APÊNDICE A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Avaliação afetiva da paisagem urbana para o andar da pessoa idosa: um estudo em Florianópolis/SC

Pesquisador: Isabella Cubas da Silva Cruz

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 83103424.2.0000.0121

Instituição Proponente: Programa de Pós- Graduação de Arquitetura e Urbanismo da UFSC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.157.441

Apresentação do Projeto:

Segundo os pesquisadores:

Resumo:

Considerando o aumento gradativo do envelhecimento populacional e o caminhar como parte da mobilidade urbana, o presente estudo terá como objetivo principal promover uma avaliação afetiva da paisagem urbana de Florianópolis, sob o olhar da pessoa idosa, para o caminhar urbano neste grupo. Esta pesquisa se caracteriza como exploratória e de abordagem quali-quantitativa. Para a realização deste estudo, serão adotados procedimentos metodológicos que envolverão a revisão sistemática de literatura, a aplicação de foto-questionários e a análise dos resultados com base no Modelo Circumplexo de Russel. Os foto-questionários serão aplicados de forma on-line para facilitar a coleta de dados ou presencial, caso seja necessário para completar a amostra. As imagens das paisagens urbanas foram fotografadas e selecionadas considerando a diversidade de uso do solo, diferentes níveis de vegetação e, por conseguinte, diferentes configurações arquitetônicas das edificações, diferentes tratamentos de calçadas, diferentes tipologias de vias e diferentes caminhos em espaços recreativos, sendo esses elementos relevantes na literatura ao contexto dos idosos. Com as análises, será possível compreender as preferências da população idosa em relação ao ambiente urbano, a fim de amparar políticas públicas, visando à oferta de ambientes mais

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

Fonte: Comitê de Ética em Pesquisa, 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 7.157.441

atrativos aos deslocamentos urbanos a pé da pessoa idosa, contribuindo com seu envelhecimento ativo.

Hipótese:

Não se aplica ao estudo.

Metodologia Proposta:

A pesquisa proposta é de abordagem quali-quantitativa e utilizará foto-questionários como técnica de coleta de dados. Segundo Gil (2002), os questionários são ferramentas essenciais para a coleta de informações em estudos sociais, e neste caso específico, o foco será em um foto-questionário on-line. O estudo será realizado em Florianópolis, especificamente no bairro Centro, que apresenta uma maior densidade populacional e diversidade de paisagens urbanas. Os participantes da pesquisa serão residentes de Florianópolis com 60 anos ou mais. O objetivo dos foto-questionários é promover uma avaliação afetiva das diferentes paisagens urbanas, utilizando questões abertas e fechadas. A amostra será composta por pelo menos 30 indivíduos, com a coleta de dados sendo feita presencialmente e online, conforme a conveniência dos respondentes. A utilização de imagens nos questionários permitirá identificar preferências visuais e aspirações dos participantes, facilitando a comparação entre diferentes cenários urbanos. As imagens serão avaliadas em uma escala bipolar de 5 pontos, variando de -2 (extremamente desagradável) a 2 (extremamente agradável), com um ponto neutro (zero). Isso permitirá posicionar as respostas no modelo circumplexo de emoções proposto por Russell (1980). Além disso, os participantes serão questionados sobre características demográficas e a percepção de áreas verdes em seu entorno. Para a seleção das imagens, foi realizada uma revisão sistemática da literatura para identificar características da paisagem urbana que influenciam o deslocamento de idosos. Os critérios de inclusão foram focados em estudos que abordam idosos, espaços urbanos públicos e a atividade de caminhar. Os resultados indicaram que a qualidade do solo, vegetação, acessibilidade das calçadas e presença de espaços recreativos são aspectos que impactam positivamente a experiência de caminhada dos idosos. A pesquisa está limitada às tipologias de cenários identificadas nas imagens coletadas, focando em paisagens que apresentem uso misto do solo e outras variáveis relevantes, como a vegetação e a configuração das calçadas. A escolha do formulário on-line SurveyMonkey para as aplicações virtuais se deve à sua facilidade de uso e recursos avançados que facilitam a coleta de dados.

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701	
Bairro: Trindade	CEP: 88.040-400
UF: SC	Município: FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094	E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

Fonte: Comitê de Ética em Pesquisa, 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 7.157.441

Critérios de Inclusão:

Idade mínima de 60 anos;
Residir em Florianópolis;
Ter familiaridade com o bairro Centro.

Critérios de Exclusão:

Ter idade inferior a 60 anos;
Não residir em Florianópolis.

Objetivo da Pesquisa:

Segundo os pesquisadores:

Objetivo Primário:

Promover uma avaliação afetiva da paisagem urbana de Florianópolis, sob o olhar da pessoa idosa, para o caminhar urbano neste grupo.

Objetivos Secundários:

- i) Sintetizar a partir da literatura atributos de agradabilidade (o que gosta e o que não gosta) da paisagem para o andar da pessoa idosa;
- ii) Levantar diferentes cenários urbanos, representativos em Florianópolis, que traduzam imagetivamente os atributos de agradabilidade da paisagem para o andar da pessoa idosa identificados na literatura;
- iii) Identificar, a partir do olhar da pessoa idosa, os cenários, representados através de imagens, mais e menos agradáveis e estimulantes para seus deslocamentos urbanos.
- iv) Validar o método de pesquisa adotado, Modelo Circumplexo do Afeto de Russel (1980), em Florianópolis.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo os pesquisadores:

Riscos:

Cansaço, constrangimento, desconforto, estresse ou aborrecimento no decorrer do foto- questionário.
Risco de quebra de sigilo.

Benefícios:

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

Fonte: Comitê de Ética em Pesquisa, 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 7.157.441

Produção de conhecimento associada ao desenvolvimento da pesquisa;
Aumento da percepção sobre si mesmo e sobre o ambiente onde o participante se desloca;
Conscientização na qualificação dos espaços no deslocamento a pé de pessoas idosas;
Conscientização a respeito dos aspectos relacionados ao envelhecimento ativo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O Projeto de Pesquisa "Avaliação afetiva da paisagem urbana para o andar da pessoa idosa: um estudo em Florianópolis/SC", faz parte da dissertação de mestrado de Isabella Cubas da Silva Cruz, no Programa de Pós- Graduação de Arquitetura e Urbanismo da UFSC, orientada por ... (nome do orientador).

Pretendem promover uma avaliação afetiva da paisagem urbana de Florianópolis, sob o olhar da pessoa idosa, para o caminhar urbano neste grupo. O foco do estudo será a relação entre pessoas idosas e as paisagens urbanas, buscando compreender preferências, estados afetivos e emoções que essas paisagens possam ter, a fim de atualizar estudos acerca dos conhecimentos de atributos urbanos e o processo de envelhecimento na cidade.

Estudo nacional e prospectivo, com financiamento próprio.

Número de participantes: 30 idosos.

Previsão de início do estudo: 02/12/2024

Previsão de término do estudo: 26/02/2025

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações.

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pendências:

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

Fonte: Comitê de Ética em Pesquisa, 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 7.157.441

Para realizar as adequações solicitadas, verificar instruções no link:

<https://cep.ufsc.br/orientacoes-para-a-submissao-de-um-novo-projeto/>

mais especificamente no item referente a "Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual"

1- Tratando-se de dissertação, deve ser indicado o orientador.

2- Indicar, nos critérios de inclusão e exclusão, as condições de autonomia e capacidade dos participantes.

TCLE:

3- Caso existam participantes incapazes, incluir TCLE para responsáveis e TALE para incapazes.

4- Incluir algum endereço físico dos pesquisadores, podendo ser informado o endereço pessoal ou profissional detalhado (departamento, prédio, bloco, sala etc.).

5- Incluir campo para assinatura do participante da pesquisa, inserindo-o na mesma página da assinatura do pesquisador

Carta resposta:

A elaboração do presente parecer fundamentou-se na análise de todos os documentos apresentados, incluindo o projeto em sua íntegra. Solicita-se ao pesquisador que anexe na Plataforma Brasil uma carta respondendo a todos os questionamentos deste parecer. Sempre que a resposta alterar o(s) documento(s) (por exemplo, o projeto e/ou TCLE), anexar uma nova versão do(s) documento(s), cujas modificações deverão estar destacadas no texto, bem como deverão estar citadas na carta-resposta identificando o local da alteração ao longo do texto (página e/ou título do item).

Esclarecemos que o CEPSC está sob fiscalização da CONEP e tem a obrigação de verificar se todos itens exigidos estão de acordo com a legislação, sob pena de sanções tais como suspensão ou descredenciamento, o que seria extremamente prejudicial a toda a comunidade acadêmica da UFSC e de outras instituições que utilizam seu serviço.

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

Fonte: Comitê de Ética em Pesquisa, 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 7.157.441

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2406233.pdf	10/09/2024 19:08:55		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Assinada.pdf	10/09/2024 19:08:35	Isabella Cubas da Silva Cruz	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	09/09/2024 11:14:41	Isabella Cubas da Silva Cruz	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado_.pdf	09/09/2024 11:14:06	Isabella Cubas da Silva Cruz	Aceito

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 14 de Outubro de 2024

Assinado por:
Sharbel Weidner Maluf
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701

Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400

UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS

Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

Fonte: Comitê de Ética em Pesquisa, 2024.

APÊNDICE B – FOTO-QUESTIONÁRIO

Avaliação da paisagem para deslocamentos a pé

Prezado(a), você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “Avaliação afetiva da paisagem urbana para o andar da pessoa idosa: um estudo em Florianópolis/SC”, cujo objetivo principal é promover uma avaliação afetiva da paisagem urbana de Florianópolis, sob o olhar da pessoa idosa, para o caminhar urbano neste grupo. A pesquisa é integrada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PósARQ/UFSC).

Sua participação é voluntária e consiste em fazer a avaliação de determinadas paisagens respondendo a um foto-questionário. O tempo estimado de duração é de aproximadamente 35 minutos.

A pesquisa é respondida de forma anônima e a pesquisadora responsável garante que suas opiniões e pontos de vista serão tratados anonimamente. Os dados coletados nas etapas da pesquisa serão armazenados por 5 anos após o término da pesquisa, sem possibilidade de acesso por terceiros, e serão tratados e armazenados de forma anônima. Os dados levantados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados serão publicados em eventos e/ou periódicos científicos, com garantia de privacidade, sigilo e confidencialidade. Os possíveis riscos ou constrangimentos decorrentes de sua participação na pesquisa envolvem a fadiga ao responder a um longo questionário ou o receio de quebra de sigilo, no entanto, lembramos que o senhor pode desistir de respondê-lo a qualquer momento.

Se o(a) Senhor(a) aceitar participar, mesmo não havendo benefício direto de sua colaboração, contribuirá com o conhecimento da Ciência e Tecnologia no que se refere a qualidade da paisagem urbana de Florianópolis para o deslocamento a pé da pessoa idosa. Se depois de consentir em sua participação, o(a) Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Este termo está disponível na íntegra para baixar, caso seja necessário sanar alguma dúvida sobre o processo de pesquisa. Nestes termos, agradecemos sua colaboração.

Para baixar este TCLE em formato PDF click no link abaixo:

<https://docs.google.com/uc?export=download&id=1GJOFMyIsKBK7K7IOE9qf-lcPnLVnBYg>

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Você concorda com o termo acima? *

Marcar apenas uma oval.

☐ SIM

☐ NÃO

Seção sem título

2. Seu sexo: *

Marcar apenas uma oval.

☐ Feminino

☐ Masculino

3. Sua faixa etária: *

Marcar apenas uma oval.

☐ 18-59 anos

☐ 60-69 anos

☐ 70-79 anos

☐ 80-89 anos

☐ 90 anos ou mais

☐ Outro: _____

4. Bairro de Residência *

5. Como você descreveria a presença de áreas verdes (parques, praças, jardins) próximas à sua residência? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Há várias áreas verdes próximas
- ☐ Há algumas áreas verdes, mas poucas
- ☐ Não há áreas verdes próximas
- ☐ Não sei informar
- ☐ Outro: _____

Considerando as imagens a seguir, **como você avalia cada uma dessas paisagens urbanas em termos de agradabilidade do espaço e do estímulo que oferecem para deslocamentos urbanos a pé?**

Considere um valor de 2 para paisagens muito agradáveis e -2 para paisagens muito desagradáveis, considerando 0 nem agradável e nem desagradável. Considere o valor 2 para paisagens extremamente estimulantes e -2 para paisagens nada estimulantes, considerando 0 moderadamente estimulante.

Seção sem título

6. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

7. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

8. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

9. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

10. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

11. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

12. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

13. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

14. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

15. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

16. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

17. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

18. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

19. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

20. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

21. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

22. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

23. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

24. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

25. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

26. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

27. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

28. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

29. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

30. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

31. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

32. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

33. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

34. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

35. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

36. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

37. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

38. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

39. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

40. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

41. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

42. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

43. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

44. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

45. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

46. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

47. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

48. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

49. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

50. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

51. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

52. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

53. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

54. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

55. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

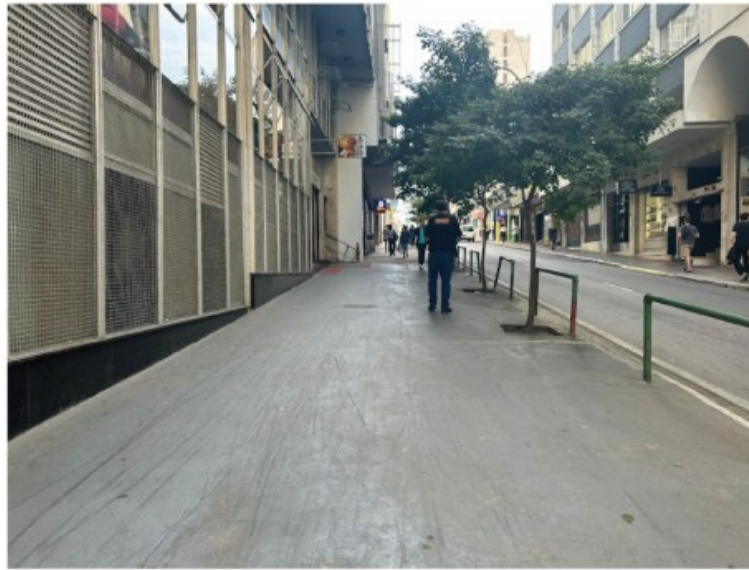
56. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

57. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

58. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

59. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

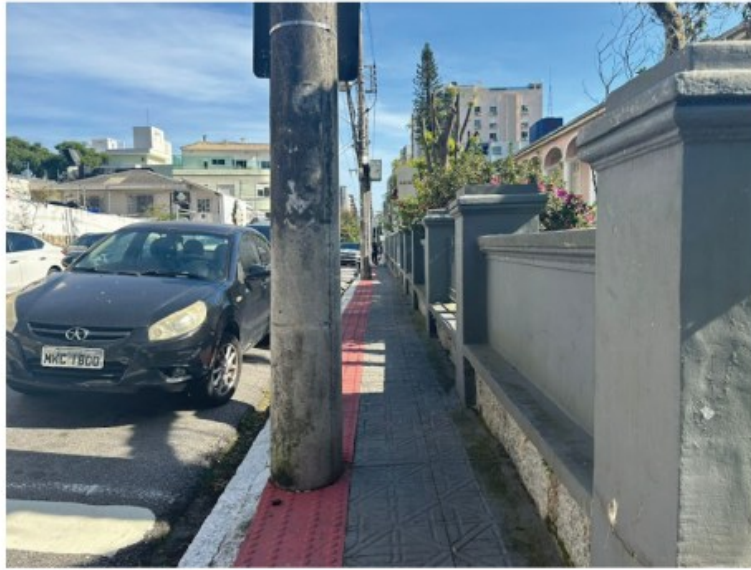
60. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

61. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

62. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

63. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

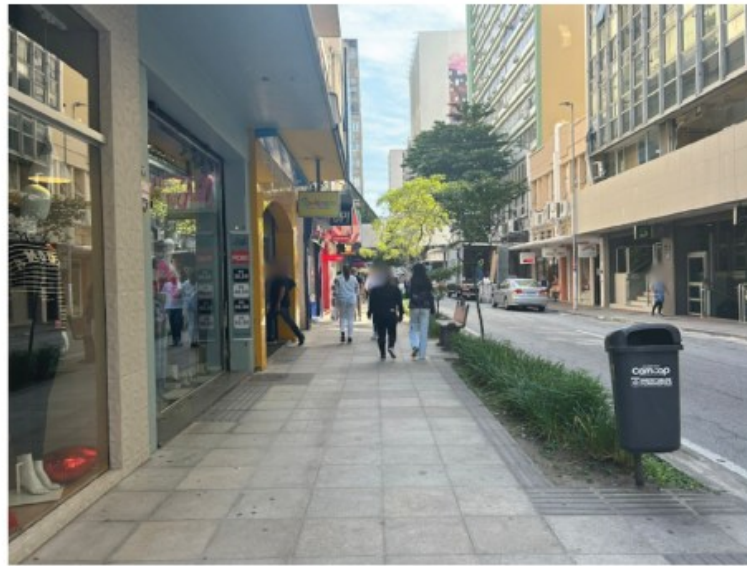
64. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

65. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

66. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

67. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

68. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

69. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

70. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

71. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

72. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

73. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

74. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

75. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

76. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

77. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

78. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

79. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

80. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

81. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

82. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

83. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

84. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

85. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

86. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

87. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

88. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

89. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

90. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

91. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

92. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

93. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

94. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

95. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

96. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

97. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

98. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

99. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

100. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

101. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

102. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

103. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

104. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

105. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

106. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

107. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

108. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

109. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

110. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

111. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

112. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

113. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

114. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

115. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

116. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

117. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

118. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

119. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

120. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

121. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

122. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

123. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

124. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

125. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

126. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

127. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

128. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

129. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

130. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

131. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

132. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

133. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

134. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

135. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

136. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

137. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

138. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

139. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

140. c) Como você julga esta paisagem?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

141. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

142. a) Como você classificaria esta paisagem em termos de agradabilidade?



Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 muito agradável
☐ 1 agradável
☐ 0 nem agradável, nem desagradável
☐ -1 desagradável
☐ -2 muito desagradável

143. b) Como você classificaria esta paisagem em termos de estímulo?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ 2 extremamente estimulante
☐ 1 bastante estimulante
☐ 0 moderadamente estimulante
☐ -1 pouco estimulante
☐ -2 nada estimulante

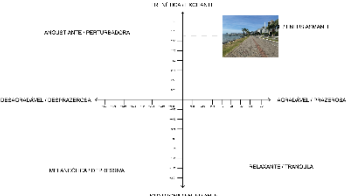
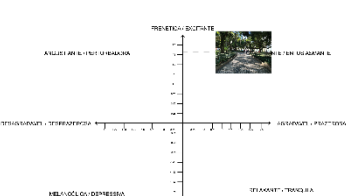
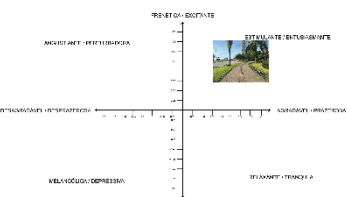
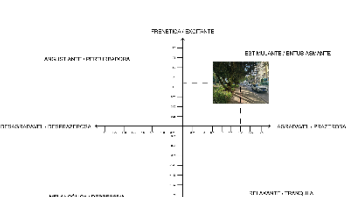
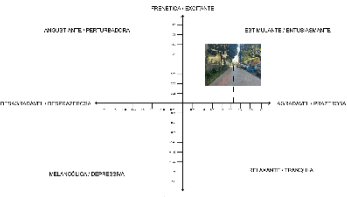
144. c) Como você julga esta paisagem?

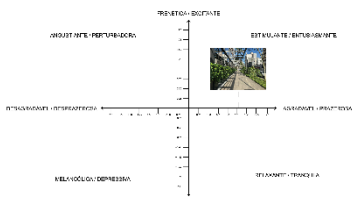
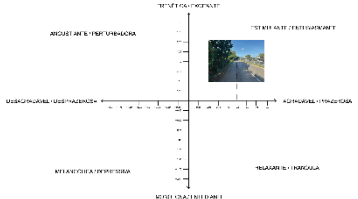
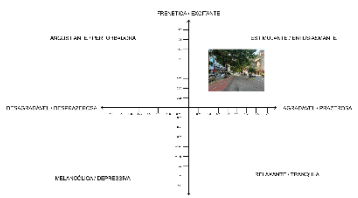
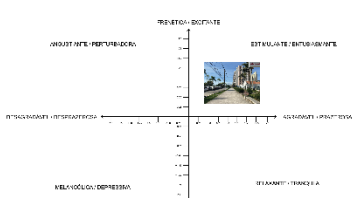
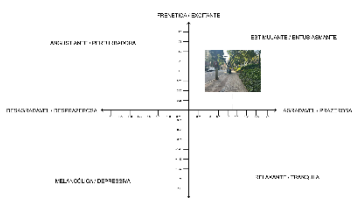
Marcar apenas uma oval.

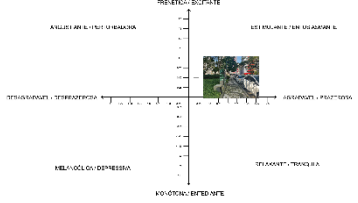
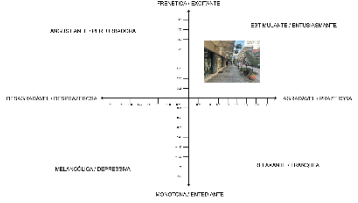
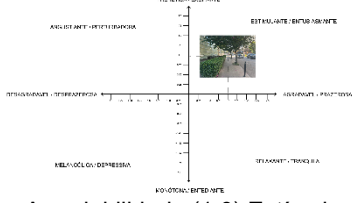
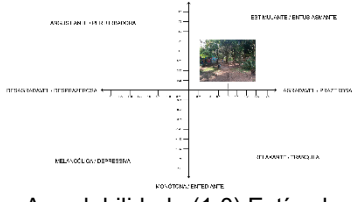
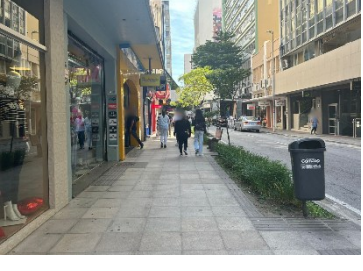
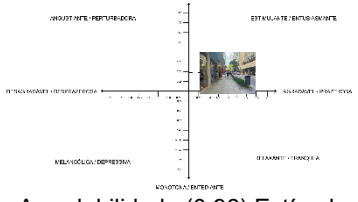
- ☐ agradável, prazerosa, atraente
☐ desagradável, desprazerosa, repulsiva
☐ frenética, ativa, excitante, intensa, viva
☐ monótona, inativa, entediante, sonífera
☐ estimulante, entusiasmante, interessante
☐ melancólica, depressiva, sombria
☐ angustiante, assustadora, perturbadora
☐ relaxante, tranquila, serena
☐ Outro: _____

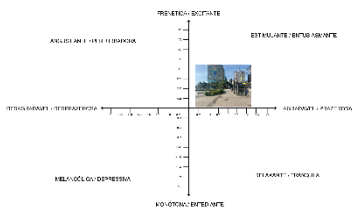
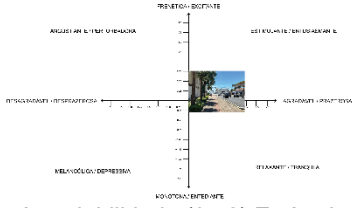
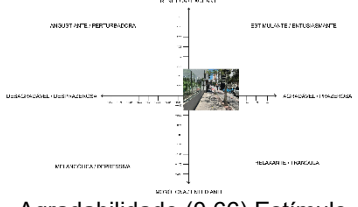
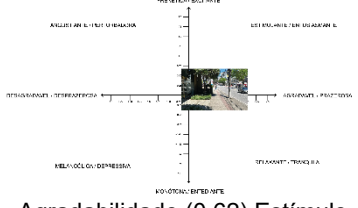
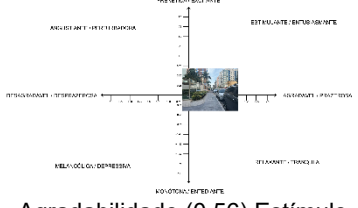
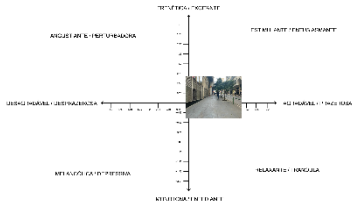
145. d) Que elemento na cena mais lhe chamou atenção no seu julgamento (opcional)

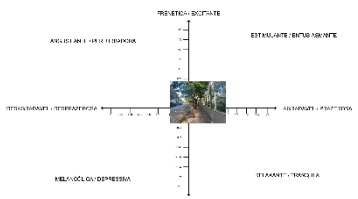
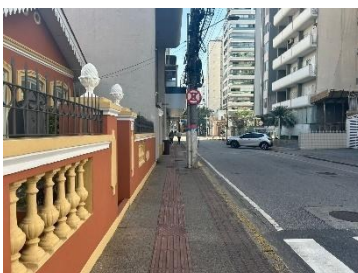
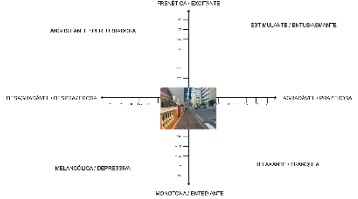
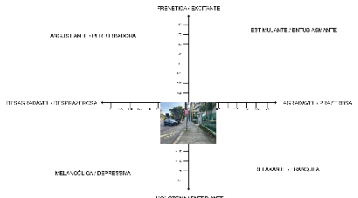
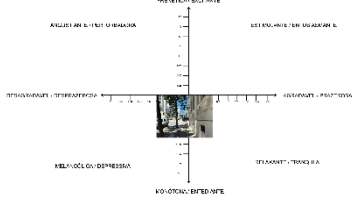
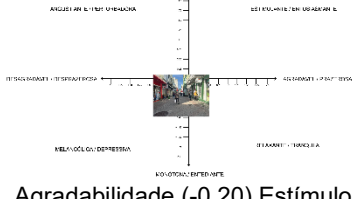
APÊNDICE C – QUADRO SÍNTESE DOS RESULTADOS DO JULGAMENTO DO PÚBLICO IDOSO

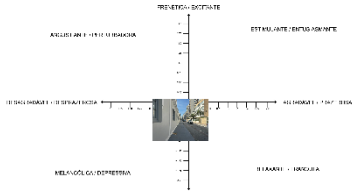
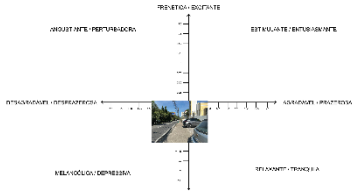
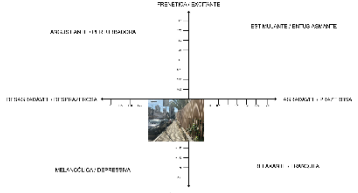
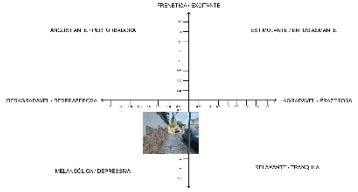
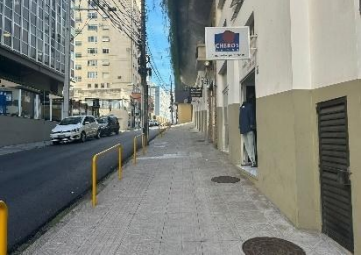
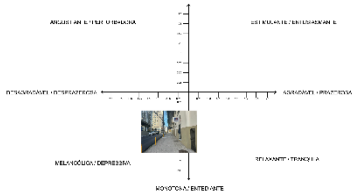
Imagem	Posição no modelo circunplexo (média dos valores de agradabilidade e estímulo)	Julgamento da paisagem (questão fechada)	Elemento predominante no julgamento (questão aberta)
	 Agradabilidade (1,77) Estímulo (1,66)	agradável (76,6%) estimulante (16,7%) relaxante (6,7%)	- Qualidade visual (paisagem); - Calçada ampla; - Organização;
	 Agradabilidade (1,77) Estímulo (1,45)	agradável (70%) relaxante (16,6%) estimulante (10%) angustiante (3,4%)	- Presença de árvores; - Presença de sombra; - Boa manutenção; - Calçada larga; - Presença mobiliário urbano;
	 Agradabilidade (1,5) Estímulo (1,28)	agradável (63,3%) estimulante (20%) relaxante (6,8%) monótona (3,3%) melancólica (3,3%) frenética (3,3%)	- Presença de vegetação; - Calçada larga; - Organização; - Qualidade visual (paisagem); - Presença de árvores; - Presença de sombra; - Calçada larga;
	 Agradabilidade (1,5) Estímulo (1,16)	agradável (75,9%) estimulante (13,8%) relaxante (10,3%)	- Presença de árvores; - Presença de sombra; - Calçada larga;
	 Agradabilidade (1,36) Estímulo (0,94)	agradável (76,6%) relaxante (10%) estimulante (6,7%) desagradável (6,7%)	- Presença de árvores; - Presença de sombra; - Calçada larga; - Organização;

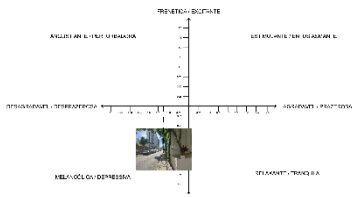
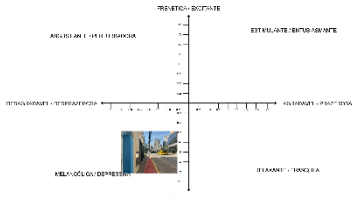
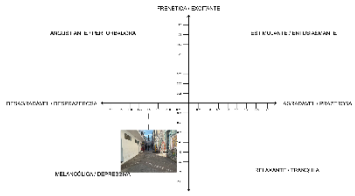
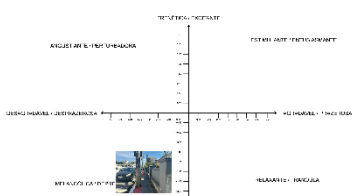
	 Agradabilidade (1,3) Estímulo (0,96)	agradável (63,4%) relaxante (16,7%) estimulante (13,3%) monótona (3,3%) angustiante (3,3%)	- Presença de vegetação; - Calçada larga; - Organização;
	 Agradabilidade (1,24) Estímulo (1,0)	agradável (60%) estimulante (13,3%) monótona (10%) relaxante (6,7%) frenética (6,7%) angustiante (3,3%)	- Calçada larga; - Presença de sombra; - Presença de vegetação; - Organização; - Falta de manutenção (altura vegetação);
	 Agradabilidade (1,24) Estímulo (0,83)	agradável (55,2%) frenética (17,2%) estimulante (10,3%) relaxante (6,9%) monótona (6,9%) desagradável (3,4%)	- Calçada larga; - Presença de árvores; - Ciclovia; - Sem obstáculos físicos;
	 Agradabilidade (1,16) Estímulo (0,83)	agradável (68,8%) relaxante (17,4%) estimulante (6,9%) monótona (6,9%)	- Calçada larga; - Boa manutenção; - Qualidade visual (paisagem); - Organização; - Presença de vegetação; - Falta de sombra;
	 Agradabilidade (1,13) Estímulo (0,8)	agradável (75,1%) relaxante (7,1%) estimulante (7,1%) monótona (7,1%) melancólica (3,6%)	- Calçada larga; - Presença de vegetação; - Presença de sombra; - Presença de barreiras físicas;

	 Agradabilidade (1,1) Estímulo (0,5)	agradável (56,6%) relaxante (23,5%) monótona (10%) melancólica (3,3%) frenética (3,3%) angustiante (3,3%)	- Presença de vegetação; - Presença de árvores; - Calçada estreita; - Carros próximos a calçada;
	 Agradabilidade (1,10) Estímulo (0,89)	agradável (65,6%) estimulante (20,7%) frenética (6,9%) relaxante (3,4%) monótona (3,4%)	- Presença de vegetação; - Presença de sombra; - Calçada estreita; - Limite físico de proteção para pedestres;
	 Agradabilidade (1,0) Estímulo (0,93)	agradável (75,8%) angustiante (6,9%) frenética (6,9%) estimulante (3,4%) melancólica (3,4%) relaxante (3,4%)	- Calçada larga; - Presença de vegetação; - Organização; - Presença mobiliário urbano; - Presença de comércio;
	 Agradabilidade (1,0) Estímulo (0,72)	agradável (32,1%) relaxante (28,5%) estimulante (14,3%) monótona (10,7%) angustiante (7,2%) frenética (7,2%)	- Presença de árvores; - Falta de calçamento; - Desorganização;
	 Agradabilidade (0,96) Estímulo (0,41)	agradável (55,6%) estimulante (18,5%) relaxante (14,8%) monótona (11,1%)	- Presença de vegetação; - Calçada larga; - Boa manutenção; - Presença de comércio;

	 Agradabilidade (0,83) Estímulo (0,6)	agradável (56,6%) estimulante (13,4%) monótona (10%) melancólica (6,7%) frenética (6,7%) angustiante (3,3%) relaxante (3,3%)	- Calçada larga; - Ausência de árvores; - Ausência de sombra; - Organização;
	 Agradabilidade (0,72) Estímulo (0,24)	agradável (42,9%) monótona (25%) melancólica (10,5%) frenética (7,2%) estimulante (3,6%) angustiante (3,6%) relaxante (3,6%) desagradável (3,6%)	- Calçada larga; - Qualidade visual (paisagem); - Trânsito; - Sem sombras;
	 Agradabilidade (0,66) Estímulo (0,10)	agradável (37,8%) monótona (20,7%) relaxante (17,2%) estimulante (10,5%) angustiante (6,9%) estressante (6,9%)	- Presença de árvores; - Falta de sombra; - Trânsito; - Ponto de ônibus; - Ciclovia; - Calçada estreita; - Boa sinalização;
	 Agradabilidade (0,62) Estímulo (0,13)	agradável (34,6%) relaxante (20,6%) monótona (20,6%) frenética (10,4%) desagradável (6,9%) estimulante (3,4%) melancólica (3,4%)	- Presença de vegetação; - Calçada larga; - Poluição visual (fios);
	 Agradabilidade (0,56) Estímulo (0,13)	agradável (41,3%) monótona (37,9%) frenética (13,9%) estimulante (6,9%)	- Calçada estreita; - Presença de vegetação; - Organização; - Prédios altos; - Carros próximos a calçada;
	 Agradabilidade (0,55) Estímulo (0,20)	monótona (34,6%) agradável (31,4%) relaxante (13,6%) desagradável (10,2%) melancólica (6,8%) estimulante (3,4%)	- Calçada larga; - Falta vegetação; - Rua íngreme; - Limite físico de proteção para pedestres;

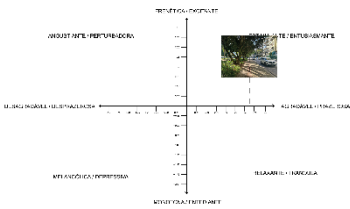
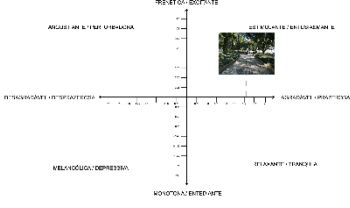
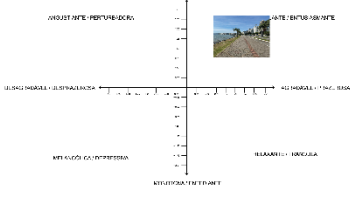
	 Agradabilidade (0,26) Estímulo (0,13)	agradável (42,9%) relaxante (17,8%) monótona (10,7%) melancólica (10,7%) angustiante (10,7%) desagradável (7,2%)	- Calçada estreita; - Presença de sombra; - Presença de árvores;
	 Agradabilidade (0) Estímulo (-0,36)	monótona (48,2%) agradável (17,2%) desagradável (10,4%) relaxante (10,4%) estimulante (6,9%) melancólica (6,9%)	- Calçada estreita; - Falta vegetação; - Presença de barreiras físicas (poste); - Poluição visual (fios); - Prédios altos;
	 Agradabilidade (0) Estímulo (-0,46)	monótona (36,6%) desagradável (16,6%) agradável (16,6%) relaxante (10%) estimulante (10%) angustiante (6,7%) melancólica (3,3%)	- Presença de barreiras físicas (poste); - Desorganizado; - Falta de sombra; - Falta de manutenção;
	 Agradabilidade (-0,10) Estímulo (-0,55)	monótona (31%) agradável (20,6%) frenética (17,2%) angustiante (17,2%) desagradável (10,3%) melancólica (3,7%)	- Calçada estreita; - Muro/fachada paralela a rua; - Falta vegetação; - Prédios altos; - Trânsito (carro na calçada);
	 Agradabilidade (-0,20) Estímulo (-0,44)	monótona (28,6%) agradável (25%) angustiante (14,3%) melancólica (10,7%) estimulante (10,7%) frenética (7,1%) desagradável (3,6%)	- Calçada apenas para pedestre; - Calçada larga; - Poluição visual; - Falta de vegetação;

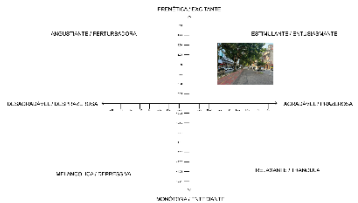
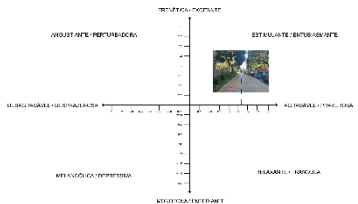
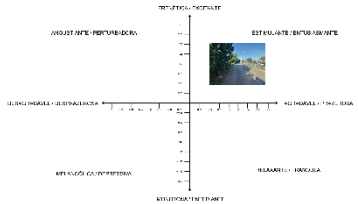
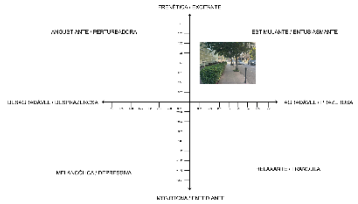
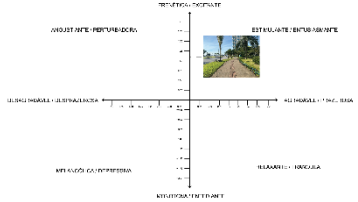
	 Agradabilidade (-0,20) Estímulo (-0,40)	monótona (65,5%) desagradável (10,4%) agradável (10,4%) estimulante (6,9%) angustiante (3,4%) frenética (3,4%)	- Calçada estreita; - Muro/fachada paralela a rua; - Falta vegetação; - Falta sombra;
	 Agradabilidade (-0,26) Estímulo (-0,50)	monótona (36,6%) desagradável (19,9%) agradável (16,7%) angustiante (16,7%) frenética (3,3%) melancólica (3,3%) relaxante (3,3%)	- Calçada estreita; - Trânsito (carro na calçada); - Falta de sombra; - Excesso de vegetação na lateral esquerda; - Desorganização;
	 Agradabilidade (-0,37) Estímulo (-0,58)	monótona (41,4%) desagradável (24%) agradável (13,9%) melancólica (10,4%) angustiante (6,9%) frenética (3,4%)	- Calçada estreita; - Falta vegetação; - Grade; - Carros estacionados; - Presença de barreiras físicas (poste);
	 Agradabilidade (-0,44) Estímulo (-0,82)	monótona (62,2%) desagradável (13,7%) melancólica (10,4%) agradável (6,9%) angustiante (3,4%) relaxante (3,4%)	- Muro/fachada paralela a rua; - Falta vegetação; - Rua predominante residencial (deserta);
	 Agradabilidade (-0,53) Estímulo (-0,90)	monótona (61,9%) desagradável (13,9%) melancólica (6,9%) angustiante (6,9%) agradável (6,9%) relaxante (3,4%)	- Falta vegetação; - Prédios altos; - Limite físico de proteção para pedestres; - Calçada larga;

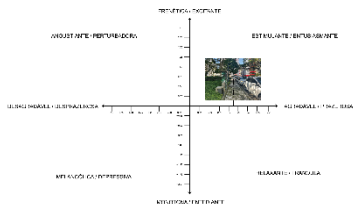
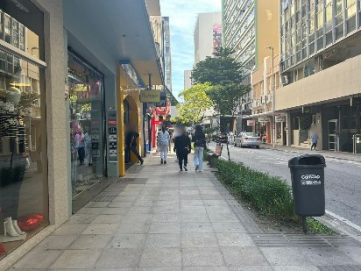
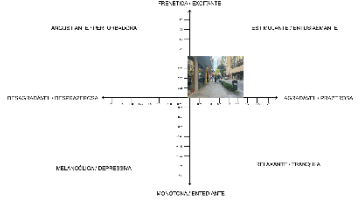
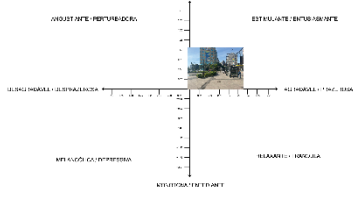
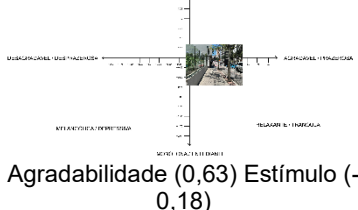
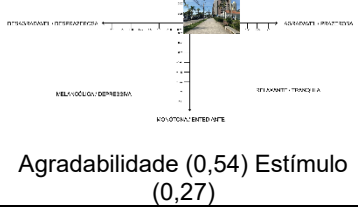
	 Agradabilidade (-0,66) Estímulo (-1,13)	desagradável (34,5%) angustiante (20,7%) monótona (20,7%) melancólica (10,3%) frenética (10,3%) relaxante (3,4%)	- Calçada estreita; - Falta manutenção; - Muro;
	 Agradabilidade (-1,0) Estímulo (-1,23)	desagradável (37,9%) angustiante (31%) monótona (17,3%) melancólico (10,4%) frenética (3,4%)	- Calçada estreita; - Falta manutenção; - Falta vegetação; - Presença de barreiras físicas (poste); - Trânsito;
	 Agradabilidade (-1,0) Estímulo (-1,23)	monótona (27,6%) desagradável (20,7%) melancólica (17,2%) estimulante (17,2%) angustiante (17,2%)	- Falta vegetação; - Poluição visual; - Rua sem saída; - Calçada estreita;
	 Agradabilidade (-1,2) Estímulo (-1,5)	desagradável (58,6%) angustiante (20,8%) monótona (17,2%) melancólica (3,4%)	- Calçada estreita; - Falta vegetação; - Presença de barreiras físicas (poste);

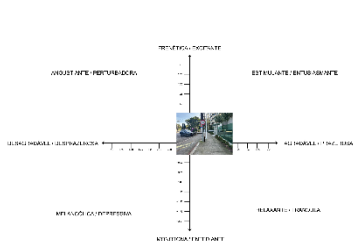
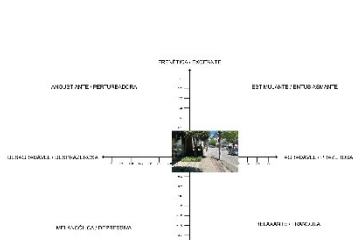
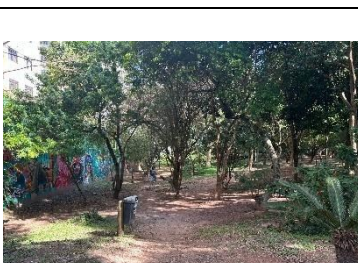
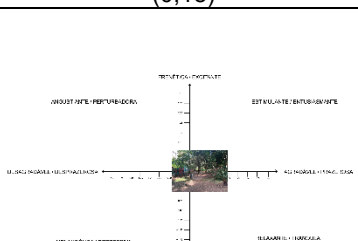
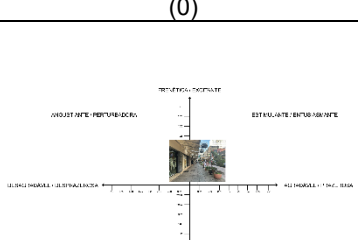
Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

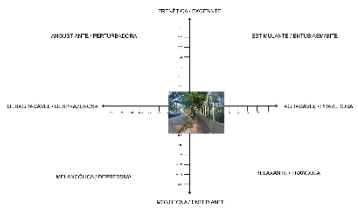
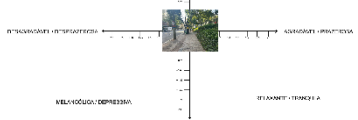
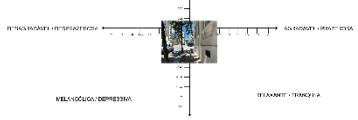
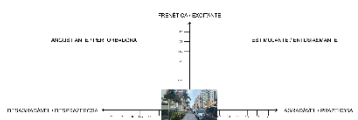
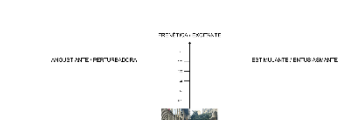
APÊNDICE D – QUADRO SÍNTESE DOS RESULTADOS DO GRUPO CONTROLE

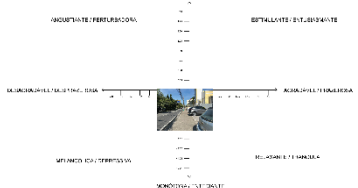
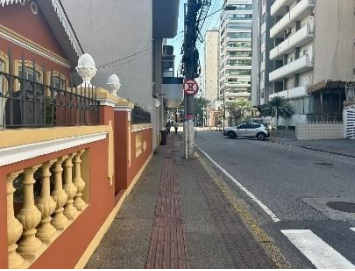
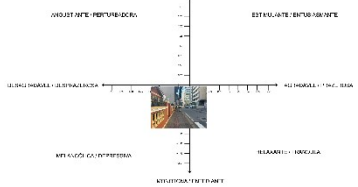
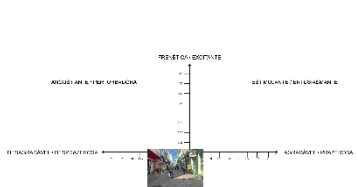
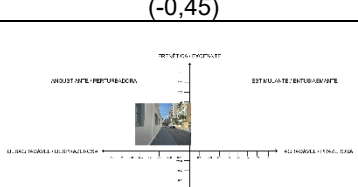
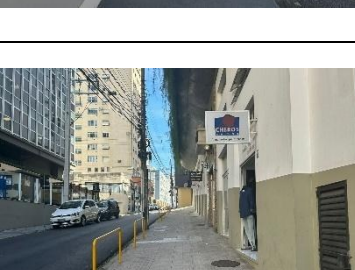
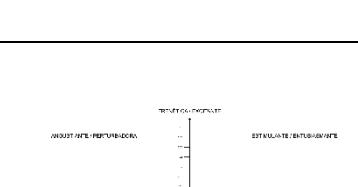
Imagem	Posição no modelo circunplexo (média dos valores de agradabilidade e estímulo)	Julgamento da paisagem (questão fechada)	Elemento predominante no julgamento (questão aberta)
	 Agradabilidade (1,63) Estímulo (1,27)	agradável (54,5%) relaxante (18,2%) estimulante (18,2%) frenética (9,1%)	- Presença de árvores; - Presença de sombra; - Calçada larga;
	 Agradabilidade (1,54) Estímulo (1,1)	agradável (81,8%) relaxante (18,2%)	- Presença de árvores; - Presença de sombra; - Boa manutenção; - Calçada larga;
	 Agradabilidade (1,45) Estímulo (1,36)	agradável (54,6%) frenética (18,2%) relaxante (18,2%) estimulante (9,1%)	- Presença de vegetação; - Calçada larga; - Organização;
	 Agradabilidade (1,45) Estímulo (1,36)	agradável (54,6%) estimulante (18,2%) relaxante (18,2%) frenética (9,1%)	- Qualidade visual (paisagem); - Calçada ampla; - Organização;

	 Agradabilidade (1,45) Estímulo (1,0)	agradável (45,5%) estimulante (27,3%) relaxante (27,3%)	- Calçada larga; - Presença de árvores; - Ciclovia;
	 Agradabilidade (1,36) Estímulo (0,81)	agradável (54,4%) estimulante (36,4%) relaxante (9,1%)	- Presença de árvores; - Calçada larga; - Organização;
	 Agradabilidade (1,24) Estímulo (1,0)	agradável (45,5%) estimulante (18,2%) monótona (9,1%) melancólica (9,1%) angustiante (9,1%) relaxante (9,1%)	- Calçada larga; - Presença de sombra; - Presença de vegetação; - Organização; - Falta de manutenção (altura vegetação);
	 Agradabilidade (1,18) Estímulo (0,90)	agradável (63,3%) frenética (18,2%) estimulante (9,1%) desagradável (9,1%)	- Presença de vegetação; - Presença de sombra; - Calçada estreita; - Limite físico de proteção para pedestres;
	 Agradabilidade (1,1) Estímulo (1,18)	relaxante (27,2%) agradável (18,2%) estimulante (18,2%) desagradável (18,2%) monótona (9,1%) frenética (9,1%)	- Presença de vegetação; - Calçada larga; - Organização; - Qualidade visual (paisagem);

	 Agradabilidade (1,1) Estímulo (0,63)	agradável (45,5%) relaxante (36,4%) estimulante (9,1%) monótona (9,1%)	- Presença de vegetação; - Presença de árvores;
	 Agradabilidade (0,63) Estímulo (0,54)	agradável (54,5%) relaxante (27,3%) estimulante (9,1%) monótona (9,1%)	- Presença de vegetação; - Calçada larga; - Boa manutenção; - Presença de comércio;
	 Agradabilidade (0,63) Estímulo (0,54)	agradável (45,5%) estimulante (27,3%) frenética (18,2%) relaxante (9,1%)	- Calçada larga; - Ausência de árvores; - Organização;
	 Agradabilidade (0,63) Estímulo (-0,18)	agradável (45,5%) estimulante (36,4%) frenética (9,1%) monótona (9,1%)	- Presença de árvores; - Trânsito; - Ponto de ônibus; - Ciclovia;
	 Agradabilidade (0,54) Estímulo (0,27)	relaxante (54,5%) melancólica (18,2%) monótona (9,1%) desagradável (9,1%) agradável (9,1%)	- Calçada larga; - Boa manutenção; - Qualidade visual (paisagem); - Organização; - Presença de vegetação;

	 Agradabilidade (0,45) Estímulo (-0,18)	agradável, (63,6%) frenética (18,2%) monótona (9,1%) relaxante (9,1%)	- Calçada larga; - Qualidade visual (paisagem); - Trânsito;
	 Agradabilidade (0,36) Estímulo (0,27)	agradável (45,5%) monótona (18,2%) frenética (9,1%) desagradável (9,1%) estimulante (9,1%) relaxante (9,1%)	- Presença de barreiras físicas (poste); - Desorganizado; - Falta de manutenção;
	 Agradabilidade (0,36) Estímulo (0,18)	agradável (45,5%) monótona (27,2%) desagradável (9,1%) frenética (9,1%) angustiante (9,1%)	- Presença de vegetação; - Calçada larga;
	 Agradabilidade (0,36) Estímulo (0)	agradável (36,4%) monótona (27,3%) estimulante (18,2%) frenética (9,1%) desagradável (9,1%)	- Presença de árvores; - Falta de calçamento;
	 Agradabilidade (0,18) Estímulo (0,63)	agradável (36,3%) monótona (18,2%) frenética (18,2%) relaxante (18,2%) desagradável (9,1%)	- Calçada larga; - Presença de vegetação; - Organização; - Presença mobiliário urbano; - Presença de comércio;

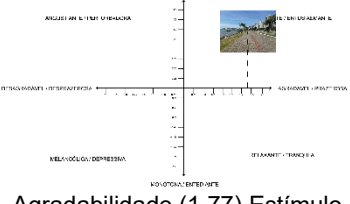
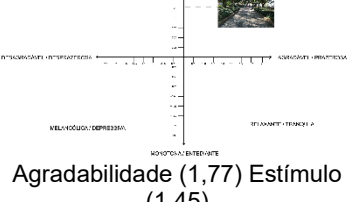
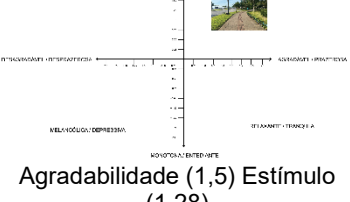
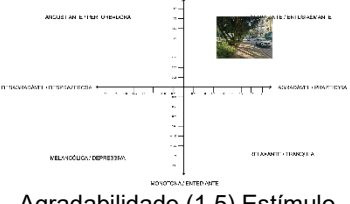
	 Agradabilidade (0,18) Estímulo (-0,18)	agradável (36,3%) monótona (27,3%) frenética (18,2%) estimulante (18,2%)	- Calçada estreita; - Presença de sombra; - Falta de manutenção;
	 Agradabilidade (0) Estímulo (0,72)	monótona (45,5%) agradável (27,3%) melancólico (18,2%) relaxante (9,1%)	- Calçada larga; - Presença de vegetação;
	 Agradabilidade (0) Estímulo (-0,45)	agradável (36,4%) melancólica (27,3%) monótona (9,1%) desagradável (9,1%) estimulante (9,1%) relaxante (9,1%)	- Calçada estreita; - Falta vegetação; - Prédios altos;
	 Agradabilidade (0) Estímulo (-0,18)	monótona (45,4%) desagradável (27,3%) frenética (9,1%) melancólica (9,1%) agradável (9,1%)	- Calçada estreita; - Prédios altos; - Carros próximos a calçada;
	 Agradabilidade (0) Estímulo (0)	agradável (45,5%) monótona (18,2%) frenética (18,2%) relaxante (18,2%)	- Calçada larga; - Falta vegetação; - Rua íngreme; - Limite físico de proteção para pedestres;

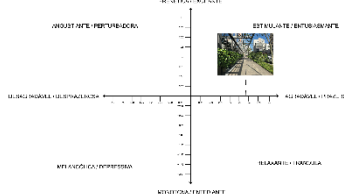
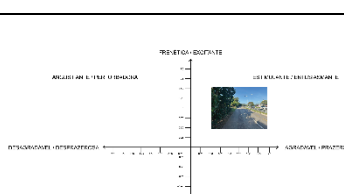
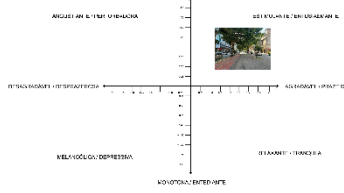
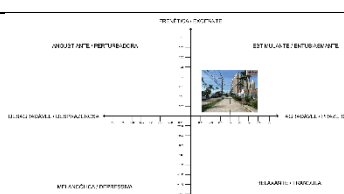
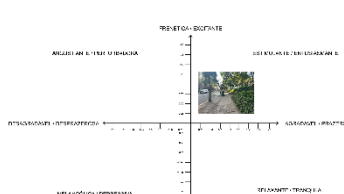
	 Agradabilidade (-0,18) Estímulo (-0,90)	monótona (27,3%) frenética (18,2%) desagradável (18,2%) angustiante (9,1%) melancólica (9,1%) agradável (9,1%)	- Calçada estreita; - Trânsito (carro na calçada); - Falta de sombra;
	 Agradabilidade (-0,27) Estímulo (-0,54)	frenética (36,4%) monótona (27,3%) melancólica (9,1%) angustiante (9,1%) desagradável (9,1%) agradável (9,1%)	- Calçada estreita; - Falta vegetação; - Presença de barreiras físicas (poste); - Prédios altos;
	 Agradabilidade (-0,36) Estímulo (-0,45)	monótona (45,5%) agradável (18,2%) frenética (9,1%) desagradável (9,1%) angustiante (9,1%) melancólica (9,1%)	- Calçada apenas para pedestre; - Calçada larga; - Poluição visual; - Falta de vegetação;
	 Agradabilidade (-0,63) Estímulo (0,72)	monótona (45,4%) desagradável (27,3%) angustiante (18,2%) estimulante (9,1%)	- Calçada estreita; - Muro/fachada paralela a rua; - Falta vegetação;
	 Agradabilidade (-0,63) Estímulo (-0,90)	monótona (45,5%) desagradável (36,4%) agradável (18,2%)	- Falta vegetação; - Prédios altos; - Limite físico de proteção para pedestres; - Calçada larga;

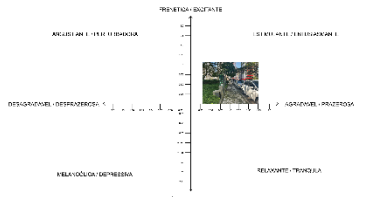
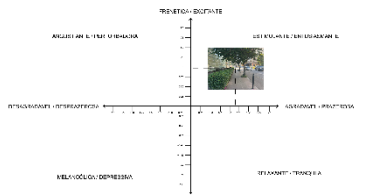
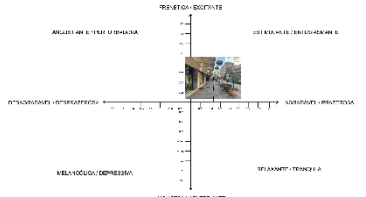
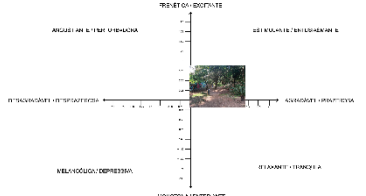
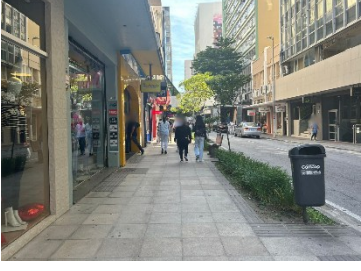
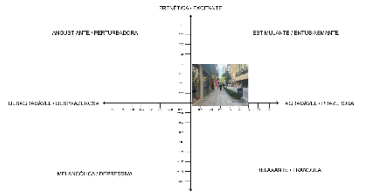
Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

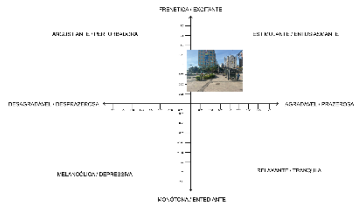
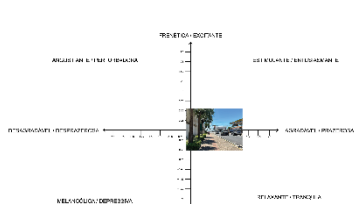
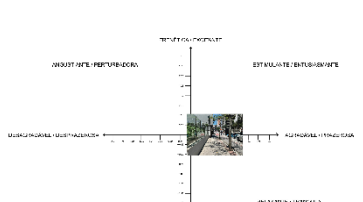
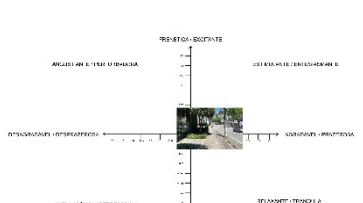
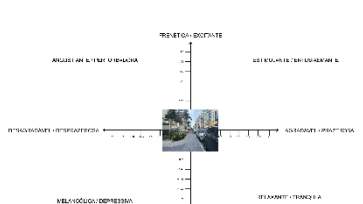
APÊNDICE E – QUADRO SÍNTESE DOS RESULTADOS DO GRUPO GERAL (IDOSOS E GRUPO CONTROLE)

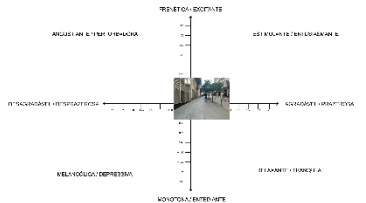
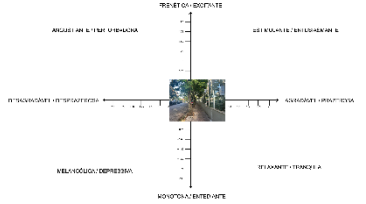
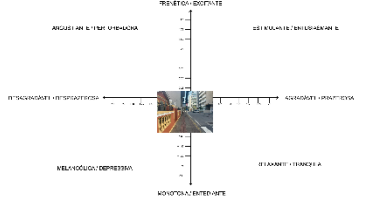
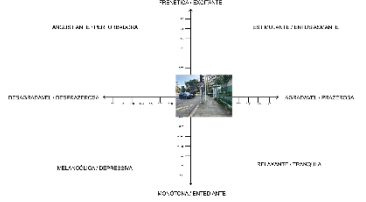
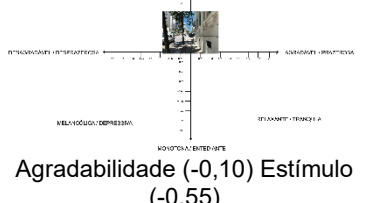
N=41 (Grupo geral (Idosos n=30 + Grupo controle n=11))

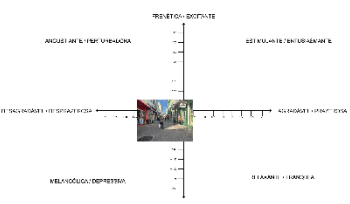
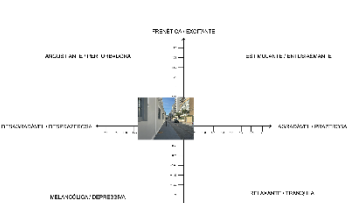
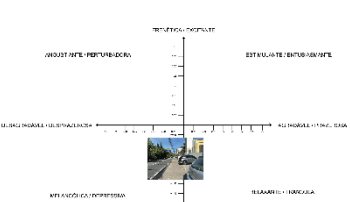
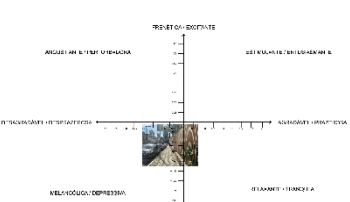
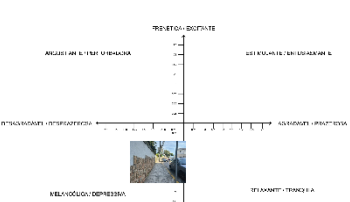
Imagem	Posição no modelo circumplexo (média dos valores de agradabilidade e estímulo)	Julgamento da paisagem (questão fechada)
	 Agradabilidade (1,77) Estímulo (1,66)	agradável (76,6%) estimulante (16,7%) relaxante (6,7%)
	 Agradabilidade (1,77) Estímulo (1,45)	agradável (70%) relaxante (16,6%) estimulante (10%) angustiante (3,4%)
	 Agradabilidade (1,5) Estímulo (1,28)	agradável (63,3%) estimulante (20%) relaxante (6,8%) monótona (3,3%) melancólica (3,3%) frenética (3,3%)
	 Agradabilidade (1,5) Estímulo (1,16)	agradável (75,9%) estimulante (13,8%) relaxante (10,3%)
	 Agradabilidade (1,36) Estímulo (0,94)	agradável (76,6%) relaxante (10%) estimulante (6,7%) desagradável (6,7%)

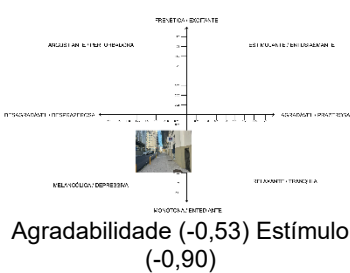
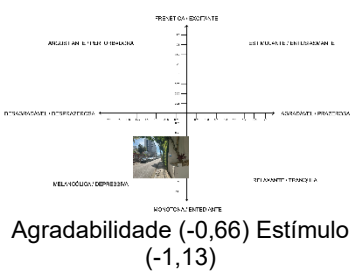
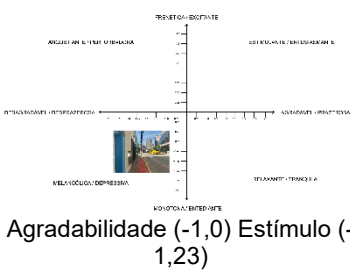
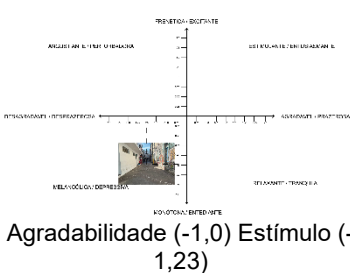
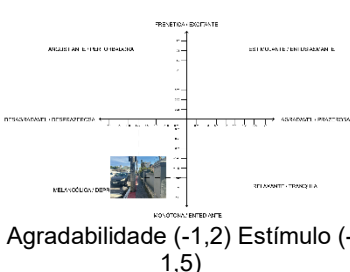
	 Agradabilidade (1,3) Estímulo (0,96)	agradável (63,4%) relaxante (16,7%) estimulante (13,3%) monótona (3,3%) angustiante (3,3%)
	 Agradabilidade (1,24) Estímulo (1,0)	agradável (60%) estimulante (13,3%) monótona (10%) relaxante (6,7%) frenética (6,7%) angustiante (3,3%)
	 Agradabilidade (1,24) Estímulo (0,83)	agradável (55,2%) frenética (17,2%) estimulante (10,3%) relaxante (6,9%) monótona (6,9%) desagradável (3,4%)
	 Agradabilidade (1,16) Estímulo (0,83)	agradável (68,8%) relaxante (17,4%) estimulante (6,9%) monótona (6,9%)
	 Agradabilidade (1,13) Estímulo (0,8)	agradável (75,1%) relaxante (7,1%) estimulante (7,1%) monótona (7,1%) melancólica (3,6%)

	 Agradabilidade (1,1) Estímulo (0,5)	agradável (56,6%) relaxante (23,5%) monótona (10%) melancólica (3,3%) frenética (3,3%) angustiante (3,3%)
	 Agradabilidade (1,0) Estímulo (0,93)	agradável (75,8%) angustiante (6,9%) frenética (6,9%) estimulante (3,4%) melancólica (3,4%) relaxante (3,4%)
	 Agradabilidade (1,10) Estímulo (0,89)	agradável (65,6%) estimulante (20,7%) frenética (6,9%) relaxante (3,4%) monótona (3,4%)
	 Agradabilidade (1,0) Estímulo (0,72)	agradável (32,1%) relaxante (28,5%) estimulante (14,3%) monótona (10,7%) angustiante (7,2%) frenética (7,2%)
	 Agradabilidade (0,96) Estímulo (0,41)	agradável (55,6%) estimulante (18,5%) relaxante (14,8%) monótona (11,1%)

	 Agradabilidade (0,83) Estímulo (0,6)	agradável (56,6%) estimulante (13,4%) monótona (10%) melancólica (6,7%) frenética (6,7%) angustiante (3,3%) relaxante (3,3%)
	 Agradabilidade (0,72) Estímulo (0,24)	agradável (42,9%) monótona (25%) melancólica (10,5%) frenética (7,2%) estimulante (3,6%) angustiante (3,6%) relaxante (3,6%) desagradável (3,6%)
	 Agradabilidade (0,66) Estímulo (0,10)	agradável (37,8%) monótona (20,7%) relaxante (17,2%) estimulante (10,5%) angustiante (6,9%) estressante (6,9%)
	 Agradabilidade (0,62) Estímulo (0,13)	agradável (34,6%) relaxante (20,6%) monótona (20,6%) frenética (10,4%) desagradável (6,9%) estimulante (3,4%) melancólica (3,4%)
	 Agradabilidade (0,56) Estímulo (0,13)	agradável (41,3%) monótona (37,9%) frenética (13,9%) estimulante (6,9%)

	 Agradabilidade (0,55) Estímulo (0,20)	monótona (34,6%) agradável (31,4%) relaxante (13,6%) desagradável (10,2%) melancólica (6,8%) estimulante (3,4%)
	 Agradabilidade (0,26) Estímulo (0,13)	agradável (42,9%) relaxante (17,8%) monótona (10,7%) melancólica (10,7%) angustiante (10,7%) desagradável (7,2%)
	 Agradabilidade (0) Estímulo (-0,36)	monótona (48,2%) agradável (17,2%) desagradável (10,4%) relaxante (10,4%) estimulante (6,9%) melancólica (6,9%)
	 Agradabilidade (0) Estímulo (-0,46)	monótona (36,6%) desagradável (16,6%) agradável (16,6%) relaxante (10%) estimulante (10%) angustiante (6,7%) melancólica (3,3%)
	 Agradabilidade (-0,10) Estímulo (-0,55)	monótona (31%) agradável (20,6%) frenética (17,2%) angustiante (17,2%) desagradável (10,3%) melancólica (3,7%)

	 Agradabilidade (-0,20) Estímulo (-0,44)	monótona (28,6%) agradável (25%) angustiante (14,3%) melancólica (10,7%) estimulante (10,7%) frenética (7,1%) desagradável (3,6%)
	 Agradabilidade (-0,20) Estímulo (-0,40)	monótona (65,5%) desagradável (10,4%) agradável (10,4%) estimulante (6,9%) angustiante (3,4%) frenética (3,4%)
	 Agradabilidade (-0,26) Estímulo (-0,50)	monótona (36,6%) desagradável (19,9%) agradável (16,7%) angustiante (16,7%) frenética (3,3%) melancólica (3,3%) relaxante (3,3%)
	 Agradabilidade (-0,37) Estímulo (-0,58)	monótona (41,4%) desagradável (24%) agradável (13,9%) melancólica (10,4%) angustiante (6,9%) frenética (3,4%)
	 Agradabilidade (-0,44) Estímulo (-0,82)	monótona (62,2%) desagradável (13,7%) melancólica (10,4%) agradável (6,9%) angustiante (3,4%) relaxante (3,4%)

	 Agradabilidade (-0,53) Estímulo (-0,90)	monótona (61,9%) desagradável (13,9%) melancólica (6,9%) angustiante (6,9%) agradável (6,9%) relaxante (3,4%)
	 Agradabilidade (-0,66) Estímulo (-1,13)	desagradável (34,5%) angustiante (20,7%) monótona (20,7%) melancólica (10,3%) frenética (10,3%) relaxante (3,4%)
	 Agradabilidade (-1,0) Estímulo (-1,23)	desagradável (37,9%) angustiante (31%) monótona (17,3%) melancólico (10,4%) frenética (3,4%)
	 Agradabilidade (-1,0) Estímulo (-1,23)	monótona (27,6%) desagradável (20,7%) melancólica (17,2%) estimulante (17,2%) angustiante (17,2%)
	 Agradabilidade (-1,2) Estímulo (-1,5)	desagradável (58,6%) angustiante (20,8%) monótona (17,2%) melancólica (3,4%)

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.